



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA REGIONAL E**  
**LOCAL**

**Amélia Saback Alves Neta**

**OS VERDES ÀS PORTAS DO SERTÃO: DOCTRINA E AÇÃO POLÍTICA DOS**  
**INTEGRALISTAS NA BAHIA (1932-1945)**

**SANTO ANTONIO DE JESUS – BA**

**2012**

**AMÉLIA SABACK ALVES NETA**

**OS VERDES ÀS PORTAS DO SERTÃO: DOCTRINA E AÇÃO POLÍTICA DOS  
INTEGRALISTAS NA BAHIA (1932-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Santo Antonio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em História, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Santos Silva.

**SANTO ANTONIO DE JESUS – BA**

**2012**

## FICHA CATALOGRÁFICA

A474v Alves Neta, Amélia Saback.

Os verdes às portas do sertão: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945). / Amélia Saback Alves Neta. - Santo Antonio de Jesus, BA: [s.n.], 2012.

145 f.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus V.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Santos Silva.

1. Ação Integralista Brasileira (Partido Político). 2. Integralismo – Serrinha (BA) – História. 3. Integralismo – Alagoinhas (BA) – História. 4. Brasil – Política e Governo – 1930-1945 I. Silva, Paulo Santos. II. Universidade do Estado da Bahia. III. Título.

DDC 320.98142

Biblioteca do Campus II / Uneb  
Bibliotecária: Maria Ednalva Lima Meyer - CRB: 5/544

**AMÉLIA SABACK ALVES NETA**

**OS VERDES ÀS PORTAS DO SERTÃO: DOCTRINA E AÇÃO POLÍTICA DOS  
INTEGRALISTAS NA BAHIA (1932-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Santo Antonio de Jesus, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em História, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Santos Silva.

Santo Antonio de Jesus, 15 de outubro de 2012.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Paulo Santos Silva (Orientador)  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

---

Prof. Dr. Carlos Zacarias F. de Sena Júnior  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Prof. Dr. Eurelino Teixeira Coelho Neto  
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

À minha mãe Vera Lúcia, à minha irmã  
Luciana e ao meu sobrinho João Pedro, pelo  
bem que me fazem e em razão do meu amor.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao orientador Paulo Santos Silva, que com muita dedicação e competência me ajudou a desenvolver esta dissertação. Sem o seu apoio, o seu crivo e a sua paciência, dificilmente alcançaria as páginas finais deste trabalho;

Aos professores Carlos Zacarias e Eurelino Coelho por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora e pelas observações críticas feitas no processo de qualificação, que me permitiram ampliar o olhar sobre o meu objeto;

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS, especialmente à secretária acadêmica Ane Nunes pela atenção e pelo suporte;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB pela concessão da bolsa de pesquisa, que viabilizou a execução deste trabalho;

Ao professor e amigo Maurício Brito e ao amigo Marcelo Oliveira pela leitura crítica do projeto com o qual ingressei no mestrado;

À professora e amiga Eliane Britto pela atenção e pelas dicas preciosas;

Ao professor Robério Souza pela oportunidade de realização do Tirocínio Docente em sua companhia e pelo aprendizado. Aos estudantes do 7º semestre (2011.1) da UNEB, Campus II, pela boa recepção;

Ao Grupo de Estudos sobre o Integralismo – GEINT pelas informações e pelas fontes acerca do integralismo;

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado da Bahia, da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Museu de Imprensa (ABI), especialmente a Valésia Vitória pela confiança;

Aos serrinhenses que me receberam carinhosamente na cidade e me ajudaram a enfrentar a solidão da pesquisa. Ao senhor Edmundo Bacelar por ter me permitido pesquisar no seu acervo particular;

Aos alagoinhenses Plínio Ubirajara Batista e Maria Odília de Camargo pela recepção afetuosa em suas casas e pelo interesse em desvendar junto comigo as vinculações políticas de seus familiares;

Aos funcionários da Câmara Municipal de Alagoinhas, especialmente a Epaminondas pela atenção;

Às colegas do mestrado Adriana, Kelman e Manuela e ao colega Ricardo pela convivência harmoniosa e pela companhia em Santo Antonio de Jesus, especialmente a Lali e a Manu, que vêm conquistando a minha amizade. Agradeço também a Isabela pela ajuda no Arquivo Público;

Aos colegas com os quais troquei informações e fontes;

Aos amigos Alan Costa por ter lido atenciosamente parte deste texto, mesmo sem dispor de tempo suficiente, Nakamura Júnior por ter me ajudado com os problemas de informática e José Augusto pelas idas à Biblioteca Pública;

Aos familiares que estão sempre ao meu lado, em momentos difíceis e felizes. À minha mãe Vera Lúcia por todas as coisas boas que me proporciona diariamente; ao meu pai Antonio Carlos pelo apoio e carinho; aos irmãos que torcem por mim: Antonio Marco pelos momentos de descontração, Júnior por estar sempre disposto a me ajudar e por fazer isso com prazer e Luciana pela lealdade e pela compreensão;

Ao meu Pedrinho por tornar-me feliz e por preencher os vazios da minha vida;

À prima Alessandra Andrade pelo companheirismo e pela amizade sincera;

A todos os familiares e amigos que torcem por mim, pelos bons momentos vividos ao longo desses dois anos.

*Linda Cor Verde! Ontem simbolizava a  
Esperança; hoje inspira ódio e pavor:  
amanhã... não sei o que serás!...*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Demóstheneis Martins. “Camisas pavorosas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 26 de abril de 1936, Ano XI, n. 46, p. 2.

## RESUMO

Esta dissertação investiga o movimento integralista no interior da Bahia, particularmente nas cidades de Serrinha e Alagoinhas, entre 1932 e 1945. Relaciona o programa doutrinário e a ação política dos integralistas nesses municípios e examina como a doutrina foi assimilada e levada à prática pelos adeptos do Sigma. O jornal *O Serrinhense* (1935-1936) e as cartas trocadas entre lideranças locais e de outras regiões do país serviram de suporte documental. Analisa também o conjunto de textos produzidos pelos comunistas, congregados no PCB, entre 1938 e 1945, para combater o integralismo, por eles associado ao nazifascismo. A revista *Seiva* (1938-1943), as crônicas do escritor Jorge Amado (1942-1944) e o jornal *O Momento* foram os meios através dos quais os pecebistas baianos atacaram os integralistas e produziram uma memória daqueles anos de confrontos políticos e ideológicos.

Palavras-chave: Bahia. Integralismo. Doutrina. Ação política. Anti-integralismo.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the Integralists movement in Bahia, particularly in the cities of Serrinha and Alagoinhas, between 1932 and 1945. It lists the doctrinal and political action of the Integralists in these municipalities and examines how the doctrine was assimilated and put in to practice from the adepts of the Sigma. The newspaper *O Serrinhense* (1935-1936) and the letters exchanged among local leaders and from other regions of the country served as documentary support. It also analyzes the set of texts produced by the communists congregated in the PCB, between 1938 and 1945, to combat the integralism, which they associated with Nazi fascism. The magazine *Seiva* (1938-1943), chronicles written by Jorge Amado (1942-1944) and the newspaper *O Momento* were the way that pecebistas baianos used to attack the Integralists, and produce a memory from those years of political and ideological clashes.

Keywords: Bahia. Integralism. Doctrine. Political action. Anti-integralism.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABE – Associação Brasileira de Escritores

ABI – Associação Baiana de Imprensa

ACMA – Arquivo da Câmara Municipal de Alagoinhas

ACMS – Arquivo da Câmara Municipal de Serrinha

AIB – Ação Integralista Brasileira

ALB – Academia de Letras da Bahia

AN – Arquivo Nacional

ANL – Aliança Nacional Libertadora

APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia

APEBa – Acervo Particular de Edmundo Bacelar

APHRC – Arquivo Público e Histórico de Rio Claro

APMOC – Acervo Particular de Maria Odília de Camargo

APPUB – Acervo Particular de Plínio Ubirajara Batista

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BP – Bureau Político

BPEB – Biblioteca Pública do Estado da Bahia

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CR – Comitê Regional

DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

FEB – Força Expedicionária Brasileira

FIGAM – Fundação Iraci Gama

IC – Internacional Comunista

IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

LSN – Lei de Segurança Nacional

PCB – Partido Comunista do Brasil

PCUS – Partido Comunista da União Soviética

PRP – Partido de Representação Popular

PSD – Partido Social Democrático

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TSJE – Tribunal Superior de Justiça Eleitoral

TSN – Tribunal de Segurança Nacional

UDN – União Democrática Nacional

UJB – União Jornalística Brasileira

UNE – União Nacional dos Estudantes

VFFLB – Via Férrea Federal Leste Brasileiro

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2 A INVESTIDA DOUTRINÁRIA DA AIB NA BAHIA</b>	20
2.1 INTEGRALISMO, COMUNISMO E LIBERALISMO: DISPUTAS POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS	22
2.2 ATIVIDADE DOUTRINÁRIA: A “MISSÃO HISTÓRICA” DA IMPRENSA INTEGRALISTA	34
2.3 PALESTRAS DE RUBEM NOGUEIRA AOS CAMISAS VERDES	48
<b>3 AÇÃO POLÍTICA NA “PROVÍNCIA MÁRTIR DO INTEGRALISMO”</b>	56
3.1 “CARAVANAS” E “BANDEIRAS” NO NORDESTE DA BAHIA	63
3.2 OS INTEGRALISTAS VÃO ÀS URNAS	70
3.3 LIDERANÇAS INTEGRALISTAS EM ALAGOINHAS	78
<b>4 VERSO E REVERSO DA HISTÓRIA: PRODUÇÃO DA MEMÓRIA COMUNISTA ACERCA DO INTEGRALISMO</b>	92
4.1 ANTIFASCISMO E ALIANÇA POLÍTICA: INTEGRALISMO NA BAHIA PELA REVISTA <i>SEIVA</i> (1938-1943)	98
4.2 ARMAS EM PUNHO: INTELECTUAIS EM AÇÃO NOS TEMPOS DE GUERRA	115
4.3 DENÚNCIA E “MISSÃO PATRIÓTICA”: A COBERTURA VIGILANTE DO JORNAL <i>O MOMENTO</i>	125
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	137
<b>FONTES</b>	140
<b>REFERÊNCIAS</b>	142

# 1 INTRODUÇÃO

Aos integralistas do Nordeste – “Um dia, quando tivermos implantado o Estado Integral no Brasil; um dia, quando formos uma Grande Nação respeitada, unida, forte, vitoriosa: – nós iremos inaugurar no sertão baiano o Monumento da Raça; e, ao troar dos canhões, ao rumor das asas e dos motores das belonaves que cortarão o céu azul da nossa terra, esplenderá, majestática, a Força de um Povo que resolveu despertar na mais prodigiosa das ressurreições!”<sup>2</sup>

Foi com o título de “Província Mártir do Integralismo” que Jader Medeiros se referiu à Bahia, em carta a Joaquim Pinto Batista Filho (1918-2005), datada de 26 de maio de 1981. O integralista do Rio de Janeiro aludia, possivelmente, à história da Ação Integralista Brasileira (AIB) nos anos de 1930 no estado, marcada pelo rápido crescimento e pela forte repressão que se abateu sobre o movimento.

Partindo dessa premissa, esta dissertação ocupa-se do integralismo no interior da Bahia, em particular nas cidades de Serrinha e Alagoinhas. Examina a maneira como os integralistas locais reivindicaram a doutrina do Sigma e materializaram-na em práticas sociais e lutas políticas. Investiga também a forma como os comunistas, congregados no Partido Comunista do Brasil (PCB), combateram o integralismo, criando estratégias discursivas para desbaratar aquele que, ao longo das décadas de 1930 e 1940, foi considerado o seu maior inimigo, o “nazifasci-integralismo”, expressão utilizada repetidas vezes nos textos lançados ao “povo”, procedimento que indica como os comunistas alinhavam nazifascismo e integralismo e explica o esforço do grupo para derrotá-lo.

O recorte temporal da pesquisa abrange desde o ano de lançamento do “Manifesto de Outubro” da AIB, em 1932, até o ano de 1945, momento em que se acentuaram as referências aos fascismos europeus e o alerta quanto à rearticulação dos integralistas foi dado. A reconstituição da atuação política dos integralistas, entretanto, ultrapassa o ano de 1945. Em alguns casos identificados neste trabalho, os integrantes do movimento persistiram em seu ideal, mesmo décadas depois da dissolução da AIB.

A opção por parte da região nordeste da Bahia, abrangendo Serrinha, Alagoinhas e arredores, como Ribeira do Pombal, Beritingas, Candeal e Inhambupe, está relacionada às possibilidades de reconstituição das estratégias políticas, das alianças e das formas de ação de lideranças integralistas nessas cidades. O espaço foi concebido em função das práticas

---

<sup>2</sup> Plínio Salgado. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1.

políticas e do relato delas, ou melhor, do jogo político que foi revelado através de jornais, revistas, memórias e cartas. De fato, as pesquisas realizadas em Serrinha permitiram, por exemplo, desvendar o papel de “Chefes” municipais na divulgação da doutrina do Sigma e na conquista de adeptos. Em Alagoinhas, as iniciativas de integrantes do movimento apontaram a importância desses indivíduos para a sobrevivência dos ideais integralistas durante anos, como reverberação dos acontecimentos da década de 1930.

Quanto à temática, os resultados de pesquisas mais recentes, em nível nacional, evidenciam que o interesse pelo integralismo, nas suas diferentes fases, tem aumentado. As discussões lançadas nos anos de 1970 por Hélió Trindade, através da obra *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30* (1974) e por Gilberto Vasconcellos, em *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista* (1979), foram incorporadas em novas abordagens acerca do tema. Os historiadores que retomaram o debate, nos anos de 1990, apresentando recortes espaciais, temporais e temáticos mais precisos, ampliaram o horizonte de interpretações sobre o movimento e criaram novas possibilidades de reconstituição da história do integralismo.

Os trabalhos de Hélió Trindade e de Gilberto Vasconcellos, pela importância interpretativa e metodológica, constituíram-se em referências indispensáveis aos estudos subsequentes acerca do movimento integralista. Nas considerações feitas por ambos, o integralismo é caracterizado pelo nacionalismo, anticomunismo e antiliberalismo.

Hélió Trindade contextualiza o desenvolvimento da doutrina da AIB, que remonta à década de 1920, destacando os elementos econômicos, políticos, sociais e ideológicos que reunidos consubstanciaram o ideário do grupo de intelectuais integralistas, especialmente de Plínio Salgado (1895-1975). Analisa também parte da sua obra romanesca e explícita de que maneira combinou engajamento político e produção literária. O autor demonstra ainda como se relacionaram as três bases – geográfica, econômico-social e moral – sobre as quais se apoiou o projeto integralista de construção nacional. Em um contexto de ascensão da direita e de organização de diferentes grupos de inspiração fascista, como a Ação Social Brasileira, a Legião Cearense do Trabalho, entre outros, a AIB transformou-se no “principal” partido da “extrema-direita” que almejava o poder.

Gilberto Vasconcellos reporta-se ao movimento literário de 1922 para recuperar a influência da formação política de Plínio Salgado. O autor identifica nos traços ideológicos da corrente “verdeamarela” do modernismo as raízes nacionais do totalitarismo da doutrina integralista. Conforme enfatiza, um dos aspectos que evidenciam esse vínculo com o

verdeamarelismo e dá especificidade ao integralismo em relação aos fascismos europeus é a importância atribuída ao discurso e à teoria na orientação da ação política. Considera o integralismo cópia dos fascismos europeus, embora reconheça o esforço de lideranças em provar a autonomia do programa doutrinário e identifique a sua especificidade, resultante da experiência de uma sociedade capitalista periférica. A figura do “curupira”, símbolo do ideal integralista, reflete para o autor a motivação de ordem nacionalista do movimento, mas não esconde a “contradição ideológica” da doutrina, mesmo porque, como sugere, “curupira” tem os pés e não os olhos voltados para dentro.

Se na década de 1970 os trabalhos se concentraram na análise da raiz ideológica da AIB, especulando o seu vínculo com os fascismos europeus, a partir dos anos de 1990 novas questões relacionadas ao programa doutrinário do integralismo e à atuação política dos seus integrantes foram lançadas. A incorporação de fontes diversificadas, a exemplo de memórias, periódicos de circulação nacional e local, obras literárias de Plínio Salgado, entre outras, possibilitou a produção de trabalhos mais consistentes.<sup>3</sup>

Alguns deram sinais dos avanços no campo dos estudos sobre o tema, seja abordando o imaginário social, como espaço de enfrentamento entre as forças políticas, e a produção dos “intelectuais” da doutrina, enxergando-os como intérpretes e produtores da ideologia dominante, seja enriquecendo o próprio objeto de pesquisa a partir da proposta da “nova história”, com novos temas, objetos e fontes. O trabalho de Eliana Freitas Dutra, *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30* (1997) é exemplar dessa tentativa de reexaminar a década de 1930, a partir da elaboração de um instrumental teórico e metodológico que incorporou conceitos pouco usados à época, a exemplo da psicanálise.

Para o caso específico da Bahia, são escassos os estudos que versam diretamente sobre a AIB, a despeito das pesquisas em arquivos públicos e pessoais indicarem as possibilidades de recomposição dessa história e de seus enigmas, pela diversidade de objetos e de abordagens que poderiam surgir. O trabalho de Laís Mônica Reis Ferreira, *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial (1933-1937)*, publicado em 2009, foi pioneiro nos estudos sobre o integralismo no estado, ao propor a relação entre o ideário integralista e a sua enunciação na imprensa.

---

<sup>3</sup> Muitos historiadores investiram em pesquisas sobre a temática do integralismo, boa parte deles reunida no Grupo de Estudos sobre o Integralismo – GEINT, organizado em setembro de 2001. A variedade de abordagens do tema resultou em várias publicações. Consultar, BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010.

Dois outros trabalhos ainda não publicados que, embora não tomem o integralismo como tema central da narrativa, contribuem para reconstituir a história do movimento na Bahia são os de Patrícia Carneiro Santos Moreira de Carvalho, *Juracy Magalhães e a construção do juracismo: um perfil da política baiana* (2005), e de Jacira Cristina Santos Primo, *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*, de 2006. No primeiro, o integralismo é abordado enquanto movimento que, assim como a ANL, proporcionou “desgastes políticos” a Juraci Magalhães (1905-2001). No segundo, o integralismo é tomado pela oposição e pelos conflitos com a ANL, movimento que reuniu diferentes grupos sociais.<sup>4</sup>

As revisões ocorridas na historiografia ao longo das décadas de 1970 e 1980 interferiram no campo da história política e abriram espaço para novas fontes, novos métodos e objetos, favorecendo o estudo do integralismo. Entretanto, essa atenção dada ao tema se explica melhor pelo consenso entre os historiadores da inexpressividade de trabalhos voltados para esse aspecto da história política do país, ou melhor, da história de um movimento político de direita, base para a formação de grupos que ainda reivindicam as ideias e as lições da AIB.

Nesta dissertação, através dos jornais foi possível entender a maneira como os integralistas da Bahia assimilaram a doutrina do Sigma e divulgaram-na entre os militantes. O jornal *O Serrinhense*, especificamente nos anos de 1932, 1935 e 1936, dirigido pelo chefe do núcleo integralista do município, Bráulio de Lima Franco (1910-1995), ofereceu dados sobre a dinâmica do integralismo nessa cidade e em outras do nordeste do estado. Assumindo a linha integralista, o periódico refere-se a nomes, acontecimentos e núcleos espalhados pela região. Publicou artigos de lideranças locais, como Rubem Nogueira (1913-2010), e nacionais, a exemplo de Miguel Reale (1910-2006), de Gustavo Barroso (1888-1959) e do próprio Plínio Salgado. Esse semanário se constituiu em um exemplo de jornal que cumpriu a “missão histórica”, a de doutrinar, reivindicada pelo Chefe nacional da AIB.

A imprensa integralista tem despertado a atenção dos historiadores que investigam a história do movimento no Brasil. Na condição de fonte ou objeto de estudo, os periódicos ligados ao movimento foram abordados pelos pesquisadores de diferentes estados. A

---

<sup>4</sup> CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do juracismo: um perfil da política baiana*. 2005. 173 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2005.; PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006.

publicação da coletânea *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista* (2011), que reúne artigos voltados para a análise de jornais e revistas do integralismo, exemplifica o interesse por esse tipo de abordagem.

Outros jornais que assumiram a linha política oposta permitiram desvendar a situação da AIB na capital e no interior. Foi o caso do jornal *Correio de Alagoinhas*, que teve papel destacado na imprensa local. Embora de orientação antifascista e anti-integralista, sobretudo, a partir dos anos de 1940, foi um veículo de informações sobre o integralismo. Entre 1933 e 1934, período em que fazia campanha favorável ao autonomismo, noticiou o aparecimento do integralismo na cidade. Na década de 1940, quando passou a ser dirigido por João de Castro (1906-1952), assumiu posição ofensiva em relação ao nazifascismo e ao integralismo, e apoiou o governo Vargas.

O jornal *O Momento*, dirigido por João Falcão, foi outro periódico que, em 1945, divulgou reiteradamente notas de denúncias da tentativa de rearticulação dos integralistas, apontando nomes e alertando sobre as atividades em redutos do interior que resistiram ao tempo. Como parte do conjunto de textos lançados pelos comunistas nos anos de 1940 para derrotar o integralismo, *O Momento*, buscando atingir a “massa” e convencê-la da sua tarefa, constituiu-se em importante fonte para análise da memória dos comunistas sobre os integralistas.

A pesquisa serviu-se também de revistas que auxiliaram a investigação sobre os movimentos políticos dos anos de 1930 e 1940. A primeira fase da revista *Seiva* (1938-1943), criação dos comunistas engajados na luta contra o Estado Novo e o nazifascismo, embasou a análise acerca dos recursos textuais por eles reunidos para combater o integralismo. Alguns números da revista da Academia de Letras da Bahia também foram consultados, uma vez que permitiram entender a maneira como o tema do integralismo foi retomado, por exemplo, por Rubem Nogueira, um dos integralistas que dela fez parte.

Assim como ocorre com a imprensa, as fontes localizadas em arquivos pessoais, como as cartas recebidas e remetidas pelo integralista Joaquim Pinto Batista Filho, em Alagoinhas, nos anos de 1970 e 1980, ajudaram na compreensão do movimento no município. As correspondências trocadas com lideranças de São Paulo e do Rio de Janeiro, a exemplo de Carmela Salgado, esposa do Chefe nacional, e de Jader Medeiros, revelaram a dinâmica de um grupo de integralistas ligados pelas afinidades ideológicas, ainda que separados pela distância.

Romances como *Teia de Prometeu* (s/d), de Alcindo de Camargo (1896-1950) e *Farda Fardão Camisola de Dormir* (1979), de Jorge Amado, conformam as fontes literárias aqui utilizadas. Apesar da diferença do tempo de produção das obras, a primeira escrita no calor dos acontecimentos, provavelmente na década de 1930, e a segunda na década de 1970, ambas criam representações do integralismo, configurando, no caso de Alcindo de Camargo, remissões à sua atuação no movimento.

As memórias políticas de indivíduos que articulados em grupos disputavam espaços de poder nas décadas de 1930 e 1940 completam o conjunto das fontes consultadas para este trabalho. Elas apresentam dados sobre ações, estratégias e ideias de integrantes do integralismo, como também do comunismo e do liberalismo na Bahia. As narrativas do integralista Rubem Nogueira, em *o Homem e o Muro* (1997), e de seus opositores a exemplo de João Falcão, em *O partido comunista que eu conheci* (1988) e de Juraci Magalhães, através de *O último tenente* (1996), revelaram facetas dessa história, irrecuperáveis através de outras fontes, e explicitaram disputas por aquele passado.

Esta dissertação está estruturada em quatro seções. A primeira delas é a introdução e as outras três articulam doutrina, ação política e “contradoutrina”. Na segunda seção, “Investida doutrinária da AIB na Bahia”, discutimos o embate ideológico entre integralismo, comunismo e liberalismo, vertentes em torno das quais se revezava a opção política no período, basicamente a partir do exame de documentos oficiais da AIB, como o Manifesto de Outubro de 1932, o Boletim de Abril de 1933 e o Manifesto-Programa de 1936, de publicações de Plínio Salgado e do jornal *Correio de Alagoinhas* (1933-1934; 1942-1944).

Analisamos também pontos da doutrina do Sigma como o “sufrágio universal”, o comunismo, a Aliança Nacional Libertadora, e o governo Vargas, presentes em textos e discursos de lideranças integralistas, e em artigos e matérias divulgadas através do jornal *O Serrinhense*, nos anos de 1932, 1935 e 1936. Examinamos, ainda, o conteúdo das “Palestras Integralistas” de Rubem Nogueira, que versam sobre o processo eleitoral no interior do estado e recuperamos o clima de disputa pelo passado entre suas memórias e as de Juraci Magalhães.

A seção 3, intitulada “Ação política na ‘Província Mártir do Integralismo’”, é resultado da tentativa de reconstituir a ação política dos integralistas nas cidades que compõem o recorte espacial da pesquisa. Para uma discussão de como os núcleos de Serrinha e de Alagoinhas dinamizavam-se, bem como os seus integrantes se articulavam e lutavam pelo poder local, abordamos, em relação à Serrinha, matérias de *O Serrinhense*, tratando do sentido do poder para os integralistas e das atividades dos núcleos da região.

Sobre Alagoinhas, as análises se concentraram nas fontes voltadas para dois integralistas que, pela posição ocupada no movimento ou pela atuação política na cidade, se destacaram. Foram os casos do chefe Alcindo de Camargo, que fundou o núcleo local do integralismo e elegeu-se vereador no pleito de janeiro de 1936, e de Joaquim Pinto Batista Filho, que transformou os princípios doutrinários da AIB em valores básicos para sua vivência e de seus familiares. Além do jornal *Correio de Alagoinhas*, de narrativas memorialísticas da escritora Maria Feijó (1918-2001) e de Salomão Barros, e das atas da Câmara, referentes aos anos de 1951 a 1954, examinamos cartas e a obra literária inédita *Teia de Prometeu* (s/d), de Alcindo de Camargo.

Na quarta e última seção, “Verso e reverso da história: produção de uma memória comunista acerca do integralismo”, adotamos a perspectiva de “contradoutrina” ao abordar os recursos discursivos reunidos pelos comunistas contra o movimento integralista naquele período em que disputavam espaços de poder. Fizemos um breve histórico das iniciativas do PCB ao longo da década de 1930, período em que o integralismo se configurou e se dissolveu, abordando o projeto anti-imperialista e antifascista das organizações de esquerda surgidas no período, como a ANL.

A seção analisa também os artigos da revista *Seiva*, ao investigar os objetivos dos comunistas naquele contexto de guerra e suas relações com a política internacional e nacional. Busca entender como os intelectuais comunistas concebiam, incorporavam e assumiam a tarefa de combate ao nazifasci-integralismo, com base nas produções do escritor Jorge Amado, que demonstram o esforço de escritores/intelectuais em se colocarem a serviço da causa democrática. Finalmente, o trabalho se encerra com a discussão da forma como a imprensa comunista, a partir das reportagens de *O Momento* (1945), retratou o tema, ao denunciar a rearticulação dos integralistas em torno do Partido de Representação Popular (PRP) na capital e no interior do estado.

## 2 A INVESTIDA DOUTRINÁRIA DA AIB NA BAHIA

A relação da Ação Integralista Brasileira (AIB) com os fascismos europeus ensejou ao longo da década de 1970 a produção de trabalhos que se transformaram em referências indispensáveis ao estudo do integralismo. Em conjunto, suscita debates acerca da ideologia integralista que são sempre retomados por historiadores que analisam o movimento.

Os estudos de Hélió Trindade, *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30* (1974), e de Gilberto Vasconcellos, *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista* (1979), se inserem nesse debate e divergem quanto à maneira de entender a ligação do integralismo com o fascismo europeu. Para Hélió Trindade, o fato de o integralismo ter utilizado o fascismo como referência não permite considerá-lo mera cópia do modelo externo. Ainda que os fascismos europeus tenham exercido forte influência sobre o movimento, o que pode ser percebido tanto em sua ideologia quanto em sua forma de organização, devem ser consideradas as condições internas que favoreceram o surgimento e desenvolvimento da AIB no país.<sup>5</sup>

Gilberto Vasconcellos, por sua vez, considera o integralismo “mimético”, em relação aos fascismos. O diferencial entre um e outro estava, para o autor, na “fantasmagoria de uma utopia autonomística em relação às nações capitalistas hegemônicas”. Contraditoriamente, o contexto de dependência, recusado pelo integralismo, tornava-o específico, ao menos ao nível do discurso. Tratava-se, como sugere, de um “discurso fascista” em uma sociedade de capitalismo periférico.<sup>6</sup>

A abordagem sobre a relação da AIB com os fascismos no período em que esses trabalhos foram produzidos explica-se pelo interesse em entender as ideologias autoritárias, no contexto da ditadura militar. Essa questão, contudo, tem sido explorada juntamente com outras, voltadas para aspectos mais específicos do movimento em diferentes estados.

O vínculo com o seu congênere dificilmente será contestado e pode ser atestado nos primeiros documentos oficiais da AIB, o Manifesto de Outubro de 1932 e o Boletim de abril

---

<sup>5</sup> Basicamente no Capítulo III, “A ideologia”, da terceira parte, o autor faz uma discussão mais aprofundada da questão. Sobre a “atitude face ao fascismo europeu”, ver TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 255-263.

<sup>6</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 17.

de 1933, nos quais foram elencados os princípios fascistas que seriam aproveitados pela “democracia integral”. Além disso, o próprio Plínio Salgado, em viagem à Europa, às vésperas da “Revolução de 1930”, havia mantido contato com Mussolini e demonstrado fascínio pela experiência fascista.<sup>7</sup>

Aspectos da ideologia integralista, como o nacionalismo, o anticomunismo, a ideia de “transformação” social e do Estado, o espiritualismo, e da estrutura organizativa, hierarquizada e controlada pelo chefe, além dos rituais e da simbologia também remetem ao fascismo.<sup>8</sup> Mas o aprofundamento nos estudos sobre o tema tem demonstrado que a ascensão, a expansão e o declínio do integralismo nos anos de 1930 e de 1940 é objeto complexo.

A própria doutrina integralista é matizada por concepções diferentes das lideranças nacionais, a exemplo de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, em pontos como o Estado integral, o nacionalismo e o antisemitismo.<sup>9</sup> Apropriada por lideranças regionais, a doutrina ganha contornos específicos, constituindo-se muitas vezes na combinação de pontos de vista diferentes, o que leva a crer que o integralismo não pode ser considerado um movimento homogêneo. De uma região para outra há diferenças quanto à ênfase em determinados aspectos doutrinários, à forma de expandir a doutrina e atrair adeptos, à relação com o governo local, entre outras.

Na Bahia, o movimento integralista desenvolveu-se com força no interior, ao contrário, por exemplo, de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde foi considerado, eminentemente urbano. O crescimento no interior do estado, sobretudo a partir de 1935, foi tamanho a ponto de despertar a atenção do governador Juraci Magalhães, que adotou uma série de ações repressivas contra os integralistas, como será visto adiante.

Esta seção ocupa-se da forma como a doutrina do Sigma foi assimilada pelas chefias integralistas do interior da Bahia, basicamente pelas de Serrinha, e transmitida aos militantes. Através do exame de edições do jornal *O Serrinhense* foi possível perceber os temas que predominaram neste semanário com o intuito de doutrinar os sertanejos e expandir o movimento.

<sup>7</sup> *Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).; TRINDADE, Hégio. *Integralismo*. Verbetes – CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>> Acesso em: 29 de agosto de 2012.

<sup>8</sup> TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro; Porto Alegre, Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 264-281.

<sup>9</sup> TRINDADE, Hégio. Op. Cit.. Para Marly Vianna, o anticomunismo foi o único ponto que deu coesão ao ideário integralista. VIANNA, Marly de A. G. *Algumas notas sobre o integralismo*. Disponível em: <[http://www.achegas.net/numero/42/marly\\_42.pdf](http://www.achegas.net/numero/42/marly_42.pdf)> Acesso em: 5 de setembro de 2012.

## 2.1 INTEGRALISMO, COMUNISMO E LIBERALISMO: DISPUTAS POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS

No Manifesto de Outubro, de 1932, e no Boletim de Abril, de 1933, Plínio Salgado explicou os fundamentos da doutrina integralista, de nítido conteúdo nacionalista, hierárquico e centralizador. Nesses textos, já demarcava a posição do integralismo em relação ao liberalismo e ao comunismo, aos quais dirigiu sucessivos ataques, especialmente ao último, com o qual o movimento integralista se polarizaria ao longo dos anos de 1930 e de 1940.<sup>10</sup>

Os integralistas recorreram ao regime liberal democrático para atestar a sua inadequação enquanto sistema político na sociedade brasileira. O integralismo contestava a “divisão da Nação” em partidos políticos, em “classes” e “Estados”, e negava a eficácia do “sufrágio universal”. A nação, conforme o integralismo, deveria ser “indivisível” e organizada em “classes profissionais”. Ao governo, “representativo da Pátria”, caberia promover a “disciplina”, a “harmonia” social e manter a “hierarquia”.<sup>11</sup>

O “Estado Liberal” era concebido como espectador das questões sociais e econômicas do país, através do qual o “poder econômico” e o “individualismo desenfreado” ameaçava o “poder jurídico”. Portanto, o liberalismo deveria ser responsabilizado pela “luta de classes” e pelo “bolchevismo”. O discurso doutrinário integralista ignorava a perspectiva do conflito, ao insistir na convivência harmoniosa entre os homens, mesmo que diferenciados em suas “aptidões” e elevados para sua “vocação”. O integralismo, ao contrário, defendia um estado forte, capaz de assumir um papel fiscalizador e intervencionista do ponto de vista econômico, e de integrar os grupos profissionais.<sup>12</sup>

No que diz respeito à “liberdade”, o integralismo radicalizava em sua argumentação ao afirmar que o liberalismo era a negação dela, conforme certificava o Manifesto-Programa, de janeiro de 1936: “O Integralismo, em suma, é a teoria da disciplina e a prática da liberdade, ao passo que o liberalismo é a teoria da liberdade e a prática da escravidão.”<sup>13</sup>

<sup>10</sup> *Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

<sup>11</sup> *Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

<sup>12</sup> *Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).; SACERDOS. *O Homem Integral e O Estado Integral: filosofia política de Plínio Salgado*. 2 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1987, p. 54-57.

<sup>13</sup> SACERDOS. Op. Cit., p. 58-59.; SALGADO, Plínio. *Manifesto-Programa* (Concretização da Doutrina do Manifesto de Outubro de 1932). Secretaria Nacional de Propaganda. IV Ano da Era Integralista. RJ, 23 de

O integralismo combatia o regime da Primeira República. Na Bahia, o poder concentrava-se entre as forças reunidas por Juraci Magalhães e as elites desalojadas do poder como o movimento de 1930, reorganizadas, a partir de 1933, em torno de Otávio Mangabeira. A interventoria de Juraci Magalhães significou, como salienta Consuelo Novais Sampaio, a “acomodação dos ideais revolucionários”, circunstância em que o interventor estabeleceu acordos com os chefes políticos do “2º escalão” e com os coronéis, criando, em poucos meses, uma base de sustentação política.<sup>14</sup>

Contra a centralização político-administrativa e visando recuperar a “autonomia” política da Bahia, a oposição articulou-se na Liga de Ação Social e Política (LASP), a partir de 1932, que fez campanha em favor da reconstitucionalização do país, organizando-se, posteriormente, em torno de Otávio Mangabeira, com a Concentração Autonomista da Bahia. O autonomismo também reuniu antigos adversários políticos, a exemplo de J. J. Seabra, que apoiara o movimento da Aliança Liberal no estado, e do próprio líder dos autonomistas, Otávio Mangabeira, que retornaria do exílio, em agosto de 1934, para se juntar aos interessados no passado de “glórias” da Bahia.

Segundo Paulo Santos Silva, a Concentração Autonomista nascera de um “estímulo eleitoral, quase de improviso”, ou seja, não possuía programa político e surgiu como reação ao projeto centralizador do governo, expresso pela política de interventoria no estado.<sup>15</sup> Após o insucesso da disputa eleitoral de 1933, na qual a chapa oposicionista “A Bahia ainda é a Bahia” elegeu somente dois constituintes, as elites políticas desalojadas do poder lançaram-se nas eleições estaduais de 24 de outubro de 1934, pela chapa “Governador Otávio Mangabeira”, com uma perspectiva regionalista e visando tomar a Bahia das mãos “forasteiras”.

O grupo deposto do poder em 1930, que se articulava em torno do autonomismo anos depois, combateu energicamente o novo governo e a política de interventorias, visando reduzir a credibilidade do tenente Juraci Magalhães no estado. Depois de conquistar o apoio

---

janeiro de 1936. O manifesto, lido no conclave integralista, em 25 de janeiro de 1936, foi publicado fracionadamente no jornal *O Imparcial*, Salvador (Bahia) 1º de fevereiro de 1936, Ano XIII, n. 1589, p. 1 e 2.; 2 de fevereiro de 1936, Ano XIII, n. 1590, p. 3 e 8.; 3 de fevereiro de 1936, Ano XIII, n. 1591, p. 1 e 2. BPEB

<sup>14</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 63-64. CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do juracismo: um perfil da política baiana*. 2005. 173 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2005, p. 55.

<sup>15</sup> SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 38.

de segmentos das oligarquias locais, entretanto, Juraci Magalhães fundou o Partido Social Democrático (PSD), em 24 de janeiro de 1933, fazendo novas alianças políticas. Estrategicamente, “acomodou” a elite política no diretório do partido e assegurou a autonomia dos governos locais, com os seus estatutos.<sup>16</sup>

Nas eleições de 3 de maio de 1933, para a Assembleia Nacional Constituinte, o PSD, que concorreria entre outras com a legenda “A Bahia ainda é a Bahia”, obteve 50.908 votos, dos 66.038 apurados no estado, elegendo vinte deputados constituintes, contra dois da oposição. Os resultados favoráveis ao partido do interventor refletiram o sucesso das estratégias de alianças com lideranças políticas do interior e de fundação de diretórios municipais do partido, nucleados pelo de Salvador.<sup>17</sup> Em 24 de abril de 1935, o capitão Juraci Magalhães foi eleito, indiretamente, governador constitucional pela Assembleia Legislativa, posição que ocuparia até 10 de novembro de 1937, quando renunciou ao governo da Bahia, após o golpe de Estado de Getúlio Vargas.

Os políticos remanescentes da Primeira República que se aliaram ao interventor, além da projeção pessoal na esfera federal, visavam recuperar o espaço político da Bahia no cenário nacional, com o intuito de fazê-la ressurgir politicamente. Objetivo que Juraci Magalhães utilizaria a seu favor para congregar antigos adversários em torno de si e em nome da Bahia.<sup>18</sup> Os resultados das eleições de 1933 vislumbraram para o grupo majoritário a possibilidade de implantação de um “partido nacional”, o que não se concretizaria.

Com uma postura mais pragmática, os autonomistas realizaram “caravanas” pelo interior para a “libertação da Bahia”. Os resultados dessa investida foram percebidos na eleição de treze constituintes estaduais e de sete deputados federais, entre eles, Otávio Mangabeira, que buscava se projetar como uma liderança de reconhecimento nacional, embora reivindicasse para a Bahia a sua autonomia, o seu prestígio nacional e o retorno ao seu passado.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 93-96.

<sup>17</sup> CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do juracismo: um perfil da política baiana*. 2005. 173 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2005, p. 76.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 93-94.

<sup>19</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. *Op. Cit.*, p. 102.; SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 37. e PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006, p. 14.

As campanhas da Concentração Autonomista pelo interior surtiram especialmente efeito em municípios como Alagoinhas e Bonfim. Nestes municípios os resultados eleitorais de 1934 não favoreceram a Juraci Magalhães. Em carta a Getúlio Vargas, pouco menos de um mês após o pleito, o governador registrou a sua incompreensão das eleições naquelas cidades, às quais, como enfatizou, prestou “relevantes” serviços públicos.<sup>20</sup> Em Alagoinhas, o autonomismo encontrou terreno fértil para fazer germinar a luta pela “autonomia” do estado. Através do jornal *Correio de Alagoinhas*, que serviu como porta-voz do grupo liderado por Otávio Mangabeira, sobretudo a partir de agosto de 1934, os autonomistas lançaram a campanha de “reintegração da Bahia à posse de si mesma”.<sup>21</sup>

Foi a partir de 4 de agosto de 1934 que o jornal se direcionou à campanha da Concentração Autonomista, posição que se acentuaria às vésperas das eleições de outubro, embora desde o ano de 1933 tenha dado espaço à campanha oposicionista de J. J. Seabra e se referido à anistia política de Otávio Mangabeira.<sup>22</sup>

Ao apresentar a chapa “Governador Otávio Mangabeira”, o jornal apelava ao patriotismo e ao sentimento de pertencimento dos baianos: “Homenagem ao glorioso exilado. Sóis baiano? Tendes patriotismo?” Os autonomistas locais se organizaram em comissões para homenagear Otávio Mangabeira durante a sua passagem por Alagoinhas, reunindo cerca de 51 pessoas.<sup>23</sup> Os representantes do autonomismo na cidade eram Joaquim Climério Dantas Bião, chefe local, e Carlos Olympio Pinto de Azevedo (1884-1947), candidato à Câmara estadual e diretor do semanário desde setembro de 1934, o que, em parte, explica a sua campanha de defesa da Concentração Autonomista nesse período.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006, p. 18.

<sup>21</sup> *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 11 de setembro de 1934, Ano XXX, n. 1392, p. 1. IGHB

<sup>22</sup> “Anistia”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 7 de outubro de 1933, Ano XXVIII, n. 1350, p. 1.; “A Bahia a Otávio”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 20 de setembro de 1933, Ano XXVIII, n. 1347, p. 1.; “A próxima visita a Alagoinhas de um grande baiano”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 30 de abril de 1933, Ano XXVI, n. 1329, p. 1.; “O Sr. J. J. Seabra e o antiprojeto da Constituinte”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 25 de novembro de 1933, Ano XXVIII, n. 1357, p. 1.; “O dinamismo do Sr. Seabra”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 20 de janeiro de 1934, Ano XXVIII, n. 1365, p. 1.; “O momento político”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 15 de março de 1934, Ano XXVIII, n. 1371, p. 1.; “Aos Alagoinhenses”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 17 de julho de 1934, Ano XXX, n. 1388, p. 1. IGHB

<sup>23</sup> O jornal publicou a lista da comissão organizadora, onde constam, entre outros, os nomes de José Feijó de Sousa e Júlia Feijó de Souza, pais da escritora e professora primária Maria Feijó. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, 11 de setembro de 1934, Ano XXX, n. 1393, p.1. IGHB

<sup>24</sup> “Alagoinhas e a ‘Concentração Autonomista’”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 22 de setembro de 1934, Ano XXX, n. 1394, p. 1. Na página 3 desta edição foi publicado o manifesto da Concentração Autonomista e a lista dos candidatos para deputados federais e estaduais. IGHB. Dantas Bião faleceu em 1936.

Dadas as demonstrações em favor de Otávio Mangabeira e a mobilização dos autonomistas em Alagoinhas, visando a “desumilhação da Bahia, reduzida a terra de ninguém”, não surpreende a derrota do interventor na cidade, comprometida, como salienta a redação do *Correio de Alagoinhas*, em “ir com Otávio até onde Otávio quisesse ir”.<sup>25</sup> O investimento de Juraci Magalhães no setor público no município pode ter refletido a tentativa de conquistar o eleitorado local, dividido entre os autonomistas e o integralismo que despontava, embora timidamente.

Nesse contexto, os camisas verdes buscavam realizar uma “revolução integralista” e implantar o “Estado Integral”. Mas, uma “revolução” feita através das consciências, sem alterar o curso da marcha para o futuro: “Nós somos a Revolução em marcha. Mas a Revolução com programa. Por isso, franca, leal e corajosa.”<sup>26</sup> Ainda não investiam nas disputas eleitorais, o que se modificaria em meados de 1935 e, principalmente, em 1936, momento em que passaram a encarar o voto político como arma poderosa contra o regime liberal democrático, como será discutido na próxima seção.

Com o “movimento revolucionário”, os integralistas pretendiam salvar o país do regime que o transformou em uma “colônia de banqueiros”.<sup>27</sup> Ao contrário dos autonomistas, que reivindicavam o passado de “glórias” da Bahia no cenário nacional e pleiteavam os postos de mando da Primeira República, os integralistas vislumbravam o futuro e diziam por ele trabalhar. O passado lhes servia pelo insucesso político, enquanto “bode expiatório”. Para o Chefe Nacional, Plínio Salgado, os camisas verdes marchavam rumo à vitória, sem preocupação com os resultados imediatos da luta política, argumentando:

Sabemos de onde viemos: das inquietações de um povo. Sabemos onde estamos: nos sonhos da juventude. Sabemos como iremos: com a segurança das ideias claras, definidas, através de uma campanha feita de franqueza e lealdade, sacrifício e heroísmo. Sabemos para onde vamos, para o início de uma Nova Civilização.<sup>28</sup>

<sup>25</sup> “O filho dileto da Bahia”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 7 de outubro de 1934, Ano XXX, n. 1397, p. 1.; “Alagoinhas está a caminho de nova demonstração de seu civismo”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 29 de setembro de 1934, Ano XXX, n. 1394, p. 1.; “Dr. Otávio Mangabeira recebeu a maior demonstração de solidariedade que Alagoinhas já fez”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 13 de outubro de 1934, Ano XXX, n. 1398, p.1. IGHB

<sup>26</sup> *Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

<sup>27</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde II”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2. O semanário e a relação com o integralismo será analisado em uma subseção específica. Todos os números foram localizados no Acervo Particular de Edmundo Bacelar – APEBa, Serrinha, Bahia.

<sup>28</sup> “De onde viemos, onde estamos e para onde vamos”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 10 de maio de 1936, ano XI, n. 48, p. 2.

Outra divergência que existia entre o integralismo e o liberalismo, e envolvia a ideia de “Estado”, era a questão da centralização política, alvo dos autonomistas na Bahia, como foi visto. Os liberais lutavam por estados independentes. Os integralistas visavam à diminuição da autonomia dos estados, com a centralização política, garantia da implantação do Estado forte e integral. Tentavam simplificar a questão apresentando a seguinte solução:

Resolvamos a questão social, no seu tríplice aspecto econômico, político e ético; acabemos com os partidos políticos, advogados dos interesses de grupos e castas; centralizemos a política, limitando as autonomias dos Estados, na Federação, para que deixemos de ser um aglomerado de 21 republiquetas a lutarem por uma hegemonia antibrasileira; defendamos a liberdade com a disciplina; executemos a verdadeira democracia, com a extinção do sufrágio universal, e o advento do regime corporativo; tornemos o trabalho, sujeito da economia, um dever social; eduquemos o povo na escola dos princípios cristãos; fortaleçamos o espírito de patriotismo e desprendimento da mocidade; façamos justiça aos que dela têm sede, e o Brasil será salvo.<sup>29</sup>

Essa saída para os integralistas resolveria o problema causado pelo comunismo, ao qual se destinaria uma “medicina específica”, o fim do regime responsável pela sua expansão. O comunismo era considerado pelo integralismo como uma doença social, que havia se favorecido com a indiferença do Estado liberal. Plínio Salgado referiu-se em várias ocasiões à incompatibilidade doutrinária do integralismo com o comunismo, entre outras coisas, pela concepção materialista de história, pelo internacionalismo, pela negação do direito à propriedade privada e pela perspectiva de luta de classe.<sup>30</sup>

Entre os pontos do Manifesto de 1932 e do Manifesto-Programa de 1936 da AIB está o “combate ao comunismo”, por meio da educação e da vigilância. Posição ofensiva que os integralistas sustentariam também em nome da nação: “A índole brasileira repele o comunismo. O integralismo o combate sem tréguas.”<sup>31</sup> Alegando a defesa da nação, os integralistas colocaram-se à disposição do governo Vargas, após o movimento comunista de novembro de 1935, em Natal, Recife e Rio de Janeiro.

Edgar Carone salienta que o integralismo, “síntese” do fascismo, serviu como “instrumento da classe dominante” no Brasil, exercendo a função de “dedo-duro” contra os comunistas e liberais. Entre 1935 e 1937 passou a ser um “órgão” de auxílio às autoridades, engajado na caça aos comunistas, daí o seu “caráter policialesco”, denunciado pelo PCB,

<sup>29</sup> “Comunismo e o seu remédio específico”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de março de 1936, Ano XII, n. 39-590, p. 1.

<sup>30</sup> SACERDOS. *O Homem Integral e O Estado Integral: filosofia política de Plínio Salgado*. 2 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1987, p. 61.

<sup>31</sup> “A Aliança Libertadora”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 26 de maio de 1935, Ano XII, n. 2-553, p. 1.

segundo o autor.<sup>32</sup> Na Bahia, o Serviço de Informações da AIB costumava apresentar dossiês dos seus inimigos, especialmente, dos comunistas, contendo indicações de nomes que deveriam ser perseguidos, às Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS).<sup>33</sup>

Em contrapartida, os comunistas, envolvidos com a luta antifascista, principalmente a partir de 1934, após endossar a política de “frente única”, lançaram-se no embate contra os integralistas, por vezes ultrapassando o nível do discurso e atingindo o da força física. O integralismo representava a “contrarrevolução”, a serviço da burguesia e do imperialismo, no processo revolucionário que os comunistas acreditavam ter iniciado com os levantes de 1935. Por essa razão, deveria ser combatido, “com todas as armas, na teoria e na ação”.<sup>34</sup>

Ficaram conhecidas na historiografia as “batalhas” da Praça da Sé, em 1934, de Petrópolis, em 1935, e da Avenida Paulista, de 1937, também chamada de “A Parada dos 10.000”, promovidas pelas forças antifascistas, às quais o PCB aderiu, para impedir a realização dos atos públicos dos integralistas. Na Bahia, somente entre agosto e dezembro de 1935, quatro bombas de clorato foram lançadas contra núcleos integralistas da capital, por grupos possivelmente ligados à ANL.<sup>35</sup> Aos comunistas foi atribuída também a responsabilidade pelo atentado contra o jornal *O Imparcial*, em dezembro de 1935. Nessa fase, o jornal fazia campanha integralista e veiculava um discurso anticomunista, tendo condenado o levante armado de novembro do mesmo ano, razões pelas quais, para os integralistas, foi alvo dos comunistas “furiosos”.<sup>36</sup>

A luta dos comunistas contra o integralismo atingiu o período do Estado Novo e intensificou-se a partir de janeiro de 1942, após o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países que representavam o nazifascismo, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, os comunistas aderiram à linha política de “União Nacional” com Vargas, contra o nazifasci-integralismo, ao qual será dedicada uma seção à parte neste trabalho.

Para Edgar Carone, após o acontecimento da Praça da Sé, em 1934, o integralismo “reflui”, exceto nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, e passou a

<sup>32</sup> CARONE, Edgar. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1991, p. 300.

<sup>33</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006, p. 82-83.

<sup>34</sup> CARONE, Edgar. Op. Cit., p. 300.

<sup>35</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. Op. Cit., p. 79-80.

<sup>36</sup> “Os comunistas judaicos estão furiosos – O covarde atentado contra ‘O Imparcial’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 28-579, p. 1. Ver FERREIRA, Laís Mônica Reis, *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 59.

fazer manifestações discretas para evitar a “hostilidade pública”, voltando a reaparecer em 1937.<sup>37</sup> Essa hipótese, de fato, explica o intervalo de atos públicos mais barulhentos, do tipo “paradas” e “marchas”, mas não leva em conta as formas de manifestações internas ao movimento, que reuniam grande número de integralistas, em nível nacional, regional ou local, para discutir pontos da doutrina e definir os planos de ação política, a exemplo dos congressos nacionais e regionais, e até das sessões semanais dos núcleos municipais e distritais.

O crescimento do integralismo na Bahia, entre 1935 e 1936, demonstra, ao contrário, que nesse período os integralistas desenvolviam intensa atividade de propaganda doutrinária, para expandir o movimento, conseguir adesões e alcançar o poder nos municípios onde ganhou força. Mais ainda, revela a que nível de organização o integralismo chegou, sendo capaz de penetrar no cotidiano das pessoas.

No período de legalidade, entre 1932 e 1937, a AIB realizou dois congressos nacionais. O primeiro em fevereiro de 1934, em Vitória, no Espírito Santo, ao qual compareceram representantes de todas as províncias para aprovar os estatutos definitivos e organizar as “Secretarias Nacionais”. Nessa ocasião, Plínio Salgado foi eleito chefe nacional da AIB. O segundo congresso aconteceu na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, em março de 1935, no qual foram feitas exposições em dez salas de objetos, documentos, jornais e livros integralistas, circunstância em que o movimento foi transformado em partido político, após o registro no Tribunal Superior Eleitoral.<sup>38</sup>

No final do ano de 1935, entre os dias 8 e 10 de novembro, os integralistas baianos realizaram, em Salvador, o evento de maior expressão no estado, o 1º Congresso Integralista da Bahia, visando elaborar os planos de propaganda para as próximas eleições. Plínio Salgado compareceu ao evento acompanhado, entre outros, do Secretário Nacional de Doutrina, Miguel Reale. Mobilizaram-se também as chefias dos 186 núcleos do interior do estado, que organizaram as delegações para o deslocamento até a capital. As reuniões ocorreram no salão da Associação dos Empregados do Comércio e o encerramento no Campo da Graça. Victor Hugo Aranha, o secretário geral do congresso, ficou encarregado pela sessão de abertura, e

---

<sup>37</sup> CARONE, Edgar. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1991, p. 299.

<sup>38</sup> “O Segundo Congresso Integralista – Petrópolis foi a cidade escolhida para a realização da grande assembleia dos ‘camisas verdes’”. *A Província*. Província da Bahia, 28 de fevereiro de 1935, Ano I, n. 5, p. 1 e 8. ABI Ver BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 2006, v. 6, n. 1/2/3, p. 70-71.

durante o encerramento, quando se reuniram mais de 6 mil camisas verdes, discursou, entre outros, o chefe da AIB.<sup>39</sup>

Em 1936, as lideranças nacionais voltaram a se reunir no Rio de Janeiro para fazer alterações na estrutura organizativa da AIB. Nessa ocasião, o “Conselho Nacional” foi substituído pelo “Conselho Supremo”, foram criadas também novas secretarias e dois novos órgãos, a “Câmara dos Quarenta” e a “Câmara dos Quatrocentos”. O Departamento de Organização Política foi transformado em Secretaria Nacional das Corporações e dos Serviços Eleitorais, ficando responsável pelo alistamento eleitoral de militantes para as eleições de 1938.<sup>40</sup> Já em meados de 1935, na verdade, os integralistas mudavam de estratégia, passando a utilizar o processo eleitoral a favor do objetivo de implantar o Estado integral, ainda que não tivessem abandonado totalmente a perspectiva de educação e conscientização das massas.

Logo cedo os integralistas começariam as especulações acerca das candidaturas para as eleições que deveriam ocorrer em janeiro de 1938. Esse momento foi de expectativas para os dirigentes nacionais do integralismo, uma vez que Plínio Salgado tinha conhecimento do golpe e nele enxergava a possibilidade de incorporar o integralismo à nova ordem.<sup>41</sup> O pós-golpe, entretanto, não correspondeu às expectativas do Chefe do integralismo, a quem o governo tentou consolar oferecendo o Ministério da Educação, depois de ter decretado o cancelamento do registro dos partidos políticos, inclusive da AIB, e proibido o funcionamento da imprensa integralista, em dezembro de 1937.<sup>42</sup>

Isolados, por causa do rompimento com Vargas, os integralistas articularam-se em dois fracassados atentados contra o governo, em 11 de março e 11 de maio de 1938. A repressão atingiu a muitos integralistas de base, ao tempo que Plínio Salgado ficou preso somente por três dias e fora mandado ao exílio um ano após o levante armado.<sup>43</sup>

<sup>39</sup> “1º Congresso Integralista da Bahia – Milhares de camisas-verdes desfilarão perante o Chefe Nacional, na capital baiana”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 3 de novembro de 1935, Ano XII, n. 23-574, p. 2.; “1º Congresso Integralista da Província da Bahia”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1 e 4.

<sup>40</sup> BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 2006, v. 6, n. 1/2/3, p. 71 e 72.

<sup>41</sup> CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.30, n. 1, 2010, p. 67.

<sup>42</sup> Gilberto Calil observa que, além do isolamento político, a AIB teve parte da sua militância “simpática à ditadura” e isso também desfavoreceu o movimento. *Ibid.*, p. 70.

<sup>43</sup> Alguns historiadores ressaltam a participação de Otávio Mangabeira, Armando de Salles Oliveira, Júlio de Mesquita e Flores da Cunha na conspiração dos integralistas. Como as razões dessa possível articulação entre integralistas e liberais escapam a este trabalho, resta afirmar que esse fato não significou na Bahia aliança entre esses grupos. Tanto o regime quanto o integralismo continuaram sendo alvos dos liberais. É o que se depreende, por exemplo, da “Oração de paraninfo aos bacharéis de 1938”, do professor catedrático de Introdução à Ciência do Direito, Nestor Duarte Guimarães. DUARTE, Nestor. Oração de paraninfo aos

De Alagoins partiram denúncias contra o integralismo. O *Correio de Alagoins*, entre 1942 e 1944, emitiu alertas contra o trabalho “subterrâneo” da quintacoluna. A associação entre integralismo e nazifascismo era direta, de modo que, conforme o jornal, continuar nas fileiras da AIB, “movimento irradiado de Berlim”, significava apoiar o eixo e cometer um crime contra o Brasil. Nesse período, o semanário, que tinha como diretor redacional João Alves de Castro (1906-1952), reafirmou em várias notas a sua posição de defesa do Brasil e de combate às “ideologias alienígenas”. Ao contrário, a luta contra o nazifascismo era considerada patriótica e anti-integralista.<sup>44</sup>

À medida que exortava os brasileiros a apoiar o governo e a sua posição na guerra, estimulava a vigília contra os “satanazes” soltos pelo mundo e travestidos no Brasil de integralistas. Nessa fase, o jornal era favorável ao Estado Novo, assumia um discurso nacionalista e apoiava a proposta de centralização política do governo. João de Castro destacou-se pelos textos e poemas de exaltação ao regime e a Vargas.<sup>45</sup>

Em matéria de fevereiro de 1942, de João de Castro, Vargas aparece como “guia” dos brasileiros, aquele que proporcionou, a partir de novembro de 1937, a formação de um novo caráter, “resistente e grandioso de civismo”. Em outros textos, é tomado como exemplo de “civismo” e “patriotismo”. Em maio de 1944, o governo passou a ser considerado o “patrono da consciência coletiva”, naquele momento em que, para João de Castro, o estado da Bahia revivia os seus tempos de glórias.<sup>46</sup>

Esse adesismo do *Correio de Alagoins* ao governo pode ser interpretado tanto como evidência da simpatia ao regime, principalmente do diretor de redação João de Castro, quanto como estratégia contra a censura e como forma de apoio à sua linha política antifascista. No mesmo ano de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas e declarou guerra ao Eixo. Atendia, com isso, às pressões das forças democráticas que combatiam o nazifascismo, ao

---

bacharéis de 1938. In: MARINHO, Josaphat. *Nestor Duarte: mestre e reformador social*. Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1994, p. 17-23. ALB

<sup>44</sup> *Correio de Alagoins*. Alagoins, 12 de agosto de 1942, Ano XXXVII, n. 1.668, p. 1.; “Atitudes – Estar com o eixo, de qualquer maneira, é cometer crime contra o Brasil. Cuidado com ele!...”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 20 de junho de 1942, Ano XXXVII, n. 1.662, p. 1. Todos os números do *Correio de Alagoins*, editados entre 1942 e 1944, foram localizados na Biblioteca Pública do Estado da Bahia – BPEB.

<sup>45</sup> “De pé o Brasil”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 30 de maio de 1942, Ano XXXVII, n. 1.660, p. 1.; “Estás de pé, Brasil!”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 20 de junho de 1942, Ano XXXVII, n. 1.662, p. 4.; “Sentido!...”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 12 de agosto de 1942, Ano XXXVII, n. 1.668, p. 4.

<sup>46</sup> “Nossa posição – Estamos coesos, no hemisfério. E o Brasil não tolera traições”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 24 de fevereiro de 1942, Ano XXXVI, n. 1.651, p. 1.; “Patriotismo”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 11 de julho de 1942, Ano XXXVII, n. 1.664, p. 1.; “O 7 de setembro”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 4 de outubro de 1943, Ano XXXVIII, n. 1.698, p. 1 e 4.; “O Estado revive – a Bahia inda é a Bahia de Ruy”. *Correio de Alagoins*. Alagoins, 11 de maio de 1944, Ano XXXVIII, n. 1.708, p. 1.

tempo em que, contraditoriamente, mantinha o regime de Estado Novo e o controle sobre o espaço de atuação delas.

O antifascismo no jornal, além de endossar a posição que o governo assumia em plano internacional e nacional, fazia com que o integralismo fosse visto como um perigo real, que se disfarçava entre os brasileiros, frequentava ambientes públicos e casas de família. O poema “Vade Retro...”, de João de Castro, é exemplar dos apelos por vigilância contra as artimanhas da quintacoluna, escondida sob o nome de Deus: “Do nome do Brasil. Portanto, para trás! Não levarás, por Deus, a nós, na tua escuna... Sabemos quem tu és, ó!... vil, quintacoluna!”.<sup>47</sup>

Embora João de Castro convidasse os “desviados” a lutar pela vitória e tentasse convencer os “recalcitrantes” de que tal atitude era de “inimigos da Pátria”, referia-se aos que renunciaram ao “credo-verde” com desconfiança. Com esse tom tratou da declaração de repúdio ao integralismo, do ex-integralista José Guimarães Batista, ou Ziza. Relembrou também que desde 1935 seguira caminho oposto ao dele, quando tomou consciência de que “as hostes plinianas constituíam atentado à honra do Brasil”.<sup>48</sup>

Em 1943, o jornal recorreu ainda à memória do 11 de maio de 1938 e ressaltou o patriotismo dos soldados brasileiros que repeliram as ações criminosas integralistas contra Vargas e o Brasil. Segundo a nota, os partidários do Sigma possuíam a mesma “alma covarde” dos nazistas. O 11 de maio deveria ser destacado como uma “Data Nacional”.<sup>49</sup> Em torno da memória das atividades integralistas, os comunistas também justificaram o combate ao integralismo.

No período em que os integralistas experimentavam certo isolamento político, os comunistas buscavam formar uma frente de união contra o integralismo, à medida que passavam a apoiar o governo, em nome das “liberdades democráticas”.<sup>50</sup> Na Bahia, a partir de 1942, combateram sistematicamente o movimento, o que se intensificaria com a derrota do nazifascismo, em plano internacional, e o perigo de rearticulação, a partir de 1945. Através do jornal *O Momento* (1945), por exemplo, os comunistas emitiram alertas contra o integralismo e apelaram para o sentimento de patriotismo dos brasileiros, como será discutido na quarta seção.

<sup>47</sup> “Vade Retro...”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 30 de maio de 1942, Ano XXXVII, n. 1.660, p. 1.; “Paraquedistas”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 4 de março de 1942, Ano XXXVI, n. 1.652, p. 1.

<sup>48</sup> “Abjuração sincera – Em torno das declarações de José Guimarães Batista”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 26 de setembro de 1942, Ano XXXVII, n. 1.673, p. 1 e 3.

<sup>49</sup> “O 11 de maio”. *Correio de Alagoinhas*. Alagoinhas, 21 de maio de 1943, Ano XXXVIII, n. 1.689, p. 4.

<sup>50</sup> CARONE, Edgar. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1991, p. 301.

O jornal *O Imparcial*, que entre 1933 e 1937 fizera campanha favorável à AIB, também adotou uma linha anti-integralista pautada na memória dos fatos que envolveram o movimento na década anterior. A mudança na linha política do jornal refletiu a posição assumida pelo seu redator-chefe, Wilson Lins de Albuquerque, contra o nazifasci-integralismo e em defesa da democracia. O matutino transformou-se em espaço de denúncia e combate ao nazifascismo, de modo que, nele foi criada uma coluna, assinada pelo escritor Jorge Amado, cujo nome “Hora da Guerra”, revelava a posição em relação ao movimento dos camisas verdes.<sup>51</sup>

No ano de 1945, *O Imparcial*, embora condenasse o regime do Estado Novo, dava credibilidade a Getúlio Vargas. Transferia, por vezes, a crítica para os integralistas, em alguma medida, responsabilizados pelos rumos do país em direção ao fascismo. No estado, o grupo se opusera ao interventor Renato Onofre Pinto Aleixo, em virtude da intenção de retomar a autonomia da Bahia.<sup>52</sup> O matutino apoiava a candidatura à presidência de Eurico Gaspar Dutra, a mesma posição que os integralistas assumiriam dias antes da eleição de 2 de dezembro de 1945.

Os integralistas passaram a se articular em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que foi fundado tardiamente, em 26 de setembro de 1945 e teve seus estatutos e programa aprovados pela Justiça Eleitoral, em 10 de novembro do mesmo ano. Estrategicamente, incluíram em cargos importantes pessoas não vinculadas diretamente ao integralismo, visando garantir o registro do partido. Situação que rapidamente seria revertida, com a eleição da direção efetiva, durante a I Convenção Nacional do PRP, de 1º a 3 de novembro. Somente em agosto de 1946, ao regressar do exílio, Plínio Salgado assumiria a presidência do PRP e convocaria abertamente todos integralistas para nele ingressarem.<sup>53</sup>

Nos anos de 1950, Plínio Salgado fez referência à contiguidade de ideias do PRP, em relação ao integralismo, sobretudo, no que diz respeito à incompatibilidade com o socialismo e o comunismo. Nesse período, em que se candidatou à Presidência da República, tentou demonstrar a “coerência histórica” da sua campanha, ao recorrer a pontos da doutrina integralista. Destacou a importância da “reabilitação” dos partidos políticos, à semelhança do

<sup>51</sup> FERREIRA, Laís Mônica Reis, *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 68-71.

<sup>52</sup> SILVA, Paulo Santos. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 54-56.

<sup>53</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010, p. 46-47.

que fizera em 1937.<sup>54</sup> Antes de 1936, porém, a posição do integralismo em relação ao partido político e ao sufrágio universal era bem diferente, como será discutido adiante.

## 2.2 ATIVIDADE DOUTRINÁRIA: A “MISSÃO HISTÓRICA” DA IMPRENSA INTEGRALISTA

No domingo de 5 de janeiro de 1936, o semanário *O Serrinhense*, propriedade do Chefe do núcleo integralista de Serrinha, Bráulio de Lima Franco (1910-1995), publicou na página 3 um texto de Plínio Salgado, intitulado “A missão da Imprensa”, no qual o Chefe Nacional assegurava que a “grande missão” dos jornais brasileiros era “doutrinar”. Referia-se à “boa doutrina” que pairava sobre a sociedade e era capaz de repetir “verdades elementares” como garantia de desenvolvimento do povo e de equilíbrio das “forças econômicas e sociais da Nação, num rumo de superior finalidade política”. Sintetizava o seu pensamento acerca do papel da imprensa, recurso bastante explorado pela direção deste periódico local, da seguinte maneira: “doutrinar sem cessar, fora dos terrenos das competições, à margem e acima dos partidos, dos grupos, das associações, dos conchavos e dos cambalachos.”<sup>55</sup>

*O Serrinhense* perseguiu e atingiu esse objetivo em diferentes edições, ao longo da década de 1930. Fundado em 18 de maio de 1924, por Reginaldo Cardoso Ribeiro, o periódico passou, em 1932, a ser propriedade do cunhado Bráulio Franco, que antes de 1930 trabalhava em sua oficina como tipógrafo. Iniciou-se como colaborador do jornal nos anos de 1920 e passou a ser seu diretor-proprietário e principal articulista de 1932 a 1951.

Bráulio Franco era filho de Joviniano Alves Franco, produtor rural e comerciante de cereais e bebidas, e de Rosa de Lima Franco, de família católica. Seguiu caminho oposto ao do pai na vida profissional e no interesse pela política. Casou-se, em 1939, com Zilda Paes Cardoso, descendente da 7ª geração da família do fundador de Serrinha, Bernardo da Silva. Além de jornalista e comerciante de livros e artigos de papel, o homem que se associou ao integralismo no município era poeta, escritor e músico. Entre 1955 e 1959, na gestão de

<sup>54</sup> SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956, p. 52-54.

<sup>55</sup> “A missão da Imprensa”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 5 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 30-581, p. 3.

Horiosvaldo Bispo dos Santos, foi eleito vereador pelo Partido de Representação Popular (PRP) e assumiu o cargo de secretário municipal.<sup>56</sup>

Os números analisados de parte de 1932, de 1935 e 1936 de *O Serrinhense* revelaram a sua linha integralista, em correspondência com as opções políticas de Bráulio Franco e do seu diretor-gerente, Claudionor Ferrera, até 16 de março de 1936. De “semanário imparcial, noticioso e literário” e “hebdomadário independente, imparcial, noticioso e literário”, o semanário foi convertido em “órgão” do núcleo integralista de Serrinha e em importante ferramenta na missão doutrinária, como informou a própria redação.<sup>57</sup>

Já nas edições de janeiro a maio de 1932, sob direção e como propriedade de Reginaldo Ribeiro, foram publicadas matérias, assinadas pelo futuro líder integralista Rubem Nogueira, e notícias dos jornais de cidades da região, como *O Popular* de Alagoinhas, redigidas por figuras reconhecidas pelo “talento jornalístico”, a exemplo de Salomão Barros, Ponciano Jaqueira e Alcindo de Camargo, dois dos quais representariam o integralismo no município.<sup>58</sup> A partir do ano de 1935, investiu na propaganda doutrinária da AIB, noticiou as atividades dos integrantes locais e de distritos e povoados vizinhos, combateu os inimigos políticos do integralismo, os liberais e os comunistas, e avaliou a política nacional e internacional.

Ainda em 1936, mas depois de ter se lançado em uma campanha aberta em favor do integralismo, durante as eleições municipais de janeiro, a redação abriu parênteses para explicar a sua “consciente” posição de propagador da doutrina integralista, dizendo-se assumir uma “atitude coerente e absolutamente digna”. Nesse apoio dado à “Revolução Integralista”, a redação garantia ter descoberto os elementos essenciais à “Renovação Nacional”. O integralismo era considerado um “antídoto” contra o liberalismo e a “politiquice”:

[...] preconizando a extinção de todos eles [os “partidos indígenas”] e o advento das entidades corporativas, para o exercício da verdadeira e única Democracia; e

<sup>56</sup> FRANCO, Tasso. *O chalé do meu avô*: pedacinhos da vida. Coleção: História da Bahia. V. 2. 1ª Ed. Salvador, Ojuobá, 2010, p. 81 e FRANCO, Tasso. *Serrinha*: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996, p. 259.

<sup>57</sup> Do ano de 1932 foram localizados e analisados os números de 3 de janeiro a 29 de maio. As análises se reiniciaram em 26 de maio de 1935 e se estenderam a 17 de maio de 1936.

<sup>58</sup> Alcindo de Camargo foi Chefe Municipal em Alagoinhas, Salomão Antonio Barros foi secretário e tudo indica que Ponciano Jaqueira, a quem a nota do jornal faz referência, seja o mesmo Milcíades Ponciano Jaqueira, que substituiu o segundo triunvirato de fundação do núcleo provincial, até abril de 1935, quando o engenheiro Joaquim Araújo Lima assumiu a chefia. Cf. FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia*: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937). Salvador: EDUFBA, 2009. Salomão Barros, no seu livro sobre o município de Alagoinhas, referiu-se ao advogado Ponciano Jaqueira, como um “político atuante e idealista”, que colaborou, dedicadamente, com os jornais *O Popular* e *Diário Popular*, editados no município. Cf. BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979, p. 301.

sobretudo exigindo sacrifícios pessoais, com a prática de uma disciplina fecunda, para a formação de elites cultas que possam e venham a dirigir os destinos da Pátria unida, a Revolução Integralista, assim agindo, seduziu-nos de modo irresistível e nós lhe demos o apoio que nos era possível, a fim de auxiliá-la na sua obra imensa de salvação de um povo infeliz e escravizado.<sup>59</sup>

Nesse clima eleitoral, a imprensa como tema recorrente dos textos publicados em *O Serrinhense* foi mais uma vez alvo de Plínio Salgado, ao ser abordada no Manifesto-Programa de 1936, em parte, reproduzido no jornal. Entre os planos traçados nesse documento, está o de moralização da imprensa, considerada “impatriótica” e “aduladora”. Plínio Salgado condenava a “falsa liberdade” dada pelo governo a esse setor, por ele visto como um “real poder”, como “parte integrante da direção do Estado”. A censura à imprensa, o mau uso que dela tinha sido feito e as possibilidades de colaboração com o Estado, cobrava dos jornalistas e das empresas jornalísticas uma “revolução” que poderia ser encabeçada pelo integralismo:

Dando autodireção à Imprensa, definindo-lhe as responsabilidades perante a Pátria, facultando-lhe poderes de defesa material e moral, confiando-lhe uma missão no Estado, elevando e dignificando o jornalista, cuja profissão será criada com todas as garantias, o Integralismo realizará uma verdadeira revolução nesse importante setor social.<sup>60</sup>

O jornal no integralismo tinha um papel importante, na medida em que cumpria a “missão doutrinária” de levar o “corpus teórico” integralista, de modo uniforme, aos lugares mais distantes do país. Fator que explica a padronização da imprensa e a reprodução em jornais do interior, do tipo de *O Serrinhense*, de textos e discursos das lideranças nacionais do movimento, a exemplo de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso.<sup>61</sup> Embora não tivesse sido criado para o integralismo, passou a adotar essa linha política e se colocar a serviço do movimento, sobretudo depois que se tornou propriedade de Bráulio Franco.

No cabeçalho do jornal ocorreram modificações na fase em que Bráulio Franco assumiu a direção. Foram acrescentadas, como se observou nos números examinados, os títulos de “hebdomadário independente” e de “defensor dos interesses do município e do nordeste do Estado”, além do endereço das oficinas que passaram a funcionar em prédio próprio, na rua 2 de julho, nº 10. O ano de fundação que constava nas edições anteriores também foi suprimido e o nome do “diretor-proprietário”, alterado.

<sup>59</sup> “Um parêntese na campanha”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 1 de março de 1936, Ano XII, n. 38-589, p. 1.

<sup>60</sup> “Colaboração da Imprensa com o Estado”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 36-587, p. 3.

<sup>61</sup> Sobre a padronização da imprensa integralista, do ponto de vista do conteúdo e da forma, ver CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 79-85.

Mais do que simples informações, essas mudanças indicaram a estabilidade alcançada pelo jornal, que além de ter se instalado em prédio próprio, passou a autodenominar-se semanário independente, e revelou os propósitos abrangentes da sua redação. De fato, *O Serrinhense* ampliou o seu raio de cobertura para além de Serrinha, abarcando municípios e distritos situados no “nordeste do Estado”, que com a cidade mantinham contatos, oferecendo elementos das redes de relações construídas pelos integrantes do movimento e noticiando aspectos da atividade integralista nos núcleos da região.

Em diferentes notas, o periódico reivindicou o lugar de defensor dos interesses dos nordestinos, sertanejos e das “causas justas”, portanto, como aquele que, defendendo o interesse coletivo, visava “zelar pela boa ordem da causa pública”.<sup>62</sup> Em comemoração ao seu 11º aniversário de fundação, o jornal colocou-se como “parte integrante da vida da cidade” e apresentou uma visão de futuro para os rumos do jornal.<sup>63</sup> *O Serrinhense* constituiu-se em veículo opinativo de informação na cidade. Embora tivesse circulação local ou nuclear, o seu tempo de duração em Serrinha e arredores, sob direção do integralista, foi de 19 anos.<sup>64</sup>

No que diz respeito à situação financeira, é provável que tenha se mantido com recursos próprios. Não foi localizado nenhum registro, ao longo das edições, acusando o recebimento de auxílio do núcleo provincial ou até nacional. Foram publicados, no entanto, textos de Menotti Del Picchia, diretor da União Jornalística Brasileira (UJB), que tratavam das dificuldades enfrentadas pela imprensa do interior e pelo jornalista. Obstáculos ligados ao “trust” de papel, à impossibilidade de renovar o material tipográfico e à falta de recursos para mantê-lo. Menotti Del Picchia prontificava-se a lutar por esses jornais e criticava o descaso do governo e da Associação Brasileira de Imprensa.

Como salientou o diretor da UJB, se, isoladamente, correspondiam a uma “força solitária”, em conjunto, os jornais do interior, representariam a “opinião nacional”, daí a

---

<sup>62</sup> “Coisas da Cidade”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 2. “As imponentes festas do dia 1º em Santa Luzia”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de setembro de 1935, Ano XII, n. 15-560, p. 1. “Que clamorosa injustiça! – Um estafeta do interior ganha, apenas, 70\$000 mensais”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 10 de maio de 1936, Ano XI, p. 2.

<sup>63</sup> “Coisas da Cidade – O aniversário de ‘O Serrinhense’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de maio de 1936, Ano XI, n. 49, p.2.

<sup>64</sup> FRANCO, Tasso. *Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia*. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996, p. 256.

proposta de se criar a “Federação dos Jornalistas no Interior”, visando defender esse “veículo eficaz de socialização de cultura, de higiene e de instrução”.<sup>65</sup>

Rodrigo Santos de Oliveira ao apresentar um “histórico” da imprensa integralista, no período de legalidade da AIB, de 1932 a 1937, observa que a relação entre integralismo e imprensa é íntima. O próprio movimento surgiu a partir da iniciativa de criação do jornal *A Razão*, em 1931, como poderoso “instrumento ideológico”.<sup>66</sup> Para o autor, a proporção entre número de integrantes e de núcleos e a quantidade de jornais editados demonstrou a importância atribuída a esse meio de propaganda doutrinária.

Rodrigo Oliveira distingue também os jornais de circulação nacional dos de circulação regional e local, a partir da análise de seus propósitos. Para este trabalho, no entanto, interessam as considerações feitas acerca dos jornais provinciais ou nucleares, nos termos do autor. À luz delas, em *O Serrinhense* podem ser encontradas características de ambos os tipos, embora não tenha sido um jornal criado para o movimento.<sup>67</sup>

Nas edições de formato tabloide, em papel jornal, de quatro páginas, as matérias e as notas misturavam-se às propagandas de charutos, livrarias, elixires, concentradas na terceira página. Geralmente nas duas primeiras predominavam notícias internacionais e nacionais e textos com fins doutrinários, escritos por lideranças integralistas locais, regionais e nacionais. A maioria das matérias era concluída na última página, ao lado de colunas informativas como “sociais”, “natalícios”, “nascimento”, “hóspedes e viajantes”, com a apresentação de um quadro geral da vida social de integralistas e simpatizantes na cidade.

O fato das edições apresentarem ao mesmo tempo notícias nacionais e regionais de núcleos espalhados pelo nordeste do estado assegurava, como observou Rodrigo Oliveira, a conquista dos fins doutrinários e criava um “elo de pertencimento” entre os integrantes e as

<sup>65</sup> “Os jornais do interior e o papel – Uma entrevista de Menotti Del Picchia a ‘A Plateia’ de São Paulo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 4 de agosto de 1935, Ano XII, n. 12-563, p. 2. “Heróis obscuros”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 1º de setembro de 1935, Ano XII, p. 1.

<sup>66</sup> Cf. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 19-46. O texto integra a coletânea de artigos sobre as “histórias da imprensa integralista”, organizada por Leandro Pereira Gonçalves e Renata Duarte Simões. O conjunto dos artigos discute a tarefa propagandística e doutrinária dos jornais integralistas em diferentes estados. Pedro Ernesto Fagundes, por exemplo, afirma que o esforço dos integralistas em divulgar suas atividades estava em acordo com o “fenômeno político” do período, “a utilização da propaganda política de massa”. Cf. FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. *Ibid.*, p. 241-256.

<sup>67</sup> Segundo o autor, no período por ele abordado, foram editados 138 jornais oficialmente ligados ao movimento integralista, dois nacionalmente, trinta regionalmente e cento e seis localmente. Com relação à proporção entre número de jornais e de núcleos, observa que nos estados com maior número de núcleos foi identificado o maior número de periódicos. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Op. Cit.*, p. 25-27.

chefias ao movimento. No caso de *O Serrinhense*, isso se materializava em seções como a “Coluna Sigma”, geralmente localizada na página 3, no espaço reservado aos informes das atividades de núcleos da região, como se verá na seção seguinte. Pelas discussões de Rodrigo Oliveira, essas poderiam ser consideradas características de jornais regionais. Nesse caso, entretanto, trata-se de um semanário local ou nuclear que apresenta especificidades, sobretudo, no que diz respeito à estabilidade e durabilidade de sua produção.<sup>68</sup>

A “leitura subjetiva” desse jornal em torno de fatos como as atividades de Luiz Carlos Prestes na ANL é outro fator que atesta a dimensão nuclear dessa produção, segundo o referido autor. Mesmo sem ser “oficial” do partido, *O Serrinhense* difundiu a doutrina, cumprindo a “missão histórica” e aproximou os integralistas uns dos outros e dos seus núcleos. Frequentemente, os colaboradores regionais referiam-se a Plínio Salgado, citando-o diretamente ou reafirmando o seu lugar de Chefe Nacional do Estado integral, quando não eram publicados textos inteiros do próprio dirigente.

Associados aos incansáveis questionamentos, às denúncias e aos ataques direcionados aos comunistas, especialmente os aliancistas, publicaram-se textos discutindo a relação do integralismo com o fascismo e o nazismo, o extremismo e o governo Vargas, e os “problemas” do sufrágio universal, do liberalismo, do capitalismo internacional e do judaísmo. Esta última questão foi abordada várias vezes por integralistas como Menotti Del Picchia e Gustavo Barroso, ambos inclusos no grupo de intelectuais da AIB.

Desde 1932, foram publicados textos simpáticos à Alemanha e ao nazismo, do integralista Rubem Nogueira, por exemplo, ponto que será explorado em uma subseção específica. Ao longo das edições, o tema reapareceu com certa frequência, entre as avaliações da política internacional ou como forma de apoio ao fascismo italiano e à “força” da Itália, da Alemanha e do Japão contra a “onda vermelha” que se espalhava, segundo as notas, pelo mundo. Na matéria, “Bode preto, bolchevismo e imperialismo”, Menotti Del Picchia associa

---

<sup>68</sup> Gilberto Calil, na mesma coletânea, reporta-se ao estudo de Ivone Maria Cassol, no qual a autora afirma que quase não houve jornal de circulação estadual na imprensa integralista, estruturada em níveis nacional e municipal. O autor não explica se a afirmação vale somente para o Rio Grande do Sul, que corresponde ao recorte da autora, ou para a atividade doutrinária em todo o território nacional. CASSOL, Ivone Maria. *Integralismo e imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937)*. In: TRINDADE, Héliogio. *Revolução de 30: Partidos e Imprensa Partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980, p. 429. apud CALIL, Gilberto Grassi. *A imprensa integralista no Pós-Guerra: os jornais “Reação Brasileira”, “Idade Nova” e “A Marcha”*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 327-354. Na Bahia, o único número do jornal integralista de circulação estadual localizado foi *A Província*. Província da Bahia, 28 de fevereiro de 1935, Ano I, n. 5. ABI

fascismo e cristianismo, de um lado, e alinha, de outro, a maçonaria, o bolchevismo e o imperialismo inglês.<sup>69</sup>

Em relação ao governo Vargas, o jornal foi enfático, como se verificou em uma nota de junho de 1935: “‘O Serrinhense’ não [o] combate sistematicamente. Porque essa modalidade de combater fere a boa ética da imprensa que edifica, que constrói, que guia, enfim. [...] ‘O Serrinhense’ combate abertamente o atual regime, incontestavelmente falido e desmoralizado.”<sup>70</sup>

Essa posição ofensiva pode ser explicada pelo contexto de ascensão da Aliança Nacional Libertadora e, com isso, de pressão dos integralistas sobre o governo. A cobrança era de duplo sentido e se intensificou após aprovação da Lei de Segurança Nacional, em abril de 1935. Ao mesmo tempo em que os integralistas apostavam na imobilização dos aliancistas pela LSN, entendidos como comunistas, sobreviviam à sua sombra. Reclamavam a manutenção da AIB, alegando que era um movimento ordeiro, que possuía inscrição e não representava ameaça social, nem atingia os valores de “Deus, Pátria e Família”, conforme reconheciam Getúlio Vargas e o capitão de Polícia do Distrito Federal.<sup>71</sup>

Após o movimento aliancista de novembro de 1935, Plínio Salgado ofereceu apoio ao governo, ao disponibilizar 100 mil camisas verdes para “lutar pela Pátria”. O jornal publicou o telegrama-resposta de Vargas, em agradecimento à “patriótica manifestação de solidariedade ao governo”, desses “bons brasileiros”. Enquanto o governo perseguia e reprimia os envolvidos no levante armado de novembro, os integralistas nucleados em *O Serrinhense* saudavam-no em sucessivas notas.<sup>72</sup>

As exonerações e prisões, em nível nacional, respaldaram as pressões dos integralistas sobre o governo estadual, de Juraci Magalhães. Apoiaram, ainda, a prorrogação do “estado de sítio”, em nome da “segurança nacional”. A ampliação dos poderes do executivo impediria para esses integralistas, novas tentativas golpistas dos comunistas e corrigiria as incoerências

<sup>69</sup> “Bode preto, bolchevismo e imperialismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 37-588, p. 2.

<sup>70</sup> “Uma grande vitória”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 1.

<sup>71</sup> “O Sr. Getúlio e o Integralismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 21 de julho de 1935, Ano XII, p. 1. “O Sr. Getúlio Vargas e os integralistas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 3. “A Ação Integralista Brasileira é perfeitamente legal – A íntegra da entrevista que o Cap. Felinto Müller, Chefe de Polícia do Distrito Federal, concedeu a ‘A Ofensiva’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 36-587, p. 2.

<sup>72</sup> “O gesto do Integralismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 31 de novembro de 1935, Ano XII, n. 26-577, p. 4.; “O Sr. Getúlio Vargas e os Integralistas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-587, p. 3.; “Faziam propaganda extremista”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 28-579, p. 1 e 4.; “Pela tranquilidade da Pátria”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 1.

na política de segurança. Comentando as pretensões de Vargas de estabelecer o “estado de guerra”, argumentaram que no regime liberal democrático o problema do comunismo só poderia ser resolvido “pela violência, pela repressão implacável de quaisquer de suas manifestações rebeldes, sob pena de perder a Pátria”.<sup>73</sup>

Essas “incoerências”, às quais se refere a nota, denunciadas constantemente pelo jornal, implicaram na mudança de opinião em relação ao governo, por vezes, adjetivado de “fraco” e “covarde”.<sup>74</sup> O governo passaria a ser responsabilizado por não tentar impedir as atividades dos aliancistas, através da Lei de Segurança Nacional.

Apesar disso, a posição do jornal e dos integralistas em relação ao governo Vargas oscilou bastante. Além de ter demonstrado certa tolerância, pondo em destaque, ainda no ano de 1935, declarações de Vargas favoráveis ao integralismo, à medida que o tempo passou, em 1936, o jornal enfatizou a “coloração esverdeada” dos discursos do presidente. Vargas condenava a “ideologia judaico-soviética”, protegia os “pilares da nacionalidade” e a ideia de “Deus, Pátria e Família”, confiava na “mocidade patriótica” e acreditava na força da educação disciplinadora.<sup>75</sup>

Em abril desse mesmo ano de 1936, no entanto, o Serviço de Imprensa do Departamento Nacional de Propaganda fez circular a matéria intitulada “O Brasil forte e unido”. O texto reforçava as imagens do comunismo como um “estrangeiro”, que invadiu a “intimidade” do país “livre”, de Prestes, como traidor da pátria onde nasceu e da que o “adotou” e de Vargas, enquanto salvador da pátria e por todos apoiado: “O atual presidente não representa, hoje, apenas o governo do Brasil; ele é o símbolo do próprio Brasil, forte, calmo, consciente da sua força, confiante no seu futuro, cioso da independência e da dignidade nacional.”<sup>76</sup>

Essa alternância dos integralistas locais em relação ao presidente revelava o clima político dos anos de 1935 e 1936, com o crescimento da AIB, o impulso dos comunistas, agregados na ANL e a habilidade do governo Vargas, que já arquitetava os planos

<sup>73</sup> “Será prorrogado por 3 meses o estado de sítio? – O presidente Getúlio Vargas quer, também, o estado de guerra”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 1.

<sup>74</sup> “Faça-se justiça serena e severa”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 1.; “Contemporizações perigosas – o ilustre Sr. Estácio de Lima”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 2.; “O extremismo da política municipal – o Sr. Getúlio Vargas foi censurado, em Itabuna”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 31-582, p. 1.

<sup>75</sup> “Confiança na mocidade! – Em torno do discurso do Sr. Presidente da República”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 5 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 30-581, p. 1.; “Um Discurso-Bomba”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de maio de 1936, Ano XI, n. 49, p. 1.

<sup>76</sup> “O Brasil unido e forte”. *O Serrinhense*. Serrinha (Bahia) 19 de abril de 1936, Ano XI, n. 45, p. 3.

continuístas para 1937. Em outro sentido, refletia a insegurança das chefias nacionais da AIB, principalmente, de Plínio Salgado.

As avaliações lançadas sobre a política brasileira atestam a insatisfação com os seus “erros” e “contradições”, resultado do contínuo choque de “forças antagônicas”. Plínio Salgado, em tom pessimista, referiu-se em nota às “tramas”, às “conspirações” e às “desumanidades” da política no Brasil e no mundo. Na sequência, atingiu o cerne do problema: “As correntes políticas se infiltram mutuamente. Multiplicam-se os espíões. [...] O materialismo cai sobre todos como um crepúsculo.”<sup>77</sup>

A ideia de declínio e decadência da política brasileira, proposta pela imagem do “crepúsculo”, remete à maneira como os integralistas enxergavam, ou deveriam enxergar, a propagação do “materialismo”, expressão do comunismo internacional. Os integralistas atribuíam ao liberalismo democrático a responsabilidade de promover a expansão comunista; o regime era comparado a um “cadáver em adiantada putrefação”. O Estado liberal, para os integralistas, era uma “mistificação”, cuja falsa noção de “liberdade” provocava desequilíbrios sociais, mas possuía a derrota final anunciada por uma “nova força” que trinfaria.<sup>78</sup>

A crítica ao sistema político e ao governo esteve frequentemente relacionada às denúncias da precariedade da educação no Brasil e no interior do estado. Uma vez que o integralismo era considerado uma “escola de civismo”, e como tal dizia enxergar o problema do analfabetismo como questão de prioridade, os integralistas autorizavam-se a tratar do assunto. Denunciavam as dificuldades enfrentadas pelo professor do interior, como falta de mobiliário e de material didático, e a falta de escolas para o grande contingente de alunos em idade escolar, buscando evidenciar a “penúria”, a que estava relegada a instrução dos sertanejos. Não fosse a iniciativa pessoal de alguns professores, segundo o jornal, as aulas não aconteceriam.<sup>79</sup>

O jornal ressaltava também a necessidade de se construir escolas primárias em distritos com altos índices de analfabetismo, a exemplo do de João Vieira e de Pedras Altas. Segundo

<sup>77</sup> *O Serrinhense*. Serrinha (Bahia), 26 de maio de 1935, Ano XII, n. 2-553, p. 1.; “Contradição”. *O Serrinhense*. Serrinha (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p.1.

<sup>78</sup> “Pela tranquilidade da Pátria”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 1.; “O banquete dos Deuses”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1.; “A metafísica do estado liberal”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 32-583, p.3.; “Liberdade?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de maio de 1936, Ano XI, n. 49, p. 2.

<sup>79</sup> “O sacrifício dos professores públicos no interior”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de setembro de 1935, Ano XII, p. 1 e 4.

as notas, a arrecadação do município de Serrinha era suficiente para a fundação de instituições capazes de atender às crianças.<sup>80</sup>

A perspectiva de educação das massas que os camisas verdes pretendiam pôr em prática era moralizadora, cívica e deveria favorecer a implantação do Estado integral. Esse modo de entender seria reforçado entre 1935 e 1937, quando as campanhas por alfabetização refletiam a preocupação em formar o eleitorado integralista. Intenção que justificava, em alguma medida, a proliferação de escolas de alfabetização em núcleos integralistas. A escola de alfabetização “Alberto Mota”, que levava o nome de um falecido partidário do Sigma de Serrinha, fundada na fazenda “Degraus”, na cidade de Alagoinhas, em março de 1936, foi um exemplo citado pelo jornal da iniciativa dos integralistas.<sup>81</sup>

Outros temas frequentes no jornal são os do comunismo, liberalismo, judaísmo e capitalismo, que apareciam alinhados em matérias que visavam justificar a inevitável “morte” do regime liberal, a derrota do comunismo e o alvorecer do Estado integral. O conjunto dos textos apresenta, como foi visto, forte conteúdo antiliberal, anticomunista e antisemita, além de mostrar a completa afinidade entre os textos das lideranças nacionais e das locais, garantindo a manutenção da hierarquia e a reprodução das ideias.

Para tratar da maioria dos temas, porém, a direção do semanário contou com a assídua colaboração de dois engajados integralistas, o Chefe municipal de Tucano, Demósthene Martins e o serrinhense Rubem Nogueira. Assumindo posições de liderança no movimento, ambos ganharam destaque em sucessivas edições do jornal. O primeiro pelas atividades no núcleo de Tucano e pelas avaliações feitas sobre a situação do movimento, e o último por emitir regularmente mensagens de forte conteúdo doutrinário, através das “palestras integralistas”, exatamente como eram divulgadas na segunda página do semanário, que serão analisadas adiante.

Demósthene Martins chefiou “caravanas” para instalação de núcleos integralistas em municípios próximos a Tucano, como Pombal; empenhou-se, segundo o jornal, na propagação da “ideia integralista” naquela região; e expôs suas avaliações sobre o integralismo e as atividades dos aliancistas. Em matéria de título incisivo, “Integralismo não é extremismo”,

<sup>80</sup> “O arraial de João Vieira precisa de uma escola primária – Existem, ali, dezenas de crianças analfabetas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de abril de 1936, Ano XI, n. 44, p. 1 e 4.; “Casas de jogo em vez de escolas – As crianças de Pedras Altas imploram cartas de ABC”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 19 de abril de 1936, Ano XI, n. 45, p. 2.

<sup>81</sup> “A história dos transfugas de Itabuna”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 37-588, p. 1.; “Escola de Alberto Mota – A homenagem dos integralistas alagoanhenses a um camisa verde falecido”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de abril de 1936, Ano XI, n. 44, p. 2.

por exemplo, contesta a tentativa dos opositores, através de jornais não listados em nota, de incluir o movimento no âmbito das “correntes extremistas” que se agitaram depois dos “tenebrosos planos comunistas”. Ele reforçou a ideia, construída a partir de sucessivos textos, de que a AIB agiu dentro da “lei de segurança”, principalmente por possuir inscrição no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o que, para Demósthene Martins, não fazia dele um partido meramente político e o diferenciava do Partido Comunista, ao qual foi negado o registro.<sup>82</sup>

Esse esforço do autor da matéria para retirar o integralismo do campo da ameaça política e social, completou-se com a sua explicação acerca dos objetivos da AIB no Brasil, evidenciando o domínio que tinha do programa doutrinário do partido:

Manter o regime republicano e constitucional, consolidar ainda mais os princípios básicos da existência da nacionalidade brasileira concretizada na trilogia – Deus – Pátria – Família, criar, dentro desse regime, o Estado Integral substituindo o sufrágio universal pelo voto corporativo ou sindical; instituir um governo forte que represente a vontade de todas as classes, devidamente organizadas, a fim de que possa dirigir a economia nacional evitar a exploração do capitalismo contra o bem-estar coletivo; combater o materialismo, causa principal do comunismo, e finalmente, dar ao nacionalismo brasileiro uma realidade mais profunda.<sup>83</sup>

O materialismo histórico e a ilegalidade do PC foram os pontos em torno dos quais os integralistas agregados no semanário concentraram os textos voltados para os comunistas e integrantes da ANL. Na mesma matéria, Demósthene Martins associa comunismo e extremismo, situados em plano oposto ao integralismo, na mesma lógica de oposição e negação que afirmava existir entre “cristianismo” e “ateísmo”:

Integralismo é ordem – extremismo é desordem; integralismo é cultura – extremismo é força bruta; integralismo é o culto da pátria dignificada por um sentimento profundamente nacionalista – extremismo é o aniquilamento da ideia da pátria, confundida e esmagada pelo cosmopolitismo internacional; integralismo é família amparada e respeitada, formando a base sólida da nacionalidade – extremismo é a dissolução da família e o advento do amor livre, que degrada e animaliza a humanidade; integralismo é o primado da inteligência espiritualizada na concepção da ideia de um “Deus que precede o Universo, como Criador, e que o dirige para a suprema finalidade, que é a Perfeição” – extremismo é o materialismo violento, tentando subjugar os anseios da alma humana; integralismo é Paz, Justiça, Direito, Razão, Ordem – extremismo é Anarquia, Prepotência, Desordem, Violência,

<sup>82</sup> “O Integralismo no Nordeste – A instalação do Núcleo de Pombal”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 2.; “Integralismo não é extremismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 28 de julho de 1935, Ano XII, p. 2. A Lei de Segurança Nacional foi aprovada em abril de 1935 e em julho do mesmo ano, Vargas assina o decreto de fechamento da ANL. Consuelo Sampaio trata da rápida ação da polícia, comandada pelo capitão João Facó, na Bahia. Cf. SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 108.

<sup>83</sup> “Integralismo não é extremismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 28 de julho de 1935, Ano XII, p. 4.

é, finalmente, a destruição completa da civilização cristã, após vinte séculos de grandes conquistas sociais e espirituais.<sup>84</sup>

Essa matéria, da qual foram transcritos os trechos acima, foi publicada duas semanas após a notícia de fechamento das sedes da ANL, que, conforme a nota no jornal, sob a “farsa” de “nacional” e “libertadora” era chefiada por Luiz Carlos Prestes e pretendia degradar a “família” brasileira, bem como acabar com “Deus” e a “Pátria”.<sup>85</sup> Até esse momento as matérias que tratavam da questão comunista se referiam às tentativas de “bolchevização” dos proletários, por parte do partido de Prestes. Em seguidas notas, a redação questionou a eficácia da “lei de segurança” do governo, constatando a sua incapacidade de impedir o funcionamento desse partido que divulgava as “ideias de Moscou”.<sup>86</sup>

Em fins de junho de 1935 o tom dos artigos foi modificado, como demonstra o alerta emitido aos sertanejos por Demóstenes Martins, em “Aliança Libertadora ou Aliança Terrorista?”, “Cuidado, sertanejos: se prezais a honra e a tranquilidade de vossas famílias; se quereis a garantia de vossa propriedade; se não quereis ver o vosso Deus, que é também o nosso, ultrajado à moda soviética, sejais, desde já, integralistas. Não há outro caminho.”<sup>87</sup> A centralização do tema na ANL ia cedendo lugar à questão eleitoral, em função da aproximação do pleito de 1936.<sup>88</sup>

Mais do que uma alternativa, o integralismo aparece no trecho acima como a única via diante da falta de “estabilidade” e dos riscos provocados por uma agremiação – a ANL – cuja “exclusiva finalidade” era a derrota do movimento, depois de lhe ter convidado a lutar, em torno da “bandeira libertadora”, durante o primeiro manifesto lançado ao povo, conforme recordou o integralista:

Se não nos falha a memória, nesse mesmo manifesto, os aliancistas-chefes se apresentavam tão benevolentes e camaradas, que chegaram à extrema gentileza de

<sup>84</sup> “Integralismo não é extremismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 28 de julho de 1935, Ano XII, p. 2.

<sup>85</sup> “O Governo mandou Fechar as Sedes da Aliança ‘Libertadora’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 14 de julho de 1935, Ano XII, p. 4. A nota trata, ainda, da satisfação dos comunistas diante da proibição da milícia integralista, transformada pelo Chefe Nacional em “Departamento de Educação Física”.

<sup>86</sup> “A Aliança Libertadora”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 26 de maio de 1935, Ano XII, n. 2-553, p. 1.; “Aí vem Carlos Prestes”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 2 de junho de 1935, Ano XII.; “Comunismo disfarçado”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 1 e 4.

<sup>87</sup> “Aliança Libertadora ou Aliança Terrorista?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

<sup>88</sup> Segundo Pedro Fagundes, a partir do II Congresso Nacional, ocorrido em 1935, a AIB transformou a tática política “revolucionária” para a “eleitoral”, haja vista o projeto de conquista do poder e as perspectivas das eleições. Isso repercutiu na centralização temática do que o autor chama de “imprensa verde”. Cf. FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 241-256.

convidarem os integralistas, para cerrarem fileira em torno da nova bandeira libertadora, cuja cor, aliás, ninguém sabe ainda se é preta ou vermelha.<sup>89</sup>

É provável que Demóstenes Martins estivesse se referindo ao manifesto de março de 1935, “Pela Aliança Nacional Libertadora”, no qual os aliancistas concitavam o “povo” do Brasil e da Bahia a lutar contra o capitalismo estrangeiro, responsável pelo imperialismo e o feudalismo no país. A ANL, nesse documento, é apresentada como uma organização não partidária, constituída pelas “massas populares” em ação política, na fileira da qual Luiz Carlos Prestes ganha destaque pela sua “linha de luta, sincera e inflexível”. O texto, que é uma preliminar de criação de uma seção da ANL no estado e uma justificativa para sua existência, convoca a sociedade a participar da assembleia pública. Os integralistas, de fato, aparecem entre os convidados, ao lado dos intelectuais, estudantes, operários, camponeses, industriais, comerciantes, militares, socialistas, socialdemocracia, autonomistas, patronovistas, liberaldemocracia, comunistas, entre outros.<sup>90</sup>

Jacira Cristina Santos Primo, em seu trabalho sobre a Aliança Nacional Libertadora, afirma que a célula baiana começou a ser organizada em abril de 1935, após a reunião de 30 de março, ocorrida no Rio de Janeiro, quando a entidade foi apresentada oficialmente e o nome de Luiz Carlos Prestes sugerido e aprovado como “presidente de honra”.<sup>91</sup> Com o manifesto de março de 1935, pressupõe-se que a articulação em torno da proposta de criação de uma seção na Bahia surgiu um pouco antes. O convite lançado aos diferentes segmentos da sociedade para a luta contra o capital estrangeiro sinalizava a intenção inicial da ANL de congregar agremiações e grupos sociais em torno do anti-imperialismo e antilatifúndio, algo que se transformaria em uma frente política de coloração antifascista.

Sobre a relação entre a composição da ANL e a amplitude do seu programa político, Jacira Primo observa que o fato de lutar por demandas sociais e políticas interferiu no sucesso da agremiação, diante de outras organizações de esquerda formadas no período, garantindo a adesão de diferentes classes ou grupos sociais, ainda que fundada por sujeitos da classe

<sup>89</sup> “Aliança Libertadora ou Aliança Terrorista?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

<sup>90</sup> “Pela Aliança Nacional Libertadora”. *Manifesto*. Bahia, março de 1935. Processo 171 do Tribunal de Segurança Nacional. AN. Sobre a formação e o programa da ANL na Bahia, ver também LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. 2007. 255 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2007, p. 125-129.

<sup>91</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132 f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006, p. 34-35.

média.<sup>92</sup> A investigação da autora acerca das “forças políticas”, como trabalhadores, mulheres, estudantes e pecebistas, que, reunidos na ANL, usaram-na como meio de lutas por reformas sociais e antifascistas, levantou a discussão sobre a ligação entre o PCB e aquela organização.

A aproximação aconteceu a partir de maio de 1935, quando os pecebistas enxergaram a ANL como “instrumento” para alcançar o poder, embora o PCB tenha reivindicado, em manifestos, a paternidade da organização. Do ponto de vista historiográfico há uma “bifurcação” interpretativa entre os autores que acreditam que a ANL foi originária do PCB, a exemplo de Edgar Carone, e os que a enxergam como fruto de uma reunião de forças, com certa independência do PCB, como Marly Vianna.<sup>93</sup> Para este trabalho, no entanto, importa perceber como essa associação foi utilizada pelo integralismo enquanto estratégia política.

Os integralistas equiparavam as duas coisas e cobravam de Vargas medidas de segurança contra aliancistas. O governo, por sua vez, utilizava-se do argumento de filiação da ANL ao Partido Comunista a fim de colocá-la na ilegalidade, como o fez em 11 de julho de 1935. A ligação entre PCB e ANL, defendida pelos jornais opositores, como no caso de *O Serrinhense*, foi reforçada a partir da eleição de Prestes como presidente de honra da organização e do seu manifesto lançado em 5 de julho, no qual explicitou as pretensões revolucionárias da Aliança, determinando a sorte da organização.

Segundo Jacira Primo, os aliancistas ao longo dos meses tentaram, sem bons resultados, reafirmar seus objetivos independentemente das “divergências ideológicas”.<sup>94</sup> Dessa forma, considerando que a própria Aliança reivindicava sua autonomia em relação ao PCB e que a ligação com ele foi alimentada por grupos políticos “rivais” e pelo governo, o convite feito aos integralistas, através do manifesto baiano de março de 1935 não foi absurdo como Demóstenes Martins tentou demonstrar em matéria do jornal *O Serrinhense*.

O Chefe de Tucano apoiou-se nesse fato para tentar desmoralizar a ANL, por ele considerada exemplo de “maçonaria política”, ao concluir que os problemas de definição somados à falta de consistência doutrinária não tornavam os aliancistas confiáveis. Os riscos que poderiam oferecer à família, a Deus, à propriedade e ao próprio integralismo foram suficientes para Demóstenes Martins arrematar, “não há outro caminho”.

---

<sup>92</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132 f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006, p. 35.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p. 52-53.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 75-76.

Por outro lado, a ANL também provocava e agia contra os integralistas, desmascarando o seu “falso nacionalismo” e alertando quanto à sua ligação com o imperialismo e os agentes fascistas no Brasil. Os métodos de ação variavam da agressão verbal à física, em confrontos abertos contra os “galinhas verdes”. Apesar dessa hostilização recíproca, AIB e ANL assemelhavam-se em pontos como organização das células com a manutenção da hierarquia, luta contra os capitais estrangeiros, inspiração nos movimentos internacionais, nacionalismo, uma antifascista e a outra anticomunista, entre outros.<sup>95</sup>

A carga doutrinária dos textos publicados em *O Serrinhense* demonstra que o jornal cumpriu seu papel ao divulgar o programa político da AIB na cidade de Serrinha e região, embora não tenha sido criado para o movimento. Além da publicação de textos de lideranças nacionais, demonstrando a correspondência com as orientações doutrinárias, lideranças regionais e locais, a exemplo de Rubem Nogueira, contribuíram assiduamente com essa tarefa de arregimentação de adeptos, publicando, entre outras, matérias sobre o “Voto do camisa-verde”, como se verificará adiante.

### 2.3 PALESTRAS DE RUBEM NOGUEIRA AOS CAMISAS VERDES

Rubem Rodrigues Nogueira (1913-2010), natural de Serrinha, era filho de duas “personalidades públicas”, como enfatizou ao falar da sua origem: a professora primária Áurea Hermínia Ribeiro, primeira serrinhense a exercer o magistério na terra natal, e Luís Osório Rodrigues Nogueira, comerciante, proprietário de terras e Intendente Municipal (1916-1919). A particular admiração do pai por advogados pode ter influenciado na opção pelo Direito do filho, formado em Ciências Jurídicas, em 1937, quando já fazia parte da AIB.<sup>96</sup>

Rubem Nogueira era primo de um dos chefes provinciais da AIB, Joaquim Araújo Lima e do Chefe municipal de Catu, José Araújo Lima, uma vez que o padre Cupertino de Araújo Lima, pai dos líderes integralistas, era tio materno e padrinho da sua mãe. Áurea Ribeiro, por sua vez, era irmã de Reginaldo Cardoso Ribeiro, fundador, entre outros, do jornal *O Serrinhense* e cunhado do Chefe municipal de Serrinha, Bráulio de Lima Franco. Esses laços afetivos dos integrantes do integralismo remetem à importância da família na doutrina.

<sup>95</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132 f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006, p. 62.

<sup>96</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997.

Antes mesmo de filiar-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), o que só aconteceria em 1934, Rubem Nogueira colaborava com o jornal *O Serrinhense*, quando ainda era propriedade do seu tio materno Reginaldo Ribeiro. Em edições do ano de 1932, com comentários sobre a situação da Alemanha, por ele considerada uma “gloriosa nação”, sobre os jesuítas domiciliados na República espanhola, capazes de “morrer pela humanidade” e sobre o “13 de maio”, dia que marca, para o autor, a libertação das “vítimas pacientes e obsequiosas” dos brancos, anunciava o teor dos textos que seriam publicados no semanário, onde assumiria a sua posição de intérprete da doutrina do Sigma.<sup>97</sup>

A sua participação na imprensa baiana não se limitou às páginas desse semanário de Serrinha. Em abril de 1935, fez parte da redação do vespertino *Diário de Notícias*, propriedade de Altamirando Requião, com a cobertura de trabalhos parlamentares, do qual se dissociou no final do mesmo ano. Em 1937, integrou a redação do matutino *O Imparcial*, da qual se desligou às vésperas da formatura.<sup>98</sup> Embora não tenha sido possível analisar a atuação de Rubem Nogueira nesses jornais da capital, a sua colaboração efetiva em *O Serrinhense*, sobretudo a partir de 1935, evidenciou o tratamento dispensado pelo integralista à doutrina do Sigma.

Rubem Nogueira revela em suas memórias e no discurso de agradecimento à homenagem aos seus oitenta anos, prestada pelas Academias de Letras e de Letras Jurídicas da Bahia, em 1993, que no Colégio Antonio Vieira, para onde foi transferido, em 1928, o interesse pela política começou a se insinuar. Em 1933, cursando o primeiro ano da Faculdade de Direito, num discurso de saudação ao professor de Introdução à Ciência do Direito, Aloísio de Carvalho Filho, eleito à Assembleia Constituinte, aproveitou para demonstrar o seu “antijuracisismo”, que manifestaria em outras ocasiões, principalmente, depois de haver aderido ao integralismo.<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> “A Alemanha”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 24 de janeiro de 1932, Ano VIII, n. 38-386, p. 1.; “Os Átilas da Fé!”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 31 de janeiro de 1932, Ano VIII, n. 39-387, p. 1. e “13 de Maio!”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de maio de 1932, Ano VIII, n. 54-402, p. 4. Consta em discursos do próprio Rubem Nogueira que a sua participação em *O Serrinhense* remonta aos tempos da escola com a publicação do texto “um batalhão em marcha”. Foi iniciativa da professora Astrogilda Paiva Guimarães que inseriu a composição “literária” premiada por ele feita. Cf. *Discurso de posse do acadêmico Rubem Nogueira*. Revista da Academia de Letras da Bahia, 1987, n. 34, p. 258.; NOGUEIRA, Rubem. Discurso de agradecimento do professor Rubem Nogueira. In: *Rubem Nogueira: Homenagem aos seus oitenta anos*. Academia de Letras da Bahia; Academia de Letras Jurídicas da Bahia, 1993. Localizado na Academia de Letras da Bahia – ALB.

<sup>98</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 92-93.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 72.; NOGUEIRA, Rubem. Discurso de agradecimento do professor Rubem Nogueira. *Rubem Nogueira: Homenagem aos seus oitenta anos*. Academia de Letras da Bahia; Academia de Letras Jurídicas da Bahia, 1993. Localizado na ALB.

O contato com o “Manifesto de Outubro”, de 1932, da AIB e com seus propósitos reformuladores do Estado Nacional, exerceu, segundo Rubem Nogueira, forte influência em sua vida, no período em que participava de debates políticos com os já militantes Oldegar Vieira, José Mariani, Reginaldo Santana, José Calasans, João Adonias Aguiar, entre outros. Embora reconhecendo, em tom explicativo, a importância de avaliar os fatos considerando o contexto e as razões de cada época, não hesitou ao reivindicar, anos depois, o seu lugar na AIB. Essa postura foi mantida em textos da década de 1990, sobretudo, nas suas “memórias políticas”.<sup>100</sup>

Rubem Nogueira não foi um integralista comum, do tipo militante de base. Pertencia à classe média e integrava a camada intelectualizada baiana. Embora tivesse participado de viagens ao interior, com o intuito de propagar o movimento, comportava-se como um intérprete da doutrina e um orador nos momentos solenes, em que se explicavam as intenções da AIB.

A ideia nuclear do “Manifesto de Outubro” revelava-se, para Rubem Nogueira, “antitotalitária”, e oposta às concepções comunistas, nazistas e fascistas, uma vez que confiava na “personalidade humana”, situando o “indivíduo” acima do Estado. Propunha, ao invés do sufrágio universal e dos partidos políticos, a “representação profissional” e “corporativa”, a ser desenvolvida a partir do município, célula de grande importância da Federação. No jornal *O Serrinhense*, Rubem Nogueira criou um espaço para falar diretamente aos integralistas, entre outros, sobre o problema do voto político para a doutrina do Sigma.

Dividida em três sequências de textos, entre junho e outubro de 1935, a argumentação concentrou-se na crítica aberta à “liberal democracia” e ao sufrágio universal, que, para o autor, os liberais julgavam ser expressão da “soberania popular” e os integralistas enxergavam como uma “burla sublimada”.<sup>101</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde”, como foram intituladas as matérias, dão conta de aspectos centrais da proposta integralista de Estado, oferecendo explicações doutrinárias sobre a questão da “representação”.

Na primeira parte, Rubem Nogueira referiu-se às eleições passadas como uma “comédia ruidosa”, na qual a “liberal democracia” serviu-se das ilusórias constituições, e aos pleitos municipais futuros, nos quais a “coronelocracia”, composta por “técnicos diplomados na arte

<sup>100</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 98. O memorialista afirma que teve conhecimento direto da AIB, em 1933, através das palestras dos líderes Gustavo Barroso e Miguel Reale, na Associação dos Empregados do Comércio e na Associação Universitária da Bahia.

<sup>101</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 4 de agosto de 1935, Ano XII, n. 12-563, p. 2.

de fabricar adesões”, entraria em ação. O integralista explicou a dinâmica eleitoral do interior da seguinte maneira:

[...] aproximam-se as eleições municipais. Noutras palavras, vai recomeçar a briga surda e hipócrita dos candidatos a prefeito à coronelocracia, que possui copiosos rebanhos de “carneiros”, não se conforma com essa forma de mandar por detrás das cortinas, inventada depois de 1930, quando os coronéis tiveram, por força das circunstâncias, que ceder o cajado aos “moços” por eles próprios arranjados, a fim de livrar as aparências e aplacar a “fúria” dos revolucionários triunfantes...<sup>102</sup>

O sufrágio universal era encarado como um “engodo” que precisava ser golpeado pelo integralismo, o que pôde ser verificado enfaticamente na segunda parte da palestra. Referindo-se às orientações políticas do Chefe Plínio Salgado, Rubem Nogueira entrevista no voto do camisa verde a forma eficaz de destruir o regime com sua própria “arma”, através das urnas municipais:

O voto político, senhores, é a pedra angular do pardieiro que o Integralismo porá por terra, todinho, erguendo, em seu lugar, um edifício novo. Esse casarão carcomido por morcegos e corujas chama-se liberal democracia. A construção moderna – Estado Integral.

No primeiro vivem os parasitas (deputados), os polvos (partidos políticos) os sangue sugas, tripudiando sobre a coletividade, que sofre as injustiças sociais do regime, com o estômago vasto e os beiços sujos de mel (“direitos de cidadania”...).

No segundo, viverão todos os que trabalham, com possibilidades de crescer na razão direta das capacidades respectivas. Em lugar do parasita desfrutador, surgirá a representação profissional. Aniquilados os partidos pela sindicalização integral como pessoa de direito público na direção do Governo Nacional. A Economia Dirigida competirá dar fim aos vermes do capitalismo que, hoje, devoram o Brasil.<sup>103</sup>

O sindicato exerceria, segundo as justificativas desse líder integralista, funções moral, econômica e política, ligando diretamente o Estado à Nação, sem a intermediação dos partidos políticos, que desapareceriam. E insistia na terceira palestra:

No Estado Integral operar-se-á uma transformação absoluta em matéria de representação, que não será, vagamente, “popular”, mas profissional. O voto, em vez de político, terá um caráter econômico, passando a ser privilégio dos que trabalham, dos que produzem. Não será “universal”, e sim, de classe. Cada classe se organizará em sindicato único, dirigido pelo Estado com ele identificado, daí a sua personalidade de direito público.<sup>104</sup>

<sup>102</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 2.

<sup>103</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 2.

<sup>104</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 4 de agosto de 1935, Ano XII, n. 12-563, p. 2.

Em outra palestra, de setembro de 1935, utilizou trechos do livro *Estado Moderno*, de Miguel Reale e diferenciou a “democracia integralista” da “democracia liberal”. Pela sua justificativa, o homem não possuía garantias efetivas nesta última, apesar de constar em seus estatutos a ideia de “direitos humanos”. O texto fazia um convite ao povo para lutar contra as suas “mistificações”.<sup>105</sup>

Não foi somente dessa vez que Rubem Nogueira recorreu à obra de um integralista de projeção nacional para criticar o regime. O livro *Rumo ao Sigma*, de Victor Pujol também foi indicado aos camisas verdes, uma vez que, como parte integrante do trabalho dos intelectuais integralistas, reforçava o desencanto pelo liberalismo e preparava a “geração nova” para o Estado que estava por ser construído. A imagem do crepúsculo foi mais uma vez acionada, anunciando a derrocada do regime liberal e a ascensão do integralismo em um novo dia: “o integralismo é uma verdadeira alvorada que vem iluminar o Brasil atolado no crepúsculo inquietante do regime desumano.”<sup>106</sup>

As palestras de Rubem Nogueira centralizavam a discussão acerca do regime liberal democrático, ainda que outros integralistas e o jornal tenham abordado o ponto, que é, na verdade, um tema central para o integralismo, junto com o anticomunismo, como foi visto. Mas ele também criou polêmicas em torno dos comunistas e dos aliancistas, que estavam ilegais no país, ao contrário, dos integralistas congregados, como enfatizou, em um “Partido Político Nacional”, com registro no Tribunal Superior Eleitoral.<sup>107</sup>

As controvérsias com os comunistas ultrapassaram as barreiras do tempo, para encontrar um lugar seguro nas memórias, décadas depois. A memória desse integralista serrinhense, dos anos de 1990, é obstinada na tentativa de desassociar o integralismo do nazifascismo. Para Rubem Nogueira essa ideia foi criada pelos comunistas treinados na “tática leninista” da repetição, aos quais, pela concepção materialista da vida e pela “absolutização” do Estado, deveria ser dirigida a acusação de fascistas, como se discutirá na quarta seção.

Não foi dessa maneira, entretanto, que Rubem Nogueira interpretou, em 1935, no calor dos acontecimentos, momento de expansão da AIB, a questão do nazismo e do comunismo no mundo, como demonstra a matéria “Mocidade Heróica!”, de sua autoria, publicada na edição de 7 de julho do jornal *O Serrinhense*. O texto revela a sua simpatia e a do integralismo pelo

<sup>105</sup> “Palestras Integralistas – Variações em torno de uma fábula...”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 1 de setembro de 1935, Ano XII, p. 2.

<sup>106</sup> “Palestras Integralistas – Rumo ao Sigma”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 20 de outubro de 1935, Ano XII, n. 21-572, p. 2.

<sup>107</sup> “Um pouco de luz nas trevas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 24 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1.

regime nazista. Ao referir-se a um filme, de nome não divulgado, declarou a emoção que o dominou diante da “campanha heróica da mocidade ‘nazista’” contra o comunismo, quando “capatazes assalariados da III Internacional” tentavam corroer a “ máscula Nação” libertada por Hitler.

O integralista mostrou-se admirado pela “lição” de patriotismo dos germânicos que, com a “camisa da cruz Swástica”, enfrentaram os bolchevistas e deles arrancaram a Alemanha, impedindo-os de nela “entronizar o reino da prostituição moral, do aniquilamento individual de todas as anarquias sociais, consubstanciadas no credo satânico que, hoje, desviriliza e corrompe a Rússia.”<sup>108</sup> O autor ressaltou que essa vitória do “bem” sobre o “mal” foi resultado do sacrifício redentor de jovens que defenderam publicamente o movimento de Adolf Hitler, fazendo dos alemães uma “raça audaciosa e máscula!”.

A combinação entre “ másculo” e “vencedor” é reiterada ao longo da matéria. Ponto que remete a uma das facetas do discurso integralista identificadas por Gilberto Vasconcellos, a “fusão entre sexo e política”.<sup>109</sup> A Alemanha aparece representada pelo homem forte e a Rússia, espaço de “prostituição moral”, é desvirilizada, portanto, identificada pelo lado sexual da questão. Uma “quase fêmea”, corrompida e prostituída, diferente da “mulher mãe”, dessexualizada, da ideologia moralista do integralismo.

Rubem Nogueira utilizou a abordagem fílmica como referência para pensar na ação do inimigo no Brasil. Convidou os integralistas, “unidos e em número crescente”, a enfrentá-lo para evitar a morte do país, comparando a luta do integralismo contra a Aliança Nacional Libertadora com a do nazismo:

[...] comparo a luta da juventude “nazista” com esta outra, não menos dura, em que nós, camisas verdes, nos achamos empenhados, por salvar a Nação dos vermes que a querem comer, quando um regime tuberculoso e irresponsável escancara as portas do Brasil para a invasão dos pregoeiros da sanha comunista que já se multiplicam sob o capote negro e mistificador de uma “Aliança” sanguinária e liberticida.

Mas o seu trapo vermelho não há de ser hasteado nessa Pátria infeliz. E não há de ser, porque o Integralismo não quer, e o Integralismo tem a fé dos seus arautos o entusiasmo consciente dos seus defensores, a bravura dos seus soldados e a disciplina da sua portentosa organização, para expulsar do solo ultrajado da Pátria todos os sicários da III Internacional e fazer vitoriosa um dia a Revolução redentora do Sigma!<sup>110</sup>

<sup>108</sup> “Mocidade Heróica!”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 7 de julho de 1935, Ano XII, n. 8-559, p. 2.

<sup>109</sup> VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 30.

<sup>110</sup> “Mocidade Heróica!”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 7 de julho de 1935, Ano XII, n. 8-559, p. 2.

A memória encarregou-se de encobrir os deslizes do passado, embora isso não tenha implicado em sua total recusa. Rubem Nogueira não deixou de reconhecer o “fascínio” que o integralismo exerceu, com o “conteúdo doutrinário nobre” e o espírito nacional, sobre a sua geração, especialmente, sobre a parte mais “intelectualizada”, mas omitiu detalhes da sua opção política ou provocou o esquecimento dessa parte da história, em um momento de flagrante disputa pelo passado nos anos de 1990.<sup>111</sup>

Mais de seis décadas depois, o memorialista recordou as dificuldades e as estratégias do movimento. Dirigiu longos ataques ao ex-governador Juraci Magalhães e aos comunistas, promovendo um ajuste de contas com o passado e com as suas memórias. Ao defender o integralismo, justificou as perseguições e acusações a ele lançadas, redirecionando a culpa e aduzindo uma leitura positiva da AIB.

Contra as memórias de Juraci Magalhães, por exemplo, reagiu enfaticamente. Segundo Rubem Nogueira, as deduções do ex-governador, que atribuíram ao caráter oposicionista do movimento e à quantidade de colonos simpatizantes do fascismo em determinados municípios, o sucesso da AIB na Bahia, foram equivocadas. O autor afirmou com relação à primeira conclusão que, ao contrário, o reduto antigovernista foi o autonomismo.<sup>112</sup>

Quanto à segunda conclusão, que destaca quantitativamente a presença de descendentes italianos nos municípios, a exemplo de Jequié, Rubem Nogueira retrucou assegurando que Jaguaquara, onde a presença de italianos era maior do que em Jequié, o integralismo cresceu menos. Entretanto, no município de Santa Inês, onde inexistiam habitantes de origem italiana, elegeu-se o prefeito municipal pela AIB, em 1936.

As forças reunidas pela AIB inquietaram o governador, cujas medidas repressivas marcaram a história do integralismo na Bahia. Também em memórias chegou a afirmar que enxergava no apoio dado por Getúlio Vargas ao movimento o prenúncio de sua queda. Juraci Magalhães sugeriu que o insucesso dos integralistas, apesar do apoio de Vargas e do crescimento no estado, deveu-se à falta de “ímpeto revolucionário”:

No meu tempo de interventor na Bahia, cheguei a advertir Getúlio, numerosas vezes, sobre o preocupante crescimento do integralismo no Estado. Ele mudava de conversa, comparava os *camisas-verdes* a um inofensivo punhado de rãs. E ironizava: – Juraci, não te assustes com essas pererecas que só fazem barulho. Quando as vais contar, não chegam a encher um bebedouro. Estava errado. As pererecas cresciam nos charcos. Ele achara bom aliar-se àquela força crescente da direita, mas de repente resolveu adiantar-se a ela e, no dia 10 de novembro de 1937, deu seu histórico golpe, fechando o Congresso, declarando todo o país em estado de

<sup>111</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 113.

emergência, suspendendo as liberdades civis e dissolvendo todos os partidos políticos, inclusive a Ação Integralista.<sup>113</sup>

Embora matizadas pelo tempo, essas memórias revelam o interesse desses personagens em revisar o passado e justificar os possíveis erros e acertos em relação à AIB.<sup>114</sup> Elas retomam questões importantes sobre a expansão do movimento integralista na Bahia, atestam a sua força no interior do estado e remetem à relação do governo Vargas com o integralismo. Pontos que serão discutidos na próxima seção.

---

<sup>113</sup> GUEIROS, José Alberto. *O último tenente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 191.

<sup>114</sup> Sobre o “teor ideológico” na leitura social do passado com os olhos do presente, ver BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 453.

### 3 AÇÃO POLÍTICA NA “PROVÍNCIA MÁRTIR DO INTEGRALISMO”

A ação política para os integralistas implicava no trabalho de educação dos brasileiros, visando forjar uma consciência nacional. Através da intensa atividade jornalística, divulgava-se a doutrina e expandia-se o movimento, atraindo adeptos. O próprio título de “Ação Integralista Brasileira” elucidava a pretensão de manifestar-se enquanto força devotada à ação. A partir de 1935, inauguraram uma fase na qual as tarefas doutrinárias se aliaram às disputas nas urnas. Esse modo de pensar e agir refletia a relação do integralismo com o poder: “De que maneira pretende o Integralismo chegar ao poder? Pela conquista gradual, firme, alicerçada, sem pressa, da consciência do povo brasileiro, de modo que, um dia, este se manifeste livremente.”<sup>115</sup>

Desta forma Plínio Salgado explicou, na edição de 22 de dezembro de 1935 do jornal *O Serrinhense*, a relação entre “o integralismo e o poder”, conforme o título da matéria. Em um exercício de perguntas e respostas, assegurava que a conquista do poder deveria ser resultado de um trabalho de conscientização do “povo brasileiro”, que poderia durar anos. A falta de pressa era justificada pela certeza da vitória dos integralistas, ou de seus “filhos”, entendidos como filhos da “Nação”, sendo o integralismo parte dela.

O caminho legitimado pelo Chefe para “salvar o Brasil” e transformá-lo em uma “potência respeitada” era o da atividade doutrinária “honesta”. O método de ação, através da divulgação da doutrina, entretanto, deveria variar de acordo com os níveis de “capacidades intelectuais”, como explicava Plínio Salgado:

Para os mais cultos, publica[m-se] livros, tendo já lançado mais de 20 volumes contendo a filosofia, o fundamento jurídico, as bases econômicas e o esquema da estrutura política. Para os menos cultos, folhetos, boletins, artigos de jornal, pois temos, já mais de 80 pequenos semanários modestos, em todo o Brasil, disseminando a nossa doutrina. E, finalmente, para os analfabetos, usamos da conversação, dirigindo-nos diretamente ao seu coração e ao seu entendimento.<sup>116</sup>

Gilberto Grassi Calil discutiu no texto sobre a “imprensa integralista no pós-guerra” os recursos utilizados pela AIB para propagar a doutrina. A partir da análise das obras de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, o autor afirmou que os textos “supostamente mais complexos” e de base “filosófica” eram destinados aos intelectuais, sendo os mais curtos e

<sup>115</sup> “O Integralismo e o Poder”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 3.

<sup>116</sup> “O Integralismo e o Poder”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 29-580, p. 3.

simples, geralmente contendo perguntas e respostas, palavras destacadas com negrito ou letras maiúsculas, direcionados às “massas”.<sup>117</sup> Os trechos acima acentuam essa estratégia das lideranças integralistas.

Dois meses antes da publicação do texto do Chefe nacional da AIB, o jornal fez circular a matéria do Secretário Nacional de Propaganda, Madeira de Freitas, tratando do mesmo assunto, também intitulada “O Integralismo e o Poder”. Madeira de Freitas enfatizou a condição de legalidade da AIB, enquanto partido que respeitava a “ordem” e a constituição. Sobre a relação direta do integralismo com o poder, parte da rejeição da liberal democracia e revela os propósitos autoritários do Estado integral:

A nós, integralistas, não nos interessa o poder que o governo demo-liberal tem nas mãos. Esse poder não é poder porque lhe falta a característica do poder, que é a autoridade! Nós, camisas-verdes, queremos o poder feito da nossa consciência e da nossa realidade de grande potência mundial, líder necessário dos destinos do Continente!<sup>118</sup>

Essa ideia de que o poder era resultado da consciência se alinhava à proposta de conscientização das massas lançada por Plínio Salgado. O integralismo foi definido como “movimento revolucionário” por Madeira de Freitas, mas, como se observa no pensamento dessas lideranças, em busca de uma “revolução” gradativa. A “revolução” integralista, pelo que se depreende, se fazia com a educação doutrinária das massas, recurso bastante explorado até pouco mais de meados de 1935, uma vez que, a partir do final daquele ano e, principalmente, início de 1936, houve uma mudança de tática política dos integralistas, que passaram a se concentrar cada vez mais no processo eleitoral, como já anunciava o tom desses textos.

Rubem Nogueira, ao abordar a mesma questão, havia explicado, em edição de 23 de junho de 1935, a maneira como o “movimento revolucionário” salvaria o país da liberal democracia, de que o “místico” sufrágio político era fruto:

[...] Com os nossos representantes nos Conselhos Municipais, nas Câmaras Provinciais e Federal; com os nossos cursos permanentes de cultura política, sociológica, jurídica, histórica, financeira e de educação cívica e moral; com a nossa

<sup>117</sup> No caso de Plínio Salgado, com relação à produção da década de 1930, o autor identifica claramente essa divisão. Entre as obras mais bem formuladas destacou *Psicologia da Revolução, A quarta humanidade* (1936), *Despertemos a Nação* (1935), *A Doutrina do Sigma* (1935). Os exemplos de obras de “divulgação doutrinária vulgarizada” são *Cartas aos Camisas Verdes* (1935), *Páginas de Combate* (1937) e *Nosso Brasil* (1937). Cf. CALIL, Gilberto Grassi. A imprensa integralista no Pós-Guerra: os jornais “Reação Brasileira”, “Idade Nova” e “A Marcha”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 328-329.

<sup>118</sup> “O Integralismo e o Poder”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 28 de outubro de 1935, Ano XII, n. 22-573, p. 2.

doutrinação ininterrupta das massas, através de todos os Núcleos instalados em mais de mil municípios; com a unidade de pensamento cada vez maior que realizamos, criando uma verdadeira consciência nacional nova: com a organização perfeita [...].<sup>119</sup>

Além dos livros, dos boletins e dos cursos doutrinários, a imprensa fazia parte da estratégia de ação dos integralistas. Esse foi o caso, conforme verificado na seção anterior, do semanário *O Serrinhense*, onde as matérias das chefias foram publicadas. As propagandas do charuto “Anauê” e da livraria “A Pérola”, onde era possível encontrar livros integralistas em Serrinha, por exemplo, indicam o papel do jornal enquanto veículo doutrinário, como também apontam para a dimensão da tarefa “propagandística” do movimento.<sup>120</sup>

O jornal menciona, em edição de outubro de 1935, a realização do “sorteio verde”, de acordo com a loteria federal. Ainda que a nota não tenha informado se a premiação seria local, regional ou nacional é um bom exemplo do nível de organização e de mobilização dos integralistas locais. O lançamento das folhinhas de propaganda para 1936 demonstra, igualmente, o raio de ação dos integralistas, com o explícito objetivo de acompanhar diariamente as pessoas, penetrando no ambiente doméstico.<sup>121</sup>

Os calendários continham no verso, referências aos acontecimentos da AIB e, no reverso, conceitos doutrinários, além da foto ampliada do Chefe nacional, na cartolina. Foram confeccionados por uma empresa carioca, para onde eram remetidos os pedidos. Segundo a nota, a aquisição havia sido recomendada por um departamento da Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, através de uma circular enviada aos núcleos espalhados pelo país.

Os integralistas de Serrinha aproveitavam também as programações festivas da cidade, como festas dos católicos e dos vaqueiros, de final de ano, entre outras, para pôr em prática suas intenções propagandísticas. Nesse sentido, destacou-se o trabalho do Departamento Feminino da AIB, à frente de comemorações, como a do final do ano de 1935, quando se

<sup>119</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde II”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

<sup>120</sup> Pedro Ernesto Fagundes observa que a AIB foi o partido que mais utilizou os meios de comunicação para “legitimar” a sua doutrina. Além dos jornais, das revistas, dos cartazes, das fotografias, das moedas e medalhas, os integralistas fizeram uso do cinema e do rádio, recurso bem explorado também pelo governo Vargas. Cf. FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 243-245.

<sup>121</sup> “Sorteio Verde”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 13 de outubro de 1935, Ano XII, n. 20-571, p. 2.; “Folhinhas Integralistas – Conceitos, efemérides históricas do Sigma e o retrato de Plínio Salgado na cartolina”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 2.

apresentou o grupo teatral “Anauê”, do qual faziam parte as integralistas, Zephira e Zélia Paes, e Adélia Moura, todas de Serrinha, além do folclorista Umberto Santiago.<sup>122</sup>

Ao reportar-se ao período de intensa atividade do movimento, o próprio Rubem Nogueira relembrou o esforço dos integrantes para propagar a doutrina e atrair adeptos, através de variados meios de ação. Somavam-se aos comícios, aos desfiles, às reuniões de núcleos e às publicações de orientação doutrinária, os “estímulos psicológicos”, como rituais, símbolos e “exterioridades”, a exemplo do hino “Ergue-te Mocidade!”, da bandeira azul e branca, do Sigma, da camisa verde.<sup>123</sup>

O discurso doutrinário, entretanto, foi central para a ação política na AIB, e isso fica evidenciado com o pensamento dos líderes. Gilberto Vasconcellos ao analisar o discurso integralista reconhece a importância dele para o movimento, o que remete às influências da corrente literária “verdeamarela” de 1922. Embora se utilizando da linguagem como “mera ferramenta utilitária”, à semelhança dos fascismos europeus, o integralismo, ao contrário deles, elaborou e se baseou em um “corpus discursivo”, uma “teoria”, que antecedeu e pretendeu orientar a ação do grupo. Essa habilidade, para Vasconcellos, também fez do integralismo um movimento diferente de outros autoritários que surgiram no Brasil.<sup>124</sup>

Os fragmentos analisados acima demonstram como os integralistas apostavam na força de seu discurso. O trinômio “Deus, Pátria e Família”, reivindicado por integrantes do movimento em diferentes textos e ocasiões, sintetiza o campo teórico que justificaria o conjunto de suas práticas. Para alcançar o poder era necessário conquistar a confiança dos brasileiros e investir no seu doutrinamento a fim de convencê-los da missão da AIB: “salvar a Pátria” e conduzi-la ao seu “destino histórico”, com a implantação do Estado integral.

Doutrina e ação política, portanto, se completavam e se fundiam na AIB. Ao divulgar elementos doutrinários agia-se em busca de integrantes, o que implicava em conquista de adeptos, em maiores chances de aceitação na sociedade e em novas estratégias de disputa pelo poder. Os integralistas das cidades de Serrinha e de Alagoinhas, por exemplo, atuaram com esse objetivo na região. As fontes examinadas apontam o esforço de lideranças e integrantes locais para divulgar a doutrina e expandir o integralismo, seja através da instalação de núcleos, com as chefias municipais, ou da atividade individual.

<sup>122</sup> “Coisas da Cidade – Na alvorada do novo ano – O belo festival de domingo – Um monstrengo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 5 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 30-581, p. 2.

<sup>123</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 101.

<sup>124</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 82.

Em Serrinha e Tucano, os chefes Bráulio de Lima Franco e Demóstenes Martins, destacaram-se fundando núcleos e subnúcleos nestes municípios e nos arredores, como Inhambupe, Pombal, Beritingas, Lamarão, entre outros. Em Alagoinhas, o secretário Salomão Antonio Barros, os chefes Alcindo de Camargo e Argemiro Mattos e, a partir de 1938, o ativo Joaquim Pinto Batista Filho foram responsáveis pelas atividades realizadas na cidade. Este último caso merece maior atenção por ter reivindicado pelo resto dos dias os valores integralistas, ao intermediar e alimentar uma rede de relações entre integrantes de diferentes localidades.

Laís Mônica Reis Ferreira, ao analisar o “integralismo na Bahia”, enfatiza que o “processo de expansão da AIB foi mais intenso no interior”, o que tornou peculiar o movimento no estado, em relação a cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, onde, conforme estudos desenvolvidos por Rodrigo Oliveira, foi eminentemente urbano. Dois fatores, apontados pela autora, indicam o sucesso do integralismo no interior: o seu crescimento eleitoral e o registro em um período de um ano, entre 1935 e 1936, no Tribunal Regional Eleitoral (TRE) de delegados e representantes da AIB em 65 municípios no estado.<sup>125</sup> Isso significa que nesse período o número de núcleos e de integrantes aumentou.

Embora tenha se referido ao processo de expansão do integralismo na Bahia, Laís Ferreira não avançou em direção aos municípios onde foram constituídos redutos dos camisas verdes. Esta dissertação parte desse ponto para examinar o desenvolvimento da AIB no interior do estado. O estudo de caso das cidades de Serrinha e Alagoinhas demonstrou que o movimento foi expressivo nestes locais, onde a imprensa e as práticas políticas dos adeptos do Sigma foram fundamentais para a propagação da doutrina e o seu crescimento.

Os dados oferecidos pelo jornal *O Imparcial* apontaram para meados do ano de 1936 o número aproximado de 46.000 integralistas, articulados em mais de 300 núcleos.<sup>126</sup> Ainda que tenham sido apenas estimativas de um jornal, cuja posição de “porta-voz” do integralismo pode ter influenciado no resultado, o fato é que o movimento integralista na Bahia foi tão eficaz e teve tamanha repercussão, a ponto de anos depois o integralista Jader Medeiros ter se referido ao estado, em carta a Joaquim P. Batista Filho, como a “Província Mártir do Integralismo”. Jader Medeiros não justificou a sua visão sobre a Bahia, mas é provável que

---

<sup>125</sup> FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 27-28.

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 26. A autora faz referência à seguinte edição do jornal, *O Imparcial*, n. 1715, 21 maio de 1936, p. 5.

ele estivesse se referindo à resistência dos integralistas às perseguições ao movimento, capitaneadas pelo secretário de Segurança Pública, João Facó.

Consuelo Novais Sampaio observa que a partir de março de 1935, depois do surgimento da ANL, houve um crescimento “vertiginoso” da adesão à AIB. Na Bahia, após o Congresso de novembro do mesmo ano, que mobilizou os integralistas de diferentes regiões do estado, o movimento propagou-se, de maneira que os efeitos foram percebidos por Juraci Magalhães, nas eleições municipais de janeiro de 1936. Em função disso e aproveitando-se do “estado de sítio”, o governador declarou “guerra aberta” ao movimento.<sup>127</sup>

Àquela altura a chefia provincial da Bahia recebia do Secretário Nacional de Organização Política, Everaldo Leite, e de Plínio Salgado, as diretrizes para o “estado de sítio”. Os integralistas estavam desautorizados a realizar comícios, reuniões públicas e sessões solenes, tendo permissão somente para as reuniões internas. Pela ordem das chefias, as sedes funcionariam normalmente, com os “serviços burocráticos” e os chefes municipais deveriam manter contato constante com os provinciais e estes com o chefe nacional. Manteriam, ainda, vigilância constante e disposição para cooperar com as autoridades locais e nacionais contra o comunismo.<sup>128</sup> Essa ordem não diminuiu a força que o integralismo vinha acumulando no interior, tampouco impediu a expansão do movimento, que rumava para a fase das eleições.

Gilberto Vasconcellos também ressaltou a importância do interior para a doutrina, lugar onde habitaria a “brasilidade”. A escolha do “curupira” como símbolo do movimento, que remonta à fase do “verdeamarelismo” modernista foi justificada pela “aderência telúrica” da figura folclórica, embora isso não resolva, para o autor, o “mimetismo ideológico” em relação aos fascismos europeus.<sup>129</sup> A força e a expansão do integralismo em diferentes municípios do interior da Bahia, entretanto, particularizou o movimento em relação a outros estados.

A força da AIB no interior rendeu a cidades como Rio Novo (Ipiaú) e Ilhéus os títulos de “cidade verde” e “cidade integralista”, respectivamente. O núcleo de Rio Novo foi fundado em 1934, pelo engenheiro Antônio de Almeida Souza Filho, passando a ser chefiado por Durval Hohlenwerger. Em função do progresso do movimento e das questões político-partidárias locais, que colocaram em frentes opostas, a do PSD e da AIB, antigos aliados, a liberdade dos integralistas foi cerceada depois da vitória de Leonel Dias Andrade (PSD), nas

<sup>127</sup> SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 117-118.

<sup>128</sup> “Aos Chefes Municipais e Distritais da AIB”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 28-579, p. 2.

<sup>129</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 20-21.

eleições de janeiro de 1936. A repressão policial impediu as manifestações públicas dos camisas verdes, que também ficaram proibidos de fazer reuniões.<sup>130</sup>

Ilhéus ganhou destaque no jornal *A Província* pelo seu “espírito integralista”. O jornal afirmava, em fevereiro de 1935, que “toda a população”, com poucas exceções, era adepta do integralismo. Com essa informação introduzia a notícia da “parada” dos camisas verdes, que reuniu 900 milicianos, na Praça João Pessoa, e contou com a participação do chefe provincial Ponciano Jaqueira. Esse episódio foi considerado o maior ato público que a cidade tinha assistido.<sup>131</sup>

Nesse período chefiava o núcleo municipal de Ilhéus o médico Gustavo Fonseca, que substituíra Pedro Ribeiro Filho, presidente da direção provisória, constituída em junho de 1934. Nas eleições de janeiro de 1936, Gustavo Fonseca, candidato integralista ao legislativo municipal, foi o terceiro vereador mais votado, perdendo para o primeiro colocado Eusínio Lavigne, do PSD e o segundo, Luís Lavigne, da Concentração Autonomista.<sup>132</sup>

Os estudos que abordam a história do integralismo na Bahia tendem a associar às atividades de integralistas da região sul, a força que o movimento alcançou no interior do estado, muito em função do reconhecimento que foi dado pelos próprios integralistas a essas cidades. Na região nordeste, entretanto, o integralismo também se expandiu de forma ampla. Conforme será visto nesta seção, municípios como Serrinha e Tucano, constituíram-se em redutos dos adeptos do Sigma. Condição que pode ser ratificada pela rápida expansão do movimento, bem como pela perseguição a seus integrantes nesses locais, onde até o uso da camisa verde fora proibido.

<sup>130</sup> MENDES, Sandra Regina.; SILVA, Albione Souza. Anauê! Ipiaú, a cidade verde. In: MENDES, Sandra Regina.; ANJOS, Dílson Araújo dos. (Orgs.). *Ipiaú: histórias da nossa história*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006, p. 74-75.

<sup>131</sup> “Ilhéus, cidade integralista – Uma parada de 900 milicianos em meio do vibrante entusiasmo de todo o povo de Ilhéus”. *A Província*. Província da Bahia, 28 de fevereiro de 1935, Ano I, n. 5, p. 3 e 6.

<sup>132</sup> “As eleições municipais em Ilhéus”. *O Imparcial*. Salvador (Bahia), 30 de janeiro de 1936, Ano XIII, n. 1587, p. 8. Cf. NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Memória e história do integralismo no interior da Bahia: o povoado de Itapuhy (Sul da Bahia, 1935-1936)*. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/ehosudeste/templates/htm/viencontro/textosIntegra/JairoCarvalhodoNascimento.pdf>> Acesso em: 5 de setembro de 2012.

### 3.1 “CARAVANAS” E “BANDEIRAS” NO NORDESTE DA BAHIA

Os núcleos integralistas das cidades de Serrinha e Tucano, chefiados por Bráulio de Lima Franco e Demóstenes Martins, respectivamente, realizavam atividades sistemáticas, fundando novos núcleos pela região, organizando sessões semanais e lançando campanhas financeiras para investir na propaganda da ideologia integralista. Na condição de Chefes municipais, deveriam difundir a doutrina em lugarejos geralmente de difícil acesso, mas, como se viu, de grande importância para a AIB. A denominação dada aos grupos encarregados de fundar os núcleos em outros locais, de “caravanas” ou “bandeiras”, remete à função desbravadora, e até “colonizadora”, desses peregrinos.<sup>133</sup>

As “caravanas” eram presididas pelo Chefe municipal, que, quando ausente, designava um ou mais integralistas para substituí-lo, e, geralmente, formadas pelos secretários que o auxiliavam e por outros membros da célula, em alguns casos, acadêmicos. Os grupos divulgavam a doutrina e oficializavam a fundação do núcleo com a oração do chefe e a nomeação do “grupo coordenador”, composto pelo Chefe coordenador, o secretário e o tesoureiro. Essas etapas eram parte do ritual de fundação que envolvia recepção aos integralistas visitantes, ao som de marchas e “anauês”, inscrição de novos integralistas e juramento ao Chefe municipal, declaração e nomeação do referido “grupo coordenador”, discursos públicos sobre temas doutrinários, canto do hino nacional e juramento de fidelidade a Plínio Salgado, seguido de três “anauês”.<sup>134</sup>

*O Serrinhense* fez cobertura da fundação de núcleos no município e em vizinhos como Pombal e Inhambupe, e de diversos subnúcleos, em distritos e arraiais, como Beritingas, Candeal, Lamarão, Tanquinho, Pedras, abrangendo vasta área do Nordeste baiano. Conforme

<sup>133</sup> As “caravanas” eram comuns entre os grupos políticos que disputavam o poder no período. Em memórias João Falcão relembra as “caravanas” comunistas que rumavam para o interior fazendo campanha sucessória, em 1937, para José Américo de Almeida, apoiado também pelo governo federal e estadual, governado pelo capitão Juraci Montenegro Magalhães. Consuelo Novais Sampaio refere-se às “caravanas autonomistas” que percorriam o estado, em meados da década de 1930, instalando as “comissões para a libertação da Bahia”. Cf. FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p. 28.; SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 102.

<sup>134</sup> A nota da “coluna sigma” de julho de 1935, tratando da fundação do subnúcleo de Beritingas, exemplifica, pormenorizadamente, as etapas do “ritual”. “Coluna Sigma – A fundação do Subnúcleo de Beritingas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) de 7 de julho de 1935, Ano XII, n. 8-559, p. 3. Em algumas reuniões, antes dos discursos dos chefes envolvidos, eram apresentados números de ginásticas, em valorização e demonstração da “cultura física”, além dos jogos esportivos. Em outras ocasiões, tinha recital de poesias. “O integralismo em Beritingas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 28 de outubro de 1935, Ano XII, n. 22-573, p. 2.

as notas reunidas na “Coluna Sigma”, para Pombal, seguiu-se uma “caravana” chefiada por Demóstenes Martins, de Tucano. No caso de Inhambupe responsabilizou-se Argemiro Mattos, Chefe Municipal de Alagoinhas, ficando a instalação dos outros subnúcleos a cargo de Bráulio Franco, de Serrinha. A “Coluna Sigma” reunia informações de redatores e correspondentes acerca das atividades de integralistas, enfatizando a “simpatia” com que a doutrina era recebida, pelas “famílias e representantes de todas as classes sociais”.<sup>135</sup>

Esse era o espaço reservado às avaliações positivas das sessões públicas semanais e dos resultados dos trabalhos desenvolvidos pelos chefes e seus respectivos secretariados. Além da acolhida entre as populações locais, as adesões aumentavam depois da instalação oficial dos núcleos, a exemplo do registrado em notas a respeito de Pombal e Inhambupe, o primeiro alcançando 176 integrantes, em menos de um mês, e o segundo “fadado a um rápido progresso”.<sup>136</sup>

Em casos como o de Candéal, a solicitação de fundação do núcleo foi realizada através de telegrama, por interessados locais. Após a fundação do núcleo, tendo como chefe João Martins Filho, houve expansão do integralismo.<sup>137</sup> O distrito de Lamarão, onde a chefia do núcleo integralista passou de Lindolpho Guimarães Batista para João Alves de Oliveira, também se destacou pelo “surto de progresso extraordinário”, em consequência da intensa propaganda doutrinária no local.<sup>138</sup>

Alagoinhas também foi destacada como exemplo de cidade onde o movimento integralista estava em “franco progresso sem sofrer a mínima restrição à sua liberdade de ação”. A nota do jornal aproveitou para salientar o “elo de amizade” existente entre os integralistas desse município e os de Serrinha.<sup>139</sup>

<sup>135</sup> “Foi o destaque da nota Integralismo – A fundação do Núcleo de Inhambupe”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

<sup>136</sup> “Núcleo de Pombal (Pelo Correio)”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 3.; “Integralismo – a fundação do Núcleo de Inhambupe”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 2.

<sup>137</sup> “O integralismo em Candéal”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 3. “Coluna Sigma – Caravana a Tanquinho e Candéal”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 14 de julho de 1935, Ano XII, p. 3. “De Candéal – Expansão Integralista”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de setembro de 1935, Ano XII, p. 2.

<sup>138</sup> “Coluna Sigma – Núcleo distrital de Lamarão”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 23 de junho de 1935, Ano XII, n. 6-557, p. 3. “Coluna Sigma – O integralismo em Lamarão”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 11 de agosto de 1935, p. 3.

<sup>139</sup> “Escola Alberto Motta – A homenagem dos integralistas alagoanhenses a um camisa verde falecido”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de abril de 1936, Ano XI, n. 44, p. 2.

Em uma das suas “palestras integralistas”, em meados de 1935, Rubem Nogueira, referindo-se às eleições municipais de 1936, nas quais os integralistas competiriam, atestou o crescimento da AIB:

Não há município brasileiro que não possua, presentemente, quando nada, cem camisas-verdes. A média, se calculada, subiria a muito mais, sem dúvida. Mas consideremos a quantidade por unidade. Cem integralistas, pelo menos, em cada município, eis o que somos, após 2 anos de atividades.<sup>140</sup>

A conquista das “novas consciências” era resultado dos trabalhos desses “bandeirantes” em suas andanças pelo interior do estado. Rubem Nogueira participou dessas viagens, que se realizavam em qualquer turno e com diferentes meios de transporte, fazendo proselitismo como reconheceu anos depois.<sup>141</sup>

As “caravanas”, no entanto, não circulavam somente com os propósitos de fundar núcleos e fazer propaganda doutrinária. Serviam para colocar os integralistas dos núcleos e subnúcleos do estado em contato, geralmente em reuniões solenes, para discutir a doutrina, promovendo grandes encontros, como o foi o 1º Congresso Integralista da Bahia, realizado de 8 a 10 de novembro de 1935, em Salvador. Para o evento seguiram caravanas de Serrinha, Tucano e Pombal, chefiadas, respectivamente, por Bráulio Franco, Demóstenes Martins e Manoel Soares Fonseca, pelo trem noturno, de 6 de novembro de 1935, com 150 integralistas, sendo 13 de Pombal, 35 de Tucano e o restante de Serrinha e distritos.<sup>142</sup>

O semanário *O Serrinhense*, que registrou a mobilização em torno do Congresso e fez a cobertura do evento, aproveitou para denunciar as “péssimas condições” da estrada de ferro Leste Brasileiro, que não atendia às necessidades dos sertanejos e atrapalhava o desenvolvimento do sertão. O “fracasso” da ferrovia dificultou, segundo a nota, a locomoção dos sertanejos integralistas à capital, impedindo a participação de muitos deles.<sup>143</sup>

Os integralistas do nordeste da Bahia não ficaram isolados em suas atividades com as “caravanas” ou “bandeiras”. O chefe provincial, Joaquim Araújo Lima e o próprio chefe nacional, Plínio Salgado, participaram e promoveram excursões com o mesmo intuito

<sup>140</sup> “Palestras Integralistas – O voto do camisa-verde”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de junho de 1935, Ano XII, n. 5-556, p. 2.

<sup>141</sup> NOGUEIRA, Rubem. Discurso de agradecimento do professor Rubem Nogueira. *Rubem Nogueira: Homenagem aos seus oitenta anos*. Academia de Letras da Bahia; Academia de Letras Jurídicas da Bahia, 1993. Localizado na ALB

<sup>142</sup> “Caravanas Integralistas – A partida”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 10 de novembro de 1935, Ano XII, n. 24-575, p. 2.

<sup>143</sup> “Atualidades – Quando virão?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 10 de novembro de 1935, Ano XII, n. 24-575, p. 1.

propagador, o primeiro em nível estadual e o segundo pelo território nacional.<sup>144</sup> Essas experiências, entretanto, não impediram as iniciativas individuais de propaganda da doutrina.<sup>145</sup>

Outro resultado dessa mobilização coletiva dos integralistas, organizados em excursões, foi o 1º Congresso Nacional Universitário, promovido pela AIB, entre 10 e 12 de fevereiro de 1936, na cidade de São João D’El Rei, em Minas Gerais. Segundo a nota divulgada em *O Serrinhense*, delegações acadêmicas de todo o país compareceram e os estudantes apresentaram “teses”. O Departamento Universitário da Bahia enviou uma delegação de estudantes das Escolas Superiores, como os de direito, Júlio Sá, Oldegar Vieira, Jesner Barreto Bastos, Nicanor de Carvalho e Gil Nunesmaia. O congresso, presidido por Plínio Salgado, reuniu 600 universitários integralistas, que, somados aos outros participantes ligados ou não ao movimento, formaram um total de 10.000 pessoas, despertando a atenção da polícia mineira.<sup>146</sup>

O crescimento e a mobilização dos integralistas no país, embora não tenha atraído a atenção imediata do governo federal provocou em estados como a Bahia uma onda de perseguição e repressão ao movimento. A partir do momento em que o integralismo passou a representar uma ameaça real, também no campo eleitoral, ao dividir votos com o partido da situação, o Partido Social Democrático (PSD), no pleito de janeiro de 1936, o governador Juraci Magalhães promoveu, com o auxílio do Chefe de polícia João Facó, sucessivos ataques aos integralistas, que culminaram na ordem de fechamento de todos os núcleos da AIB no estado, em 3 de setembro de 1936, colocando-a na ilegalidade.

Os integralistas conviveram ainda no final de 1935, no entanto, com o alerta de fechamento das sedes da AIB noticiado no jornal *O Serrinhense*. Rubem Nogueira advertia na matéria que, caso o presidente decretasse o fechamento da AIB, como era de desejo dos “burgueses”, dos “comunistas” e dos “politicões liberais”, os integralistas seguiriam as ordens de Plínio Salgado em busca de justiça. Madeira de Freitas interpretou o requerimento como

<sup>144</sup> “Essa lei é boa!”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 6 de outubro de 1935, Ano XII, n. 19-570, p. 2.

<sup>145</sup> “Andarilho Integralista”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 1º de setembro de 1935, Ano XII, p. 1.

<sup>146</sup> Esses dados numéricos foram divulgados na nota do jornal. “Seiscentos estudantes integralistas – compareceram ao Congresso Nacional Universitário de São João D’El Rei”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 16 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 36-587, p. 4.

uma “artimanha” da liberal democracia e como reflexo da “falta de ocupação” do parlamento brasileiro.<sup>147</sup>

Plínio Salgado, após o pleito de janeiro de 1936, julgou improcedente a tentativa de cassação da AIB como partido político, justificando com o Manifesto-Programa de 1936 e a legalidade dos integralistas nas eleições, as boas intenções do “único partido nacional”. A sua condenação representaria para o chefe do integralismo, um crime. A atuação do advogado da AIB, Bulhões Pedreira, no Tribunal Superior de Justiça Eleitoral (TSJE), favoreceu os integralistas, ao impedir o cancelamento do partido e, conforme a redação de *O Serrinhense*, abortar a nova tentativa golpista das “forças secretas do comunismo”.<sup>148</sup>

Desde fins de 1935, houve registros frequentes nas páginas desse semanário de perseguições aos integralistas no interior da Bahia. Algumas notas cobravam providências das autoridades; outras, a elas atribuíam a responsabilidade. Destacavam que os atentados eram executados, porque o integralismo se opusera ao regime, anulando o prestígio da política liberal. Em Aracy, onde havia mais de duzentos camisas verdes, em novembro de 1935, o comerciante integralista Manoel de Carvalho fora atacado por um soldado com um tiro de fuzil, mas não foi atingido.<sup>149</sup>

No sul do estado, em cidades como Ilhéus, Itabuna, Belmonte e Jequié, além das referências às prisões e aos espancamentos de integralistas, por parte da polícia local, em janeiro de 1936, *O Serrinhense* denunciou a censura sobre o jornal *O Sigma*, de Itabuna. O semanário fez novamente compreender que a perseguição política ocorreu nesses locais por causa do crescimento de eleitores integralistas, capazes de abalar a certeza eleitoral dos “pagés locais”, concluindo em nota: “Os políticos são, pois, nesse momento, depois dos comunistas, os únicos extremistas de que o povo pode e deve queixar-se.”<sup>150</sup>

No período eleitoral de 1936, o uso da camisa verde foi proibido em municípios como Serrinha, Tucano, Pombal e alguns do sul do estado, até revogação da medida pelo Tribunal Regional Eleitoral, através de telegrama enviado, em 11 de janeiro, às autoridades policiais.

<sup>147</sup> “Um pouco de luz nas trevas”; “O requerimento-sugestão para o fechamento da AIB – Declarações do Sr. Madeira de Freitas à Imprensa”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 24 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1 e p.4.

<sup>148</sup> “Era um golpe disfarçado do comunismo – Mas a Ação Integralista saiu galhardamente triunfante”. *O Serrinhense*. 26 de abril de 1936, Ano XI, n. 46, p. 1.; “Sobre a cassação do registro do Partido Integralista – A palavra autorizada do Sr. Plínio Salgado”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 9 de fevereiro de 1936, Ano XII, n. 35-586, p. 1.

<sup>149</sup> “As perseguições aos integralistas – Um policial promove desordens em Aracy”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 24 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 2.

<sup>150</sup> “O extremismo da política municipal – O Sr. Getúlio Vargas foi censurado, em Itabuna”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 31-582, p.1.

Segundo declarações do capitão João Facó, a interdição havia sido feita por algum delegado do interior, que receava a quebra do sigilo do voto durante as eleições. O delegado de Serrinha, Jonas Hortélio, por sua vez, dizia cumprir ordem superior da chefia de polícia. Na capital e em municípios como Alagoinhas, Pojuca, Mata de São João, Itiúba, Queimadas, Bonfim, entre outros, as sessões públicas e semanais eram realizadas normalmente.<sup>151</sup>

O jornal especulou a razão da proibição em Serrinha da camisa verde, já que em quase todo o estado ela era permitida, mas se limitou em ameaçar que a justiça seria feita pela “consciência nacional”. Demóstenes Martins publicou um texto irônico sobre o que ele considerava ser um “método confuso”, o “pavor da camisa-verde”. O integralista explicou a sua incompreensão do fenômeno, “pavor” que para ele deveria se ter sobre o “pano vermelho”, símbolo da “guerra”, do “sangue” e da “Terceira Internacional”, e não sobre o verde, da “felicidade” idealizada pelo Manifesto de Outubro, concluindo: “Linda cor verde! Ontem simbolizava a Esperança; hoje inspira ódio e pavor: amanhã... não sei o que serás!...”<sup>152</sup>

As perseguições aos trabalhadores integralistas também ganharam destaque nas páginas do semanário de Serrinha, que protestava em nome dos “direitos do povo nordestino”, ao aludir às demissões dos operários das obras da Rodovia Transnordestina envolvidos com o integralismo. Os trabalhadores foram intimados a deixar os serviços ou apresentar um documento assegurando a dissociação da AIB, fato que refletiu, conforme *O Serrinhense*, a maior perseguição aos integralistas registrada em suas páginas.<sup>153</sup> Os trabalhadores também foram matéria de Demóstenes Martins. Em ambas as notas foram feitas referências às “tendências bolchevizes” que rondavam os ambientes de trabalho.<sup>154</sup>

O final de 1935 e o ano de 1936 foram marcados na Bahia por ações repressivas desencadeadas pelo governo do estado e aplicadas por João Facó e delegados do interior. O crescimento eleitoral da AIB, principalmente no interior do estado, onde prefeitos e

<sup>151</sup> “Quem foi, afinal, que proibiu o uso da camisa-verde? O Sr. Cap. Facó declara que foram os delegados do interior, mas estes afirmam que foi o Chefe de Polícia”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 22 de março de 1936, Ano XI, n. 41, p. 1.; “Enquanto neste município se proíbe o uso da camisa-verde – na capital do Estado os integralistas vestem-na e fazem sessões públicas”. *O Serrinhense*, Serrinha (Bahia) 12 de abril de 1936, Ano XI, n. 44, p. 1.; “Ainda a proibição do uso da camisa-verde – continua incompreensível a medida”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 19 de abril de 1936, Ano XI, n. 45.

<sup>152</sup> “Camisas pavorosas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 26 de abril de 1936, Ano XI, n. 46, p. 2.

<sup>153</sup> “Pelo crime de amar o Brasil – Dezenas de operários integralistas dispensados dos serviços da I.F.O.C.S”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 4.; “O pessoal da I.F.O.C.S. não tolera o integralismo”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 24 de novembro de 1935, Ano XII, n. 25-576, p. 1.

<sup>154</sup> “Gringos”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 3 de maio de 1936, Ano XI, n. 47, p. 2.

vereadores foram eleitos, e as relações estáveis dos integralistas com o governo Vargas explicavam, em parte, as atitudes políticas de Juraci Magalhães em relação ao movimento, mesmo que elas nem sempre tenham sido de repúdio.

A princípio, por volta de 1933, em carta endereçada a Getúlio Vargas, Juraci Magalhães demonstrava suas simpatias pelo integralismo. Posição que se modificaria radicalmente em 1936, quando explicou a equidistância mantida entre as correntes políticas, o integralismo e o comunismo, por ele encaradas como “extremistas”.<sup>155</sup>

O recrudescimento da repressão aos integralistas, que culminou com o fechamento dos núcleos da AIB, por iniciativa de Juraci Magalhães, deveu-se à interceptação pela polícia de uma correspondência trocada entre o chefe provincial do integralismo, o engenheiro Joaquim Araújo Lima e o médico e Secretário Nacional de Finanças da AIB, Belmiro Valverde, em agosto de 1936, na qual estava explicitado o propósito golpista contra o governo do estado. Os responsáveis pelo movimento na Bahia, a exemplo do chefe provincial, foram presos e processados pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN), saindo da prisão para responder o processo em liberdade, em janeiro de 1937, antes mesmo da reabertura dos núcleos, por decisão judicial, em junho de 1937.<sup>156</sup>

Anos depois, em suas memórias, Rubem Nogueira reportou-se ao fato com o intuito de identificar as contradições do mandato de Juraci Magalhães. O integralista assegurou que o governo estadual lançou a “falsa ideia” de tentativa golpista por parte dos adeptos do Sigma, a fim de obter eleitores, mas demorou de publicar as “provas comprobatórias” do suposto plano subversivo.<sup>157</sup> Ao contrário, a razão da perseguição política “repentina” ao integralismo, para o memorialista, surgiu durante a conquista do eleitorado pelo movimento, questão que será discutida na próxima subseção.

---

<sup>155</sup> CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do juracisismo: um perfil da política baiana*. 2005. 173 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2005, p. 121.

<sup>156</sup> PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a Política Brasileira*. 2006. 132 f. Dissertação – Mestrado em História Social, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2006, p. 108-111. CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. Op. Cit., p. 125-127. A concessão do *habeas corpus* aos integralistas envolvidos no caso e a reabertura dos núcleos da AIB constituíram-se para Rubem Nogueira que comentava a questão, anos depois, nas duas derrotas de repercussão nacional sofridas por Juraci Magalhães, que marcaram o início do fim de seu governo. NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 152.

<sup>157</sup> NOGUEIRA, Rubem. Op. Cit., p. 121.

### 3.2 OS INTEGRALISTAS VÃO ÀS URNAS

As eleições municipais de 15 de janeiro de 1936 e o lançamento do Manifesto-Programa, no dia 23 dos mesmos mês e ano, visando às eleições para presidente da República assinalaram uma mudança de objetivo e de estratégia da Ação Integralista Brasileira frente ao poder, inaugurando uma fase de perspectivas políticas promissoras para os integralistas. Estrategicamente, o integralismo passava da “via revolucionária”, voltada para a conquista do poder no futuro, à eleitoral, de resultados mais imediatos. O objetivo variava da ação doutrinária e educadora para a tentativa de “destruição” do regime liberal democrático, através das urnas.

O Manifesto de Outubro de 1932 havia sido enfático quanto à discordância do “princípio de divisão” da Nação. O integralismo almejava, em contraposição, a unidade das “províncias”, a harmonia das classes e o fim dos partidos políticos pela integridade do país. Propunha a organização da sociedade em “classes profissionais”, que seriam estruturadas da seguinte maneira:

Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas classes elegem, cada uma de *per si*, seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Gerais. Os eleitos para as Câmaras Municipais elegem o seu presidente e o prefeito. Os eleitos para os Congressos Provinciais elegem o governador da Província. Os eleitos para os Congressos Nacionais elegem o Chefe da Nação, perante a qual respondem os ministros de sua livre escolha. Esses representantes todos devem ser da absoluta confiança de cada classe, vindo os seus nomes indicados pelos Conselhos Municipais, Provinciais e Nacionais, saídos, também do Partido Único que é a concretização de todas as classes profissionais.<sup>158</sup>

A ideia de “partido único” excluía, como pretendia o integralismo, a diversidade de partidos e de propostas políticas. A AIB seria expressão dos interesses coletivos e eliminaria as intrigas partidárias. A política municipal, por essa lógica, não sofreria “influências externas” e perseguições de chefes políticos locais ou “caudilhos”, uma vez que estaria diretamente ligada ao Estado Integral. A conquista desse ideal, entretanto, dependia, para o Chefe Nacional, como para outras lideranças integralistas, do trabalho de conscientização das massas, através da “campanha cultural, moral, educacional e social”.

Como se verificou anteriormente, a ação política dos integralistas consistiu na aplicação de um plano ou programa doutrinário, que envolvia métodos dos mais simples aos mais

---

<sup>158</sup> *Manifesto de Outubro de 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t – Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

elaborados de educação tanto das massas, quanto dos intelectuais. A conquista do poder, portanto, deveria ser gradual, como explicou Plínio Salgado.

Miguel Reale constatou que desde o surgimento da AIB, integralistas foram alvos de gracejos dos liberais e por eles considerados homens da literatura, “[...] ‘eternos poetas’, grupos de literatos que queriam ser políticos e de estudantes que queriam ser literatos.”<sup>159</sup> Para Miguel Reale, o crescimento do movimento, acompanhado das marchas e da “revolução” no mercado nacional do livro, com mais de “150 mil volumes de sociologia e política” não foram suficientes para controlar o riso da liberal democracia, o que só aconteceria com os resultados eleitorais de 1934 em São Paulo, Ceará e Alagoas, além do sucesso no Paraná e em Pernambuco. O integralista destacou que, somente com a “linguagem do voto” puderam compreender a força da AIB.

Na Bahia, onde o núcleo provincial fora instalado em 13 de junho de 1933, embora os integralistas tenham concorrido às eleições de 14 de outubro de 1934, para deputado federal e deputado constituinte estadual, com a legenda “Integralismo”, obtendo apenas 302 votos, 0,20 % do total, foi somente a partir de meados de 1935, com a perspectiva para o pleito de 1936, que a questão eleitoral passou a ser privilegiada. Os resultados de 1934, quando os integralistas concorreram, entre outros, com o PSD, que obteve 86.117 votos, 58,13 % do total e a legenda “Governador Otávio Mangabeira”, que adquiriu 47.167 votos, equivalente a 31,84 %, indicaram que, ainda nesse período, o integralismo possuía pouca representatividade.<sup>160</sup>

Em dezembro de 1935, Plínio Salgado comentara o sentido do voto para o integralismo, qual seja, destruir a “grande comédia” da liberal democracia. A participação do integralismo nas eleições era justificada por esta finalidade, assegurando o Chefe nacional: “Nosso voto é um sarcasmo. Nosso voto é um castigo. Nosso voto é um golpe de morte. Nosso voto é a negação do voto.”<sup>161</sup> Rubem Nogueira proferiu, como foi visto, várias palestras destinadas aos integralistas, abordando a mesma questão, em completo alinhamento com o pensamento de Plínio Salgado. Com as eleições municipais, os integralistas demonstraram que o movimento

<sup>159</sup> “Nós e os ‘liberais’”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 8 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 27-578, p. 2.

<sup>160</sup> Concorreram, ainda, as legendas Aliança Trabalhista (1.787 votos), Comércio e Trabalho (389 votos), Proletários, uni-vos (102 votos), além de 12.294 votos avulsos. O integralismo foi o único de pouca representatividade que sobreviveu às eleições de 1934. Cf. SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 162.

<sup>161</sup> “O voto”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 15 de dezembro de 1935, Ano XII, n. 28-579, p. 3.

havia se expandido e lançaram as bases para as futuras conquistas eleitorais que pretendiam alcançar.

As especulações dos integralistas acerca das candidaturas, em Serrinha, foram registradas em tempo. Em outubro de 1935, lançava-se a dúvida quanto ao candidato do PSD, que substituiria o prefeito e médico André Negreiros Falcão (1930-1938), pessedista e responsável pela instalação do partido no município. Os integralistas acreditavam que o partido governista lançaria o nome do coronel Antonio Pinheiro da Motta, membro do Conselho Municipal, depois de 1936, Câmara de Vereadores, por 18 anos, mas enganaram-se, haja vista a permanência de Negreiros Falcão no poder até setembro de 1938, quando renunciou por causa do golpe.<sup>162</sup>

Dias antes do pleito de 15 de janeiro de 1936, os integralistas em Serrinha explicaram o significado daquela disputa, em nota no jornal *O Serrinhense*, seguindo a mesma linha de argumentação dos dirigentes regionais e nacionais, e reiterando a ideia de utilização do sufrágio como meio para atingir um fim, o poder, substituindo-o, conseqüentemente, pelo “voto de classe”, na “representação corporativa”.<sup>163</sup>

O tom explicativo cercou igualmente o manifesto que o núcleo municipal da AIB fez circular pela cidade, antes das eleições, e publicado no mesmo número do jornal. Os integralistas justificavam a participação do partido nas eleições da forma como segue:

É necessário que o povo compreenda bem que aspiramos, nós, os camisas verdes ao governo integral do País, até onde pretendemos chegar pelos meios legais, sem perturbar a tranquilidade da família brasileira. Esses meios legais são as eleições, a que temos direito de competir como membros de um Partido Político Nacional devidamente registrado no Superior Tribunal de Justiça Eleitoral e reconhecido pela Constituição Federal, por todas as Constituições estaduais e todas as leis do País, inclusive a Lei de Segurança. Esta diz em seu preâmbulo, que o atual regime pode ser mudado pelos meios legais (o voto). Ora, o Integralismo, que respeita a ordem vigente e condena todas as rebeliões e golpes de Estado, quer servir-se do voto para isso, muito embora não seja a imediata tomada do poder o grande ideal do Integralismo.<sup>164</sup>

O núcleo integralista lançava para candidato a prefeito de Serrinha, o comerciante Antonio Álvares de Freitas. O Chefe municipal, Bráulio Franco, pleiteava uma vaga no

<sup>162</sup> “Política Municipal – Quem será o futuro prefeito?”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 13 de outubro de 1935, Ano XII, n. 20-571, p. 1. FRANCO, Tasso. *Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia*. Salvador: EGBA/Assembléia Legislativa do Estado, 1996, p. 103-107.

<sup>163</sup> “A significação do pleito de quarta-feira”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 31-582, p. 1.

<sup>164</sup> “Antes do pleito do dia 15”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 12 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 31—582, p. 2.

legislativo municipal. Constava no manifesto os nomes e a categoria de trabalho dos candidatos a vereador, conforme a descrição do Quadro I:

**Quadro 1 - Candidatos e categoria profissional**

<b>Candidatos</b>	<b>Categoria profissional</b>
Acôncio Celestino de Oliveira	Comerciante
Antonio Lisboa de Carvalho	Industrial e lavrador
Bráulio de Lima Franco	Jornalista
Eurico Paes Cardoso	Comerciante
Joaquim da Silva Filho	Artista
Jonathas Cavalcante da Silva	Lavrador
José Carneiro de Araújo	Comerciante
José Pereira Cordeiro	Lavrador
Júlio Pedreira Lobo	Cirurgião dentista
Reginaldo Ferreira de Araújo	Fazendeiro
Waldemar de Araújo Freitas	Comerciante
Zenandro de Freitas Mota	Industrial

Fonte: *O Serrinhense*. 12.01.1936.

Concorreram às eleições as chapas AIB e PSD e foram registrados mais de 1.200 comparecimentos às urnas. Logo após o dia da votação, os integralistas de Serrinha trataram novamente das intenções do movimento de transformar o Brasil em um “Estado Novo, em essência e forma”. Tomando a experiência do pleito de 1936 como um “ensaio”, provavelmente, do grande momento que julgavam estar por vir, as eleições de 1938, pressentiam, na verdade, a derrota no executivo municipal. A educação dos sertanejos, que visava à formação de “homens conscientes”, não surtiu, ao que parece, o efeito desejado, pelo que o integralismo continuaria se debatendo e se justificando:

Isso, por certo, tem sido e há de ser uma tarefa difícil e demorada, tal a miséria mental e o abandono moral a que os relegou, sempre, o regime liberal democrata. Mas consegui-lo-á o Integralismo, movimento extraordinário de cultura que, há três

anos, vem desenvolvendo uma campanha imensa em prol da educação intelectual, moral e cívica do povo brasileiro.<sup>165</sup>

Antonio Álvares de Freitas (AIB) foi derrotado por André Negreiros Falcão (PSD). Apesar disso, três vereadores integralistas, Acôncio Celestino de Oliveira, José Carneiro de Araújo e Reginaldo Ferreira de Araújo, foram eleitos e empossados na sessão de 12 de abril de 1936. Na solenidade de posse, José Carneiro de Araújo traçou a orientação que os representantes da AIB obedeceriam na Câmara, enfatizando que, “[...] alheios às competições da política local tudo fariam pelo engrandecimento do município dentro da grandeza da Pátria.”<sup>166</sup>

As eleições em Alagoinhas não foram diferentes das de Serrinha, ao menos no que diz respeito à permanência do candidato do partido governista no executivo municipal. Mário da Silva Cravo (1930-1937) havia sido indicado em novembro de 1930, por Leopoldo Afrânio do Amaral, à época, interventor federal para ocupar o lugar do intendente deposto, coronel Saturnino da Silva Ribeiro (1926-1930). Logo depois de ter assumido o cargo, exerceu plenos poderes no município, sem o empecilho do legislativo, que, com o decreto de 11 de novembro de 1930 do Governo Provisório, deixara de funcionar em todo o país, cabendo ao interventor o controle dos dados do município.<sup>167</sup>

Somente a partir de 15 de maio de 1932 tomariam posse no Conselho Consultivo da cidade os cinco conselheiros nomeados, entre eles, o ex-intendente Saturnino Ribeiro, para auxiliar o prefeito em atividades burocráticas. Em 24 de dezembro de 1935, após a promulgação da Constituição de 1934 e reabertura das câmaras, o Conselho se dissolveria por conta das eleições de janeiro de 1936, que recomporia a Câmara Municipal, em 13 de abril do mesmo ano.<sup>168</sup>

<sup>165</sup> “As eleições de quarta-feira”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 17 de janeiro de 1936, Ano XII, n. 32-583, p. 1.

<sup>166</sup> “Estão empossados os membros da Câmara Municipal de Serrinha – A cerimônia e o discurso de um dos representantes integralista”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 19 de abril de 1936, Ano XI, n. 45, p. 2. Ata da 1ª Sessão de designação dos trabalhos da Câmara Municipal de Serrinha, de 12.04.1936. ACMS. Sobre a posse do prefeito e a formação das comissões permanentes de trabalho, consultar a Ata da Sessão solene da posse do Prefeito Municipal de Serrinha e 1ª reunião do primeiro período das sessões ordinárias, de 13.04.1936.

<sup>167</sup> PAIXÃO. Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. 2009.145 f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História Regional e Local (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2009, p. 69.

<sup>168</sup> PAIXÃO. Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. 2009.145f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História Regional e Local (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2009, p. 74.

No período em que se manteve a frente do executivo municipal, sobretudo, durante as eleições para Assembleia Nacional Constituinte, de maio de 1933, Mário Cravo fez campanha na cidade para os candidatos do PSD. Entre março e abril de 1933, através do jornal *Correio de Alagoinhas*, dirigiu-se várias vezes aos “concidadãos”, granjeando votos para o governo e explicando a importância de se elegerem os candidatos do PSD, para representar a Constituinte, alertando: “Votar com o Partido Social Democrático é cumprir o dever de patriota que vela pela grandeza do Brasil [...]”.<sup>169</sup> Em maio do mesmo ano aproveitaria para agradecer e parabenizar os eleitores que apoiaram a vitoriosa chapa do PSD.<sup>170</sup> Nas eleições de 1934, para deputado federal e deputado constituinte estadual, provavelmente, Mário Cravo buscou outro canal para a campanha favorável a Juraci Magalhães, haja vista o apoio dado pelo jornal à chapa “Governador Otávio Mangabeira”, como já foi discutido.

Mário Cravo candidatara-se ao executivo municipal pelo partido governista, o PSD. Foi eleito indiretamente pelos vereadores, o que indica a supremacia dos pessedistas na Câmara. Entre os legisladores, além de políticos remanescentes, a exemplo da Saturnino Ribeiro, e de membros do Conselho Consultivo, elegeram-se nomes que jamais haviam assumido cargo político, tendo sido esse o caso, entre outros, do professor Alcindo de Camargo, fundador do núcleo integralista no município, como será visto adiante.

Ao analisar o funcionamento da Câmara de Alagoinhas, nesse período, Carlos Nássaro Araújo da Paixão constata uma mudança no legislativo frente ao poder ou ao cargo público, além de ter se transformado em espaço de fervorosos debates. Conforme o autor, em alguma medida, os legisladores comportavam-se como responsáveis pelos “destinos da nação” e no plenário confrontavam-se, uns ressaltando a “missão salvadora” e “engrandecedora” do grupo, outros destacando o “compromisso moral” com a cidade e com o povo.<sup>171</sup>

Em uma dessas polêmicas destacou-se Alcindo de Camargo, no embate com o vereador Joaquim Telles, que lançava para votação o projeto de implantação de uma Biblioteca Pública na cidade. Ironicamente, o “educador” votava pelo arquivamento do projeto, com a justificativa de que o momento não era oportuno, dadas a situação financeira do município e a

<sup>169</sup> “Alagoinhenses”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 8 de abril de 1933, Ano XXVI, n. 1328, p. 1.; “Aos meus concidadãos”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 25 de março de 1933, Ano XXVI, n. 1326, p. 1.; “Eleitores”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 1º de abril de 1933, Ano XXVI, n. 1327, p. 1. IGHB

<sup>170</sup> “Agradecimento”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 22 de maio de 1933, Ano XXVII, n. 1332, p. 1. IGHB

<sup>171</sup> PAIXÃO. Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. 2009. 145 f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História Regional e Local (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2009, p. 75-76.

falta de “orientação mental” do povo, incorrendo-se, ao contrário, no risco de se provocar uma “anarquia intelectual”. Alcindo de Camargo alegava que o povo precisa de escola e de alfabetização.<sup>172</sup>

Uma vez que Alcindo de Camargo era integralista e compartilhava de uma ideia de educação moralizadora e controladora, é compreensível que tenha se posicionado contra a proposta de criação da biblioteca e, com isso, da produção de conhecimento autônomo e independente. Além disso, a partir de 1936 ganharam impulso as campanhas de alfabetização no movimento integralista, com a finalidade de preparar os eleitores para o pleito que deveria ocorrer em 1938. As campanhas, com ênfase na educação de adultos, eram destacadas pela imprensa, que também se ocupava em divulgar os resultados já alcançados a nível eleitoral.<sup>173</sup>

Em março de 1936, a Secretaria Nacional de Organização Política da AIB, chefiada por Everaldo Leite, publicava no jornal *A Ofensiva*, os resultados eleitorais alcançados pelo integralismo em vários estados, com destaque para São Paulo, que cresceu entre, 1933, 1935 e 1936, numa proporção de 1 para 8 e Santa Catarina, que em 1935 conquistou 2.000 votos e em 1936, 20.000. Segundo a nota, reproduzida no jornal *O Serrinhense*, a soma dos resultados, referentes a 1936, dos estados de Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Alagoas, Amazonas, Santa Catarina e São Paulo reuniu 200.000 votos para o integralismo, excluindo os de Minas Gerais, do Ceará e do Rio de Janeiro, que, se considerados, aumentariam o resultado para 300.000 votos. Pelos cálculos da direção nacional da AIB, somente com a proporção de 1 para 3, nas eleições de 1938 o integralismo somaria 900.000 votos.<sup>174</sup>

Já em janeiro de 1936, a AIB anunciava a candidatura integralista às eleições para presidente, de 3 de janeiro de 1938, e apresentava seu programa partidário no manifesto lançado ao povo.<sup>175</sup> A escolha do candidato seria feita através de um “plebiscito”, realizado em todos os núcleos municipais, no dia 23 de maio de 1937, com o qual ficaria confirmada a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República.<sup>176</sup> Dadas a estrutura hierárquica da

<sup>172</sup> PAIXÃO, Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. 2009. 145 f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História Regional e Local (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2009, p. 76-77.

<sup>173</sup> CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 62-63.

<sup>174</sup> “O Integralismo e as eleições paulistas”. *O Serrinhense*. Serrinha, (Bahia) 5 de abril de 1936, Ano XI, n. 43, p. 3.

<sup>175</sup> SALGADO, Plínio. *Manifesto-Programa (Concretização da Doutrina do Manifesto de Outubro de 1932)*. Secretaria Nacional de Propaganda. IV Ano da Era Integralista. RJ, 23 de janeiro de 1936.

<sup>176</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro (memórias políticas e outras)*. São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 163-169.

AIB e a fidelidade ao Chefe Nacional não causa surpresa o resultado do “plebiscito” integralista. Pelo contrário, somente confirma a incoerência das ditas concepções “democráticas” do integralismo, reivindicadas por seus integrantes.

Tão incoerentes que facilmente contestáveis se levado em conta, por exemplo, o apoio dado pelo integralismo ao governo Vargas e a seu projeto centralizador, meses antes do golpe de Estado Novo, de 10 de novembro de 1937.<sup>177</sup> Plínio Salgado sabia do plano continuísta de Vargas, mas enxergava no Estado Novo a possibilidade de realização do projeto do Estado integral. Esses dois projetos, na verdade, estavam alinhados, entre outras coisas, pelo antiliberalismo, antipartidarismo e pela defesa de um Estado forte. Como manifestação de apoio ao governo e demonstração de força, o integralismo realizou a marcha de 1º de novembro de 1937, no Rio de Janeiro.

Antes do golpe, Plínio Salgado tentou aproximar-se de Getúlio Vargas e buscou demarcar o lugar do integralismo no governo. As expectativas foram frustradas com o decreto de 3 de dezembro de 1937, que proibiu o funcionamento dos partidos políticos, inclusive, da AIB. O chefe integralista criou a Associação Brasileira de Cultura (ABC), que também foi suspensa, em dezembro de 1937. Plínio Salgado rompeu com o governo no início de 1938, circunstância em que o integralismo passou a experimentar a clandestinidade e o “isolamento político”, condição que se agravaria depois dos atentados de março e maio de 1938. Apesar do exílio em Portugal (1939-1946), Plínio Salgado apoiou a ditadura de Vargas, apresentando-se como “democrático”, no período em que o Brasil entra na guerra, e ensaiou reaproximar-se do ditador, colocando-se em uma postura de subordinação ao governo, como destaca Gilberto Calil.<sup>178</sup>

Com a redemocratização, os integralistas reorganizaram-se em torno do Partido de Representação Popular (PRP). Conseguiram eleger na Câmara Federal o paulista Goffredo Teles Jr., pela coligação do PRP com o PSD. Na Bahia, o PRP foi estruturado pelo interior, ao longo de 1946, visando o pleito de 19 de janeiro de 1947, para o governo do estado e a Assembleia Legislativa Constituinte. O partido integralista apoiou para governador, o candidato eleito da União Democrática Nacional (UDN), Otávio Mangabeira.

---

<sup>177</sup> CALIL, Gilberto. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, 2010, v. 30, n. 1, p. 65-86.

<sup>178</sup> *Ibid.*, p. 65-86.

Rubem Nogueira foi um dos candidatos à Assembleia Legislativa pela legenda do PRP e elegeu-se deputado estadual (1947-1951), com 1.177 votos.<sup>179</sup> Em 1955, se reelegeria deputado estadual, pelo PRP, até 1959, quando passou à Câmara Federal, como suplente. Assumiu o cargo em 1961 e o exerceu por dois mandatos seguidos, de 1961 a 1963 e de 1963 a 1967, ano em que ocupou, novamente, o mandato de deputado federal, dessa vez pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA).<sup>180</sup>

A experiência política de Rubem Nogueira indica que a atuação dos integralistas na Bahia não se limitou ao período em que a AIB vigorou legalmente. Depois de 1945, antigas lideranças regionais e locais se rearticularam em torno do PRP. Esse foi o caso também de Joaquim Pinto Batista Filho, em Alagoinhas. Entre 1951 e 1954, representou o PRP na Câmara municipal e na década de 1980 aliou-se ao grupo de integralistas de São Paulo e do Rio de Janeiro, que se colocava como “herdeiro” da obra e do pensamento de Plínio Salgado, para defender o integralismo no município, ponto que será discutido adiante.

### 3.3 LIDERANÇAS INTEGRALISTAS EM ALAGOINHAS

Dois integralistas assumiram destacado papel de liderança, defendendo e divulgando o integralismo em Alagoinhas. Alcindo de Camargo (1896-1950), reconhecido pelo escritor Salomão Antonio Barros como o “principal fundador” do núcleo integralista local, e Joaquim Pinto Batista Filho (1918-2005), identificado pelo mesmo escritor como o presidente do extinto Partido de Representação Popular (PRP), que faleceu reivindicando os valores da doutrina do Sigma. Com trajetórias de vida distintas, esses indivíduos comungaram dos ideais políticos, ao menos no período em que a AIB vigorou legalmente, entre 1932 e 1937.<sup>181</sup>

Vale essa ressalva com relação ao período em que os personagens compartilharam dos ideais integralistas, porque a atuação de Alcindo de Camargo no movimento exige maior atenção, uma vez que parte das fontes examinadas oculta da história de sua vida o

<sup>179</sup> NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 257-265.

<sup>180</sup> Informações retiradas do site da Assembleia Legislativa da Bahia, na parte de “mandato eletivo”. <[www.al.ba.gov.br](http://www.al.ba.gov.br)>.

<sup>181</sup> Salomão Barros foi secretário do movimento na cidade. Além de Alcindo de Camargo, o núcleo integralista local contou com a chefia de Argemiro Augusto de Matos. Baiano, diplomado pela Faculdade de Odontologia da Bahia e envolvido com instituições beneficentes de Alagoinhas, presidiu a “Legião Brasileira de Assistência”. BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979, p. 304.

envolvimento com o integralismo. Entretanto, somente o fato de ter participado da fundação do núcleo provincial naquela cidade oferece subsídios para se perceber a que conjunto de ideias aderiu naquele contexto. Resta, porém, desvendar através da análise de aspectos da sua vivência, da sua atuação profissional e de sua produção literária, a partir do romance *Teia de Prometeu* (s/d), de que maneira manifestou essa opção política.

No livro inédito, *Teia de Prometeu*, aparecem imbricados temas religiosos, patrióticos, morais, raciais e folclóricos. Todos, porém, nucleados por uma crítica de conteúdo político. O personagem “Haroldo”, em torno do qual as temáticas foram desenvolvidas, incorpora o papel de um idealista, o “Prometeu” que se via no dever de resgatar Cuiabá, talvez a nação, do “lodaçal político” e do “modernismo desorientado” em que se encontrava, e levá-la ao progresso.<sup>182</sup>

A história remete às aspirações políticas da AIB, nos anos de 1930, ainda que na obra não apareçam indicações temporais. O próprio desenvolvimento do personagem “Haroldo”, através de quem Alcindo de Camargo parecia revelar-se, representa a visão de um idealista, debatendo-se pelo futuro da nação. Ele sintetiza o pensamento nacionalista, moralizador e racial do integralismo, demonstrado com a ideia de fundação de um “Centro Nacionalista”.

Através dele, os “apóstolos iluminados de Fé”, os cuiabanos, disseminariam o “são nacionalismo” e combateriam os erros naquela sociedade. O narrador descreve a visão evangelizadora desse grupo, “seria uma cruzada de sacrifício, de luta, a exigir de cada prosélito a fé radiosa de um apóstolado para a revolução pacífica da inteligência e do coração.”<sup>183</sup>

Há nitidamente uma proposta de reconstrução espiritual do homem e da Nação, que por ele será conduzida ao seu “destino histórico”, à semelhança do proposto na doutrina política de Plínio Salgado e divulgado em várias de suas publicações.<sup>184</sup> O Chefe do integralismo propunha uma “cruzada dos tempos modernos”, através da qual o homem refeito em Cristo, depois de passar pela “revolução interior”, despertaria a Nação para sua “vocaçãõ”, de onde nasceria o “são nacionalismo”.<sup>185</sup> A visão evangelizadora e nacional cristã, que acredita em um “destino” a ser alcançado na “Terra de Promissão”, do personagem de Alcindo de Camargo, finca raiz no pensamento integralista.

<sup>182</sup> CAMARGO, Alcindo de. *Teia de Prometeu*, s/d. APMOC

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 85-86.

<sup>184</sup> Como exemplo ver SACERDOS. *O Homem Integral e O Estado Integral*: filosofia política de Plínio Salgado. 2 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1987, p. 34-37.

<sup>185</sup> CAMARGO, Alcindo de. *Op. Cit.*, p. 71.

Outro ponto que alude ao pensamento integralista é a valorização do interior e dos elementos da terra. Além do reconhecimento do mundo no qual vive inserido o homem que lida com a terra, o campo é tomado como um “nascidouro” de ideias, onde Haroldo conseguiu inspiração para desenvolver seus “projetos”.

O personagem vive também um conflito entre o ideal e o desejo por uma mulher admirada em sua volúpia. Para ele, o amor “não é mais do que instintivamente, uma seleção sexual”, surge após o casamento, no momento de “união das almas”, porque até lá o que prevalece é a busca pela mulher procriadora. Essa seria uma forma de reverenciar o criador, “um ato religioso e patriótico”.<sup>186</sup> Ainda assim, decide pelo afastamento da mulher desejada e entrega-se ao sofrimento da busca pela felicidade da nação.

A persistência no ideal implica na renúncia às paixões pela lógica moralista da doutrina integralista, e assim aconteceu com os personagens “Haroldo” e “Rozita” desse livro. A “revolução interior” que o integralismo enxerga como meio de “reconstrução” do homem, corresponde à afirmação do espírito sobre a matéria, da alma sobre o corpo.<sup>187</sup> Como observou Gilberto Vasconcellos, espiritualização do corpo e do amor opõe-se na ideologia integralista à sexualidade, o que significa valorizar a função procriativa do sexo feminino, sintetizada no slogan “Viva a mãe, abaixo a mulher!”<sup>188</sup>

Os temas explorados ao longo da obra, como o do papel da mulher para a nação, o do “nacionalismo sadio”, do “destino histórico”, da “evolução da Humanidade”, do “amor a Terra”, da “revelação do mundo espiritual”, e da própria proposta de fundação do “Centro Nacionalista”, que remete ao formato dos núcleos integralistas, revelam conformidade com a doutrina do Sigma.

O enredo em torno do personagem “Haroldo” remete à história de vida de Alcindo de Camargo e à sua afinidade com a ideologia nacionalista, moralizadora e racial do integralismo, assumindo uma perspectiva autobiográfica. O escritor saíra de Mato Grosso e, em Alagoinhas, fundara o núcleo integralista. Nesta mesma cidade Alcindo de Camargo

<sup>186</sup> CAMARGO, Alcindo de. Op. Cit., p.137-138.

<sup>187</sup> SACERDOS. *O Homem Integral e O Estado Integral*: filosofia política de Plínio Salgado. 2 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1987, p. 37.

<sup>188</sup> VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira*: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979, p.29.

falecera, em 1950. A falta de marcadores temporais no romance sugere que a ideia do “Centro Nacionalista”, aqui associado ao núcleo integralista, fosse válida para qualquer tempo.<sup>189</sup>

Alcindo de Camargo recebeu a caravana integralista que chegou à cidade, em novembro de 1933, e apresentou o movimento à população, através de uma conferência realizada no salão de projeção do “Popular Cinema”. Na ocasião, em que se fez a propaganda da AIB, discursaram Caldas Coni e Ponciano Jaqueira sobre os objetivos e as vantagens do integralismo. Além disso, o evento contou com a participação da banda local “União Ceceliana”.<sup>190</sup>

Desde agosto e setembro de 1933, o *Correio de Alagoinhas* referia-se ao movimento que estava “empolgando” a mocidade. O integralismo no jornal foi destacado pela retórica excessiva e associado ao nazifascismo. Diante da expansão dessa ideologia questionava-se: “Essa legião de *hitleristas* regionais prega uma nova política, uma nova ideologia, um novo sistema de conduzir as massas. Porém, onde o valor dessa doutrina pautada num regime de força, cujo fim é o domínio pessoal de uma autoridade?”<sup>191</sup>

O jornal local ressaltava o patriotismo dos intelectuais e operários que rejeitavam e combatiam as ideias de Plínio Salgado. Posição compatível, como destacava, com a história gloriosa do Brasil, “berço do liberalismo, terra dos grandes cometimentos”.<sup>192</sup> Dois meses após a notícia da chegada da caravana integralista, o jornal caracterizava o integralismo como “fascismo nacionalizado”.

Alcindo de Camargo, que recepcionou o integralismo, era reconhecido pelo papel desempenhado enquanto educador, cujas funções acumuladas ao longo da vida lhe renderam o título de “homem de letras”. De fato, em Cuiabá, Mato Grosso, onde nasceu e viveu em dois momentos diferentes, fora membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico.<sup>193</sup> Pelos caminhos percorridos, entre Mato Grosso, Rio de Janeiro, Bahia, São

<sup>189</sup> Em edição de março de 1935 do jornal *Nossos Dias*, localizado em Alagoinhas, há a transcrição de uma pequena parte de *Teia de Prometeu*, o que significa que a escrita do romance havia sido iniciada antes daquele ano. O jornal, que se dizia dedicado às “artes, letras e fatos” foi fundado, em 1935, e dirigido pelo professor e jornalista Gilberto Guimarães. “Teia de Prometeu”. *Nossos Dias*. Alagoinhas, 8 de março de 1935, Ano 1, n. 2, s/p. FIGAM.

<sup>190</sup> “Integralismo”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 18 de novembro de 1933, Ano XXVIII, n. 1356, p. 1. IGHB

<sup>191</sup> “Será possível?”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 30 de setembro de 1933, Ano XXVIII, n. 1349, p. 4. (Grifo no original); “Integralismo”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 19 de agosto de 1933, Ano XXVIII, n. 1344, p. 1. IGHB (Grifos no original)

<sup>192</sup> “Repelida a grande ameaça – O integralismo não encontrou eco entre os intelectuais e muito menos no seio das massas proletárias”. *Correio de Alagoinhas*. Cidade Joaquim Távora, (Bahia) 20 de janeiro de 1934, Ano XXVIII, n. 1365, p. 4. IGHB

<sup>193</sup> NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980. APMOC

Paulo e o sul do país, adquiriu experiência na área da educação e da imprensa. Para a Bahia veio encarregado de trabalhar como “telegrafista nacional”, mas de modo algum se limitou às obrigações deste ofício.

A escritora Maria Feijó de Souza Neves ou Marijó (1918-2001), ao prestar homenagem aos 50 anos do “Colégio de Alagoinhas”, em 1980, rememora a história de vida de Alcindo de Camargo, enfatizando suas iniciativas na área da educação, principalmente nesse município onde se localiza o colégio. Maria Feijó diplomou-se em 1937 na “Escola Normal e Ginásio de Alagoinhas”, da qual o referido professor era diretor.<sup>194</sup>

Nesse sentido, o depoimento da escritora vale como testemunho da obra de Alcindo de Camargo, ao menos no que concerne à fase em que ele viveu em Alagoinhas. Apesar de não ter residido somente nesse município, passando por Serrinha, Lamarão, Salvador, Cachoeira, Pojuca, Irará e Nazaré, foi lá que ganhou notoriedade como “pioneiro do ensino secundário”, além de ter criado o “Curso Barão do Rio Branco”, por ele mantido e onde ministrava aulas de línguas e de outras matérias, e o Grêmio de Letras “Pethion de Vilar”.

As memórias de Maria Feijó e dos familiares de Alcindo de Camargo, sobretudo da filha Carolina Carvalho de Camargo (1919), ou Lelita, atribuem-lhe a responsabilidade de fundação da Escola Normal e de refundação do Ginásio no município. Maria Feijó ratificou a importância das iniciativas de Alcindo de Camargo para a comunidade, principalmente, para as “meninas-moças” que a partir de então conseguiriam uma ocupação.<sup>195</sup> O texto indica que fixara residência na cidade de Alagoinhas em 1931, momento em que se empenhou na formação da Escola Normal e na recuperação do Ginásio fundado em 1930.

Segundo Maria Feijó, Alcindo de Camargo trabalhou incansavelmente para manter a Escola, e o seu comportamento enquanto professor-diretor expressava uma personalidade de contrastes:

Em certos momentos, temperamental, ditador severo, muitas vezes; democrata, outras, mas dentro de tudo, acondicionando o educador *sui-generis*, emérito, de

---

<sup>194</sup> Maria Feijó de Souza Neves é natural de Alagoinhas, diplomou-se na “Escola Normal de Alagoinhas” e em biblioteconomia. Jornalista e poetisa, vinculou-se a instituições literárias, como o “Cenáculo Brasileira de Letras e Artes”, do Rio de Janeiro, em 1969. Tornou-se reconhecida pela produção de várias obras literárias, entre elas, *Pelos caminhos da vida de uma professora primária* (1978). Cf. BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979, p. 290. Para um estudo mais aprofundado da sua vida e obra ver BATISTA, Eliana Evangelista. *A normalista como interseção: escola, literatura, imprensa e estratégias políticas no Estado Novo (Alagoinhas/1937-1945)*. 2012. 163 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2012.

<sup>195</sup> NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980.

grande pulso forte, trabalhador incansável, além de inolvidável espírito de liderança, alta força intelectual de comando em mediatas realizações.<sup>196</sup>

Foram ressaltados também, o patriotismo e o peso moral da educação oferecida à comunidade no espaço escolar. Consta que com “alto civismo” a escola, com 150 alunos, comemorava as datas nacionais. Algo que se materializava com os desfiles pelas ruas da cidade, como assegurou a professora primária:

Era assim Prof. Camargo, tendo a disciplina como base, a educação como lei, o civismo como um lema e a cultura como o coroamento de sua personalidade, para distribuir com todos. Antes das comemorações cívicas, obrigatoriamente por ele, havia de ter uma prévia de marcha pelas ruas.<sup>197</sup>

Entre 1931 e 1943, dirigiu os ensinos secundário e pedagógico em Alagoinhas, revelou o gosto pelas ginásticas ritmadas, pela educação física e pelas paradas, e manifestou o seu “ardor político”. Àquela altura, vinculou-se à AIB, fundando em 1933, o núcleo do partido na cidade. Apesar de valorizar a pátria e incentivar a educação moral e cívica, elementos que indicam a afinidade com a doutrina integralista, o conjunto das memórias em torno de sua vida, de Maria Feijó e, fundamentalmente, de seus familiares, denota a especificidade em termos de ideais políticos de um tipo como Alcindo de Camargo, o que pode ser percebido na sua obra literária inédita analisada acima.<sup>198</sup>

Essas memórias quando não desconsideram por completo a atuação dele na AIB, associam os seus ideais políticos, no período, aos dos comunistas, sendo elucidativa a forma como Maria Feijó inicia o texto de homenagem a quem proclama “paladino da educação”:

... Saindo destes acordes da marcha militar “Avante, Camaradas” que tanto impregnavam as ruas de Alagoinhas do passado, em vozes juvenis, é que vamos focalizar no presente, a grande figura de um homem, franzino, fisicamente – Alcindo de Camargo –, cujo valor intelectual lhe estava na massa do sangue, e seu civismo, fazendo em todos os nossos atos, despertar a real presença da Pátria, sendo essa marcha uma de suas preferidas.<sup>199</sup>

Os artifícios das memórias somados aos dados reunidos acerca da vida de Alcindo de Camargo produzem um personagem complexo, sobretudo do ponto de vista da atuação política. Entre 1936 e 1937, como foi visto, exerceu o cargo de vereador durante a gestão de

<sup>196</sup> NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980, p. 2.

<sup>197</sup> NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980, p.6.

<sup>198</sup> CAMARGO, Alcindo de. *Teia de Prometeu*, s/d.

<sup>199</sup> A peça musical “Avante, Camaradas” está ligada à coluna prestes. No caso do integralismo a marcha entoada nas celebrações e encontros era “Ergue-te, Mocidade!”, como se descreve no jornal *O Serrinhense* analisado anteriormente. A escritora parece definir a opção política de Alcindo de Camargo, assinalando o seu interesse pela marcha. NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980, p.1.

Mário Cravo. Nesse período, segundo Maria Feijó, com o patrocínio do próprio Mário Cravo e do tenente Juraci Magalhães, com quem mantinha contato frequente, uma vez que funcionário do Telégrafo Nacional, fundou o jornal *A Vanguarda*.<sup>200</sup>

Salomão Barros e Maria Feijó recordaram a sua colaboração na imprensa do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Mato Grosso e do interior da Bahia, exprimindo o interesse dele pelas questões político-sociais dos lugares por onde passava. Maria Feijó menciona, ainda, que em Serrinha ele dirigiu um “jornal de fundo oposicionista e também literário, que o levaria a perseguições do governo-Seabra [...]”<sup>201</sup> Esse fator decidiu a sua transferência para São Paulo, só retornando à Bahia tempos depois. Em Alagoinhas, foi redator do jornal *O Popular*, de Salomão Barros e um dos fundadores de *O Nordeste*, colaborando também com o *Correio de Alagoinhas*, *A União e 7 Dias*.<sup>202</sup>

A trajetória de Alcindo de Camargo demonstra, e o engajamento na imprensa o expressa, a sua inclinação para mundo das letras. Isso já torna Alcindo de Camargo um sujeito diferenciado na sociedade dos anos de 1930. Durante os estudos iniciais, ainda em Cuiabá, preparou-se no Liceu Salesiano, ingressando depois na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Embora não tenha concluído o curso, serviu-se da justiça, defendendo causas jurídicas em comarcas da Bahia. Ainda neste estado, fundou na cidade de Irará o “Grêmio Artístico e Literário Castro Alves” e, em Alagoinhas, como já foi dito, participou da fundação do “Grêmio de Letras Pethion de Villar”. Completando a sua vida literária com a produção de duas obras inéditas, *Esposa Mártir* (s/d) e *Teia de Prometeu* (s/d).

No campo da educação, porém, foi onde mais atuou, conforme os dados referidos anteriormente. E as memórias engrandecem esse aspecto de sua história, uma vez que como educador visava o progresso social. Entretanto, mesmo tendo iniciativas nobres, como Maria Feijó relembra em tom de indignação, consideravam-no ateu.<sup>203</sup> Era casado com uma protestante, Astrogilda Carvalho de Camargo, mas seus familiares, inclusive sua filha Lelita, afirmam que ele não tinha religião. Caso particular quando se leva em conta a predominância de católicos no integralismo, haja vista a importância da religião para a doutrina.

O patriotismo, o interesse pela educação cívica, pelas “marchas” e o “ardor político” de Alcindo de Camargo evidenciam a afinidade com a ideologia integralista, algo que se revelou

<sup>200</sup> NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980.

<sup>201</sup> A escritora não especifica o jornal. NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980, p.1.

<sup>202</sup> BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979.; NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980.

<sup>203</sup> NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, 1980.

no personagem principal do seu romance. O fato de ter sido apontado como “ateu” o diferenciava dos integralistas que acreditavam na supremacia de Deus, como era o caso do religioso Joaquim Pinto Batista Filho (1918-2005).

Vivendo 67 anos em Alagoinhas, de 1938 até 2005, ano de seu falecimento, Joaquim Batista defendeu a doutrina na cidade, intermediando e alimentando a rede de relações montada entre integrantes locais e de outras regiões do estado e do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, quando não diretamente com o próprio Chefe Nacional, Plínio Salgado, e seus familiares. Nesse município trabalhou ativamente para afirmar os valores do integralismo, congregando homens como o professor e líder católico da zona rural Maurílio José do Espírito Santo, o escritor Salomão Antonio Barros e o cunhado dele, Aristeu Magalhães Dantas, entre outros, em torno daquele ideal.<sup>204</sup>

Joaquim Batista era natural de Lamarão, à época município de Serrinha. Mudou-se para Salvador em 1933, onde trabalhou na livraria da família Souza de maioria integralista, quando manteve o primeiro contato com a doutrina e a ela filiou-se em 1934, com 16 anos. Transferiu-se para Alagoinhas, em 1938, e prestou serviço à ferrovia “Leste Brasileiro” como escriturário, onde alcançou o cargo de “oficial administrativo”. No texto “Nostalgia Ferroviária”, de 13 de maio de 1980, explicou o significado do “trem” e da “ferrovia” para sua vida.<sup>205</sup>

Filho de ferroviário, vivendo às margens da Leste Brasileiro, Joaquim Batista recorda o ambiente que influenciara o seu apeço pela ferrovia. Por “vocaçãõ”, “atraçãõ” ou necessidade, “fez-se ferroviário”. Recebeu do diretor Lauro Farani Pedreira de Freitas (1901-1950) a permissão para telegrafar, fazer “conferências” e prestar outros serviços na estação de Alagoinhas.<sup>206</sup> Sobre o conteúdo dessas conferências e as razões políticas desse direito concedido pelo presidente da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro (VFFLB) nada comenta, apenas lamenta a “morte” das estradas de ferro.

<sup>204</sup> Em entrevista concedida, à época, à graduanda Marleide Sousa, em 2003 e em 2005, Joaquim Batista lista outros nomes de integralistas na cidade, como Lúcio Bento Cardoso, José Libório, Oscar da Rocha Dias, Pedro Cardoso, João Lisboa e quase todos da família Bastos, além de confirmar a participação dos citados acima. SOUSA, Marleide Lima de Brito. *Vestígios da Ação Integralista Brasileira na Terra da Laranja*. Um estudo de caso sobre a trajetória política de um integralista em Alagoinhas. Monografia. Departamento de Educação – DEDC. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, 2005.

<sup>205</sup> *Nostalgia ferroviária*. Joaquim Pinto Batista Filho. Alagoinhas, Bahia, 13 de maio de 1980. APPUB, Alagoinhas, Bahia. Informações retiradas da Ata da 11ª Sessão do primeiro período Legislativo da Câmara Municipal de Alagoinhas, de 15.06.1951 (ACMA) e do trabalho de Marleide Sousa. Ibid.

<sup>206</sup> Segundo Salomão Barros, Lauro Farani Pedreira de Freitas era natural de Alagoinhas e engenheiro civil. Foi constituinte de 1946, diretor-superintendente da “Companhia Ferroviária Este Brasileiro” e no ano da candidatura para o governo estadual faleceu em um acidente aeroviário. BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979, p. 315.

As relações cordiais de Lauro de Freitas e Joaquim Batista podem ser em parte explicadas com as informações levantadas por Moisés Leal Moraes acerca das suspeitas de “coação” praticada pelo diretor da VFFLB contra os ferroviários comunistas em Alagoinhas.<sup>207</sup> O autor refere-se às reuniões de militantes comunistas com o candidato ao executivo municipal pelo Partido Social Democrático (PSD), Pedro Dórea, publicadas na edição de agosto de 1950, do jornal *O Nordeste*, nas quais se estabeleceram as condições de apoio do PCB ao candidato, desde que as perseguições de Lauro de Freitas aos operários comunistas fossem evitadas.

Ainda que não seja possível garantir a predominância ou a forte influência do comunismo entre os operários da Leste Brasileiro, é provável que a insatisfação com o contingente comunista na ferrovia tenha implicado no grau de afinidade entre Lauro de Freitas e Joaquim Batista. Como ativo integralista, Joaquim Batista experimentou as dificuldades de sustentar o seu ideal em um ambiente de trabalho marcado pela presença de comunistas, principalmente, entre os operários.<sup>208</sup>

Em 1950, o nome de Lauro de Freitas foi lançado à candidatura ao governo do estado da Bahia, pelo PSD, interrompida pelo acidente que provocou sua morte, em setembro do mesmo ano. A partir de 01 de junho de 1951, Joaquim Batista, por sua vez, seria eleito como suplente de vereador pela legenda do PSD, compondo a bancada governista na Câmara Municipal de Alagoinhas, durante a gestão de Pedro da Costa Dórea (1950-1954).<sup>209</sup>

No legislativo municipal explicou que representava o Partido de Representação Popular (PRP), acrescentando que pautava suas atitudes no programa deste partido, com o objetivo de “cumprir e respeitar a Lei e fazer justiça”, mantendo-se firme em seus ideais integralistas.<sup>210</sup> Em sessões consecutivas, marcou a sua posição política, de militante da Ação Integralista Brasileira, e discursou longamente sobre o integralismo, declarando que “não era governista nem oposicionista e sim, para apoiar o que julgasse justo”.<sup>211</sup> Suas atitudes políticas e o seu

---

<sup>207</sup> MORAIS, Moisés Leal. *Urbanização, trabalhadores e seus interlocutores no Legislativo Municipal: Alagoinhas – Bahia, 1948-1964*. 2011. 137 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, Santo Antonio de Jesus. 2011, p. 48-49.

<sup>208</sup> SOUSA, Marleide Lima de Brito. *Vestígios da Ação Integralista Brasileira na Terra da Laranja*. Um estudo de caso sobre a trajetória política de um integralista em Alagoinhas. Monografia. Departamento de Educação – DEDC. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, 2005.

<sup>209</sup> Ata da 9ª Sessão do primeiro período Legislativo da Câmara Municipal de Alagoinhas, de 01.06.1951. ACMA

<sup>210</sup> Ata da 12ª Sessão do primeiro período Legislativo da Câmara Municipal de Alagoinhas, de 22.06.1951. ACMA

<sup>211</sup> Ata da 11ª Sessão do primeiro período Legislativo da Câmara Municipal de Alagoinhas, de 15/06/1951. ACMA. Moisés Leal Moraes ressalta que a postura de Joaquim Batista na Câmara Municipal, pelo menos no

modo de vida em Alagoinhas revelavam completo alinhamento com a doutrina do Sigma, cujo lema “Deus, Pátria e Família” sintetizava suas aspirações.

No ambiente religioso que frequentava, o da Igreja Batista, a sua posição política também não era bem vista, sobretudo, porque a religião não se constituía em reduto do integralismo na cidade. O próprio Joaquim Batista afirmou que poucos evangélicos aderiram ao movimento.<sup>212</sup> Na Bahia, ele teve ampla aceitação entre os praticantes do catolicismo, fator que justifica, em alguma medida, a força do integralismo em uma sociedade conservadora e, notadamente, católica.<sup>213</sup> E em Alagoinhas, segundo dados do IBGE de 1940 e de 1950, os católicos eram preponderantes, correspondendo a quase totalidade da população local.<sup>214</sup> Nesse sentido e considerando as influências católicas dessa doutrina, o caso de Joaquim Batista é particular. Ele se batizou no templo da Primeira Igreja Batista do Brasil, aos 16 anos, passando o resto da vida a ela associado.

Sobre a sua relação com o catolicismo, Joaquim Batista declara em sessão plenária que sua condição de “Batista crente” não o impedia de ter “bons amigos” na Igreja Católica Apostólica Romana. Essa justificativa na Câmara sucedeu à discussão do Projeto de Lei n. 12, que concedia auxílio para reconstrução da Igreja de Alagoinhas Velha, contra o qual votou em duas sessões seguidas.<sup>215</sup> Mas a valorização e o respeito a Deus, bem como a promessa de uma “política sã” da concepção integralista foram os fatores que o influenciaram na adesão ao movimento dos camisas verdes.

Em uma carta de 26 de maio de 1981, enviada por Jader Araújo Medeiros a Joaquim Batista, encontra-se uma importante alusão ao estado da Bahia. Ao tratar de assuntos relacionados ao jornal *Renovação Nacional*, o integralista do Rio de Janeiro e assumido propagador do pensamento de Plínio Salgado, referiu-se a Joaquim Batista como aquele que

---

que diz respeito às questões trabalhistas, “rendeu interpretações controversas”. Cf. MORAIS, Moisés Leal. *Urbanização, trabalhadores e seus interlocutores no Legislativo Municipal: Alagoinhas – Bahia, 1948-1964*. 2011. 137 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, Santo Antonio de Jesus. 2011, p. 74.

<sup>212</sup> SOUSA, Marleide Lima de Brito. *Vestígios da Ação Integralista Brasileira na Terra da Laranja*. Um estudo de caso sobre a trajetória política de um integralista em Alagoinhas. Monografia. Departamento de Educação – DEDC. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, 2005, p. 30.

<sup>213</sup> FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 88.

<sup>214</sup> Os dados foram levantados por Moisés Moraes, que pondera, afirmando não terem sido levadas em conta, nessas estatísticas, as religiões de matriz africana. Segundo os dados do IBGE, reunidos pelo autor, da população estimada em 37.827 habitantes, para o ano de 1940, 36.925 eram católicos. E dos 52.007 habitantes, em 1950, 50.630 pertenciam ao catolicismo. Cf. MORAIS, Moisés Leal. Op. Cit., p. 32.

<sup>215</sup> Atas do primeiro período Legislativo da Câmara Municipal de Alagoinhas, de 01.06.1951, 08.06.1951 e 15.06.1951. ACMA

“se revelou um grande baluarte do nosso Movimento na Bahia, a Província Mártir do Integralismo”.<sup>216</sup>

O crédito dado à doutrina do sigma pôs Joaquim Batista em contato com obras de Plínio Salgado e de outros integralistas baianos, a exemplo de Rubem Nogueira, que em dedicatória de 1997 no livro *O homem e o muro* (1997) a ele dirigiu-se como “velho amigo”. As fontes do arquivo pessoal do filho de nome bastante sugestivo, Plínio Ubirajara de Carvalho Batista, indicam que, em nível nacional, ele mantinha contatos com o chefe e sua família, especialmente, a esposa Carmela Patti Salgado, com Jader Medeiros e com José Batista de Carvalho.<sup>217</sup> Na região, como explicitam as memórias orais do seu filho, articulava-se com Rubem Nogueira em conferências e encontros pessoais. Em Alagoínhas, cumpria o papel de articulador do grupo, repassando livros recebidos em grandes remessas e distribuindo periódicos entre integralistas e simpatizantes, como acontecia com o jornal *A Marcha*, na década de 1950.<sup>218</sup>

Em cerca de onze correspondências trocadas com Carmela Salgado, do final da década de 1970 e início da de 1980, Joaquim Batista respondeu aos seus apelos de divulgação do pensamento de Plínio Salgado, solicitou quantidades consideráveis de exemplares de obras

<sup>216</sup> Carta de Jader Medeiros a Joaquim Pinto Batista Filho, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1981. APPUB. Joaquim Pinto Batista Filho defendeu sua condição de integralista até 2005, ano de seu falecimento. Quanto a Jader Medeiros, Gilberto Calil afirma que, além de ter lançado o jornal *Renovação Nacional*, do qual tratou com Joaquim Batista em várias cartas, foi o principal idealizador e primeiro presidente da União Operária e Camponesa do Brasil, criada em 1957, a ela tendo renunciado em 1960, sendo acusado de corrupção. Ainda segundo o autor, o integralista publicou MEDEIROS, Jader. *A força de um pensamento*. Rio de Janeiro, UOCB, 1973. Cf. CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado em História: Universidade Federal Fluminense, 2005. 819 p.

<sup>217</sup> José Batista de Carvalho foi presidente da Casa de Plínio Salgado (CPS), criada em outubro de 1981, ao lado das presidentas de honra vitalícia, Carmela Patti Salgado, viúva de Plínio Salgado e Maria Amélia Salgado Loureiro, filha do “Chefe”. Conforme os estatutos de fundação, contendo seis capítulos, era uma “associação civil sem fins lucrativos”, sediada em São Paulo, que promovia atividades “culturais, literárias e educacionais”. O grupo buscava preservar a herança integralista, ao colocar-se como herdeiro das obras e do ideal de Plínio Salgado, após a sua morte. *Estatutos*. Casa de Plínio Salgado. 4 p. Carta de Joaquim Pinto Batista Filho a José Batista de Carvalho. Alagoínhas, 17 de janeiro de 1984. APPUB

<sup>218</sup> O jornal *A Marcha* teve circulação nacional, entre fevereiro de 1953 e setembro de 1965, com interrupção entre janeiro de 1963 e setembro de 1964, publicando um total de 473 edições. Foi considerado por Gilberto Grassi Calil, que discute o papel da “imprensa doutrinária” para o projeto integralista a partir de 1945, “o mais importante jornal integralista do pós-guerra”. O autor discorre sobre as “campanhas de contribuição” ou de “militância integralista” feitas pelo jornal para arrecadar recursos e garantir a sua circulação. Assumindo esse papel de “distribuidor” em Alagoínhas, Joaquim Batista, deve ter contribuído com a manutenção do periódico. Cf. CALIL, Gilberto Grassi. *A imprensa integralista no Pós-Guerra: os jornais “Reação Brasileira”, “Idade Nova” e “A Marcha”*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 327-354. No mesmo livro Priscila Alcântara e Alexandre Oliveira referem-se a outro jornal, de mesmo título, *A Marcha*, de circulação local, em Petrópolis-RJ, na década de 1930, mas não se trata do mesmo periódico analisado por Gilberto Calil e nem distribuído por Joaquim Batista em Alagoínhas, como o próprio período confirma. Cf. OLIVEIRA, Alexandre Luís de; ALCÂNTARA, Priscila Musquim. *O jornal A Marcha e a estruturação da AIB em Petrópolis – RJ (1934)*. *Ibid.*, p. 287-304.

como *Tempo de Exílio*, *Primeiro Cristo*, a edição baiana de *Vida de Jesus*, entre outras, e reconheceu a necessidade de fazer circular as ideias do chefe. Em um enfático ofício de 7 de novembro de 1978, a viúva justificou a sua solicitação da seguinte maneira, “precisamos enfrentar a grande sabotagem em torno do nome e da obra deste grande líder nacionalista, que dedicou a sua vida a Deus, à Pátria e à Família.”<sup>219</sup>

A pesquisa nesse arquivo privado, onde foram encontrados livros, telegramas, comprovantes bancários, jornais, postais, fotos, cartas e a própria camisa verde com a insígnia do movimento e com broches de encontros e do congresso de 1935, revelou que mesmo depois de muito tempo da dissolução da AIB e do período em que atuou como vereador, representando o PRP, Joaquim Batista manteve contato com companheiros remanescentes do integralismo e articulou-se em torno de propostas como a da “Cruzada de Renovação Nacional”, da qual trata a referida carta de Jader Medeiros.

O conteúdo do documento evidencia o esforço do integralista baiano para angariar contribuintes para o jornal *Renovação Nacional*, fundado em 1978, por Jader Medeiros para divulgar a “Doutrina Político-Social e Cívico-Cultural”. A carta expressa um tom de agradecimento pela ajuda em dinheiro e pela listagem de 25 nomes que integrariam o “Quadro de Honra Plínio Salgado”, contribuindo permanentemente com o jornal integralista, vinculado à “Cruzada de Renovação Nacional”.<sup>220</sup>

Entre os colaboradores constam os nomes, entre outros, do próprio Joaquim Batista, como “Grande Benfeitor” e de seu filho Plínio Ubirajara, como “Benfeitor”, da “Câmara Municipal de Alagoinhas”, enquanto “Benemérito” e do “Cooperador” Maurílio José do Espírito Santo, além de dois indivíduos da cidade de Serrinha, o “Grande Benfeitor” Nonato Pereira Lima e o “Benfeitor” Celso Rubem Boaventura. Além dessas quatro categorias que subdividiam o grupo de colaboradores de acordo com o valor da contribuição, ainda existia a de “Comum”, a qual Celso Araújo, do distrito de Boa União, pertencia.<sup>221</sup>

A proposta da “Cruzada”, que Jader Medeiros considerou ser o “maior acontecimento histórico do Brasil”, depois da AIB, aparece como continuação da iniciativa dos anos de 1930, com algumas modificações, sem, por exemplo, a camisa verde e outras “exterioridades”. Foi

<sup>219</sup> Ofício de Carmela Salgado. São Paulo, 7 de novembro de 1978. Trecho grifado no original com letras de forma. APPUB

<sup>220</sup> Pela investigação de Gilberto Calil, as atividades em torno do jornal *Renovação Nacional*, editado por Jader Medeiros, constituíram-se na primeira tentativa de rearticulação do movimento integralista, após a morte de Plínio Salgado, que abalou a unidade do grupo. Cf. CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010, p. 369.

<sup>221</sup> Carta de Joaquim Batista a Jader Medeiros. Alagoinhas, 15 de abril de 1981. APPUB

“virtualmente” fundada pelo Chefe, visava criar núcleos por todo o país, e possuía como bandeira de luta a busca pela “democracia orgânica”, conforme afirmação do remetente, em um momento de avaliação dos erros do passado:

A CRUZADA DE RENOVAÇÃO NACIONAL, cujos Estatutos envio a você, tem a finalidade de arregimentar principalmente a Juventude e os Trabalhadores do Brasil, dando-lhes uma orientação doutrinária. E aqueles que tiverem vocação política, naturalmente ingressarão no nosso Partido, aliando, assim, o essencial (que é imutável), ao efêmero, que é mutável e contingente.

Só desse modo, entendo e justifico um Partido nosso, para que não venhamos a incidir no mesmo erro do passado, quando nos preocupávamos desmedidamente com a política-partidária, esquecendo-nos de fortalecer a viga mestra que nunca deveria deixar de constituir e merecer a nossa maior atenção, que é a divulgação, intensiva e ininterrupta, dos princípios contidos no Ideário Integralista, que em última análise propiciarão, a implantação da Democracia Orgânica, ou, Integral, em nossa Pátria.<sup>222</sup>

O jornal *Renovação Nacional* seria o veículo através do qual se divulgaria e defenderia os ideais de Plínio Salgado pelos municípios brasileiros, conforme os objetivos da “Cruzada” que seria transformada na “Ação Integralista de Renovação Nacional”. Ao concordar com o Chefe quanto ao poder da imprensa de formar opinião “individual e pública”, Jader Medeiros afirmou em uma circular no ano de 1989:

O nosso valente, vibrante e corajoso periódico RENOVAÇÃO NACIONAL, que “vai a todos os recantos do País, levando a boa Doutrina, notícias sobre a política e realizações da Revolução de 64 e combate às atividades subversivas e corruptoras”, está ingressando auspiciosamente no seu 11º ano de fecunda e promissora existência.<sup>223</sup>

O trecho faz referência às atividades clandestinas de grupos que contestavam o regime militar vigente no Brasil nesse período. Interessante observar que, tendo surgido já no período ditatorial, em 1978, o jornal permaneceu circulando, exceto no período de dois anos, entre 1980 e 1981. E como aponta a nota acima, doutrinando e noticiando as “realizações da Revolução de 64”.

No que diz respeito ao envolvimento de Joaquim Batista com a “Ação Integralista de Renovação Nacional”, os documentos evidenciam o seu interesse em marcar presença. O indisfarçável integralista enviou para Jader Medeiros um telegrama autorizando incluir o seu nome na relação de fundadores do movimento. Em carta remetida a Carmela Salgado,

<sup>222</sup> Carta de Jader Medeiros a Joaquim Batista. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1981, p. 2. (Grifos no original). APPUB

<sup>223</sup> Circular de Jader Medeiros de 1989. (Grifos no original). APPUB

comentou o apoio que ofereceria ao grupo, inspirado no que o “grande Chefe” havia dito, ““Pelo Brasil recomeçaria mil vezes’!!!”<sup>224</sup>

O caso de Joaquim Batista acentua que a história do integralismo em Alagoinhas não seria reconstituída sem a interlocução com personagens que desempenharam papel fundamental para a consolidação do movimento no município. A sua ação além de intermediar uma rede de contatos de integrantes locais com os de outras regiões do país, que se colocaram como “herdeiros” da doutrina de Plínio Salgado, permitiu-lhe alcançar o legislativo municipal, entre 1951 e 1954. Onde transformou, em alguma medida, as suas causas políticas em interesse público. Se Alcindo de Camargo teve papel central fundando o núcleo municipal, as articulações de Joaquim Batista serviram para alimentar, décadas após a dissolução da AIB, os ideais integralistas naquela cidade.

A história da AIB na Bahia foi marcada também pela oposição ao PCB, haja vista que o anticomunismo foi um dos pontos centrais da doutrina integralista. As lideranças regionais e locais, a exemplo de Joaquim Batista, Rubem Nogueira, Demóstenes Martins, entre outras, levaram a efeito essa ideia. Os comunistas, por sua vez, transformaram o anti-integralismo em bandeira de luta, sobretudo a partir do momento em que a AIB foi posta na ilegalidade. O conjunto de textos e discursos produzidos pelos pecebistas nesse período evidencia o objetivo do grupo de derrotar o integralismo, questão que será abordada na próxima seção.

---

<sup>224</sup> Carta de Joaquim Batista a Carmela Salgado. Alagoinhas, 11 de maio de 1984. APPUB

## 4 VERSO E REVERSO DA HISTÓRIA: PRODUÇÃO DA MEMÓRIA COMUNISTA ACERCA DO INTEGRALISMO

Abordar a história do integralismo na Bahia implica em considerar o seu embate político e ideológico com outra força que se situava em plano oposto: o comunismo. Para os integralistas, a exemplo de Plínio Salgado e, na Bahia, Rubem Nogueira, o comunismo era expressão do “mais cruel dos totalitarismos”, pela sua “concepção materialista da vida e da história”, em sentido contrário, os comunistas enxergavam o integralismo como prolongamento do nazifascismo no Brasil, conforme se verifica nos sucessivos textos produzidos pelos pecebistas baianos.<sup>225</sup>

Essas forças políticas se polarizaram desde meados da década de 1930, principalmente depois de 1935 com o movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), e radicalizaram-se a partir dos anos de 1940, durante o Estado Novo, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Eliana de Freitas Dutra, em *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30* (1997) identifica quatro pilares discursivos e estratégicos em torno dos quais o imaginário político do período se configurou. Para a autora, as ideias de “anticomunismo/revolução”, de “trabalho”, de “pátria” e de “moral” foram acionadas pelas “forças sociais” que de 1935 a 1937 contribuíram para a formação do Estado Novo e para a elaboração de elementos ideológicos manipuladores.<sup>226</sup> O estudo desenvolvido por Eliana Dutra discute a formação do anticomunismo no quadro político dos anos de 1930.

Propõe-se aqui uma perspectiva de análise das representações criadas pelos comunistas contra o integralismo na Bahia, em fins dos anos de 1930 e ao longo dos anos de 1940. Por razões táticas, e como desdobramento das orientações internacionais acerca do nazifascismo lançadas pelo VII Congresso, do Komintern, em 1935, ou por fatores internos de expansão do integralismo como partido político capaz de tentativas “*putschistas*”, os comunistas envolveram-se em uma batalha, que não se limitou ao plano do discurso, contra o que

<sup>225</sup> SACERDOS. *O Homem Integral e O Estado Integral: filosofia política de Plínio Salgado*. 2 ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1987, p. 61. São longos os ataques aos socialistas e comunistas considerados por Plínio Salgado a mesma coisa, no livro que trata da sua candidatura à presidência da República, em 1955. Refere-se no tópico, bastante incisivo, “Incompatibilidade doutrinária com o socialismo”, à “intransigência doutrinária” da AIB e do PRP em relação aos Partidos Comunista e Socialista. Cf. SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria clássica Brasileira S. A., 1956.

<sup>226</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

consideravam ser o maior inimigo nacional; com isso, alimentou também o imaginário social do qual tratou a autora de *O ardil totalitário*.<sup>227</sup>

Reunidos na revista *Seiva* (1938-1943), nas produções de escritores como Jorge Amado (1942-1944) e no jornal *O Momento* (1945), esses discursos demonstraram a incansável luta dos comunistas para denunciar, desmoralizar e “aniquilar” o integralismo na Bahia. Por vezes recorreram às “lições do passado”, ao mesmo tempo produzindo uma memória para combatê-lo. A identificação do campo de forças gerado entre esses grupos rendeu para esta seção a perspectiva de “verso e reverso da história”, afinal, os camisas verdes não só contestaram as acusações como também partiram para o ataque como já foi visto.<sup>228</sup>

O historiador Rogério Lustosa Victor arrisca-se a propor uma “história-problema” acerca das “percepções” criadas sobre o integralismo e da forma como elas foram “normatizadas”, contribuindo com a formação da “memória histórica”, após as ações golpistas de março e maio de 1938 dos integralistas. Aquele ano de 1938 marcou a história do integralismo, para o autor, indicando duas derrotas do movimento, uma política, já que depois do “*putsch*” foi liquidado, e outra no campo das memórias, uma vez que desde então foi lançado ao “rio do esquecimento”, às “águas do Lete”, sendo banido pela “memória do vencedor”. Nessa tentativa de releitura da história do Brasil na década de 1930, ao menos no que diz respeito aos partidos e movimentos políticos, o autor sugere que, “[...] como fato, o golpe de 1938 opera um corte na história do integralismo. Depois dele, o que se vê é um movimento organizado para a conquista do poder ser lançado ao esquecimento.”<sup>229</sup>

Pelas considerações de Rogério Lustosa, à medida que a “memória histórica” se configurava, o integralismo era dissociado do Estado Novo e visto como o “outro”, “covarde” e “risível”. Mantinha-se em um estado que o autor chama de letargia. Com as mudanças na política internacional, marcadas pelo resultado da guerra, o movimento, que no momento se rearticulava em torno da fundação do Partido de Representação Popular (PRP), ocorrida em setembro de 1945, é recuperado e associado ao nazismo. O autor centraliza a análise no

<sup>227</sup> Sobre a “inflexão política” do PCB, de uma atitude insurrecional para uma proposta de “frente popular”, em nítido acordo com as decisões do VII Congresso da Internacional Comunista (IC) ou “Komintern”, de 1935, ver SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 40-49.

<sup>228</sup> AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia*. Crônicas (1942-1944). Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008.; AMADO, Jorge. *Farda Fardão Camisola de Dormir*. Rio de Janeiro, Record, s/d.; FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988.

<sup>229</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005, p. 63.

Estado Novo e no seu esforço de “enquadrar” a “memória histórica”, observando a configuração de um “universo político dicotomizado”, entre o integralismo e os seus chefes, o Estado Novo e o seu líder Getúlio Vargas.<sup>230</sup>

Na Bahia, entretanto, a luta política dos comunistas demonstra que a questão é bem mais complexa e que também está relacionada a fatores internos e externos à linha política do PCB. Nesses termos, os marcos temporais da forma como foram propostos por Rogério Lustosa podem ser repensados. A tentativa de tomada do Palácio Guanabara em 1938 de fato teve repercussão nacional, mas os comunistas direcionaram a atenção para os integralistas antes disso e, posteriormente, já no começo dos anos de 1940, intensificaram a produção discursiva com o intuito de pressionar o governo. Ou seja, entre os pecebistas o integralismo não foi relegado, em momento algum, ao esquecimento.

As produções dos comunistas na Bahia permitiram compreender a situação dos integralistas entre o final da década de 1930 e a primeira metade dos anos de 1940, principalmente, frente ao governo. Nesse período, os integralistas estavam desmobilizados, mas não esquecidos. Os comunistas exploraram bastante a memória, com o intuito de evitar a ressurgimento do “grupo de traidores”. À medida que foram reaparecendo na cena política, a luta “patriótica” foi intensificada, em nome da “defesa da pátria”. Através do jornal *O Momento* (1945), por exemplo, os comunistas denunciaram a rearticulação em antigos focos integralistas na capital e no interior da Bahia, apresentando um panorama das atividades dos camisas verdes no estado.

João da Costa Falcão (1919-2011), em suas memórias, relembra o crescimento do movimento integralista no interior e na capital do estado, que agregou figuras de “expressão intelectual e social” e da polícia militar. O grupo demonstrava força ao enfrentar as ações repressivas do governador Juraci Magalhães e dos setores antifascistas. O confronto entre os dois grupos opositores, segundo o ex-integrante do PCB, ultrapassava o plano das ideias para o da agressão física, em ambientes públicos, como se verificará adiante.<sup>231</sup>

Apesar da repressão sobre o Partido Comunista (PC) ter se intensificado após a fracassada tentativa insurrecional dos núcleos da Aliança Nacional Libertadora, no ano de

<sup>230</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005, p. 58.

<sup>231</sup> FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 29. Consuelo Sampaio afirma que os choques entre integralistas e aliancistas foram frequentes entre 1935 e 1937. Cf. SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 106.

1935, desestruturando o Secretariado Nacional (SN), os pecebistas não mediram esforços para combater o “nazifasci-integralismo”. Entre 1936 e 1937, os comunistas gozaram de certa liberdade, assegurada pelo governador do estado, mesmo estando na clandestinidade.

Seja por proteger um irmão membro da ANL no Rio de Janeiro, Elieser Magalhães, seja por entrar em discordâncias com o governo ou pela sua condição de militar, o fato é que Juraci Magalhães se empenhou na luta contra o integralismo e, de alguma forma, foi “benevolente” com os comunistas, conforme ele próprio afirma em suas memórias: “durante meu governo, fui contra o integralismo e dei certa liberdade aos comunistas”.<sup>232</sup> Ponderou, no entanto, mais adiante: “o fato de ter convivido bem com os comunistas durante o meu governo na Bahia não me tornava um adepto das teorias de Marx. Meu critério era justo. Permitia que se manifestassem, mas não admitia aliciamentos para golpes”.<sup>233</sup>

Ao analisar anos depois a conjuntura política de 1935 no Brasil, Juraci Magalhães reconheceu que enquanto Luiz Carlos Prestes (1898-1990), através da ANL, tentava tomar o poder pelas armas e implantar um governo “popular revolucionário”, sob orientação da Internacional Comunista (IC), a Ação Integralista Brasileira, sob o lema “Deus, Pátria e Família”, pretendia inaugurar um “Estado corporativo-sindicalista”, à semelhança do que fazia Mussolini, na Itália. A AIB não passava para o governador de um “partido político de inspiração fascista”, que mais tarde prejudicaria Getúlio Vargas. De modo que, apoiado por “conveniência política” na força que o movimento integralista lograva, Getúlio Vargas poria a própria vida em perigo, como ficou demonstrado com o assalto ao Palácio Guanabara, em maio de 1938.<sup>234</sup>

Juraci Magalhães afastou-se do governo Vargas, depois que o golpe do Estado Novo foi desfechado.<sup>235</sup> O memorialista assinala que a discordância com a atitude de implantação de

---

<sup>232</sup> GUEIROS, José Alberto. *O último tenente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 165. Consuelo Novais Sampaio alude às “razões de ordem sentimental” que impediram Juraci Magalhães de radicalizar nas ações contra os aliancistas. Além de ter um irmão, Eliezer Magalhães, e um cunhado, capitão Tomás de Pompeu Acióli Borges, envolvido com a “revolta comunista” de novembro de 1935, “amigos de farda e companheiros de revolução” também estavam envolvidos com a ANL. Cf. SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembleia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992, p. 111.

<sup>233</sup> GUEIROS, José Alberto. Op. Cit., p. 169.

<sup>234</sup> Rogério Lustosa refere-se no livro ao apoio dado pela AIB à implantação da “ditadura” do Estado Novo. Para o autor, o desfile integralista de 1º de novembro foi “símbolo inequívoco do apoio de Salgado às pretensões continuistas de Vargas”. Cf. VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005, p. 37.

<sup>235</sup> Para João Falcão a divulgação do falso “Plano Cohen”, em 30 de setembro de 1937, criado por integralistas e usado pelo governo, que apresentava um suposto plano comunista de tomada do poder fundamentou a atitude golpista de Getúlio Vargas e o conjunto de “normas especiais” de combate ao comunismo, divulgado antes mesmo do golpe. O autor explica os detalhes desse falso plano no livro. FALCÃO, João. *O partido*

um “Estado autoritário”, o obrigou a renunciar. E sobre as consequências dessa opção política, comenta Juraci Magalhães:

A partir de 37, sofri na carne os rigores do Estado Novo. Longe de Getúlio, comecei a ser vigiado pela polícia política do famigerado Felinto Müller, versão tropical da Gestapo. Meu telefone foi controlado. Minha carreira militar restringiu-se. Parecia que o mundo inteiro caminhava para os sistemas autoritários de Governo. Nazismo na Alemanha de Hitler, fascismo na Itália de Mussolini e comunismo selvagem na União Soviética de Stálin. Aqui no Brasil, o Estado Novo, embora tenha dado ao país um período inicial de austeridade, cometeu excessos. Havia torturas. A Polícia realizava centenas de prisões políticas e com suas arbitrariedades criava um clima de inquietação generalizado.<sup>236</sup>

Quanto ao vínculo do governo Vargas com o integralismo, os julgamentos de Juraci Magalhães e dos pecebistas estavam em acordo. Conforme as memórias do “último tenente”, Getúlio Vargas, “aliado dos fascistóides”, assistiu sorridente ao desfile de 10 de setembro de 1937, de 30 mil integralistas, “orgulhosos em suas camisas verdes, desfilando ao lado de oficiais fardados da Marinha e do Exército, fiéis adeptos do movimento que imitava as manobras dos *camisas negras* de Mussolini.”<sup>237</sup> Mas após o *putsch* integralista de 1938, a situação se modificou, tendo a polícia de Vargas iniciado uma perseguição “sem trégua” aos integrantes da AIB.

Por parte dos comunistas o esforço de luta contra o integralismo jamais se esmoreceu. Desde o ano de 1935 os aliancistas combateram organizações integralistas, lançando bombas contra seus núcleos e desarticulando reuniões e congressos. Em março de 1937, conforme Carlos Zacarias de Sena Júnior, através da publicação do texto “Ganhemos as municipalidades para a democracia”, pelo Comitê Regional da Bahia (CR-BA), os pecebistas empenharam-se em um trabalho cotidiano junto às massas da zona rural e urbana, exortando a luta pela democracia e contra o fascismo.<sup>238</sup>

Ainda que enfrentando dissensões no seio do PCB, decorrentes de orientações políticas divergentes, o Bureau Político (BP) firmou compromisso com a democracia, sinônimo de combate ao integralismo. Até março de 1938, a linha do BP, liderada por Lauro Reginaldo da

---

*comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 29-31. A respeito disso o integralista Rubem Nogueira, também em memórias, explica que nunca existira plano nenhum, mas uma “patranha” do general Góes Monteiro que se aproveitou de um estudo não aprovado sobre um possível “processo revolucionário comunista”. NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997, p. 186-187.

<sup>236</sup> GUEIROS, José Alberto. *O último tenente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 189. João Falcão também sugere que Juraci Magalhães renunciou ao governo por não ter aceitado o golpe. Cf. FALCÃO, João. Op. Cit., p. 31.

<sup>237</sup> GUEIROS, José Alberto. Op. Cit., p. 190. (Grifos no original)

<sup>238</sup> SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 54.

Rocha, “Bangu”, radicalizava as orientações de formação tática de uma “grande frente” com a burguesia, inicialmente contra Getúlio Vargas e, posteriormente, inclinando-se para uma aliança, dentro da proposta de “União Nacional”, até resultar em um apoio declarado, a partir dos anos de 1940.

A pressão sobre Vargas, até pelo menos o início dos anos de 1938, relacionava-se à aproximação do governo com os integralistas. Poucos meses depois do golpe, o BP reafirmava o “caráter fascista” do Estado Novo, mas o rompimento com os integralistas, após março de 1938, vislumbrava para os comunistas a possibilidade de aliança contra a reação “nazifasci-integralista”. Essa tentativa de lutar mais ativamente em favor da democracia significou combater o fascismo ao lado de Vargas ou, ao menos, ao lado de determinados setores do governo, considerados progressistas. Nesse sentido, as bases para a “União Nacional” com Vargas estavam lançadas e, em 28 de março de 1938, o BP emitiu o documento “União Nacional pela Democracia e pela Paz”.<sup>239</sup>

Àquela altura, durante a interventoria de Landulpho Alves na Bahia (1938-1942), substituindo o coronel Antonio Fernandes Dantas, o Comitê Regional (CR) rearticulava-se em torno de jovens pecebistas, a exemplo do seu dirigente Diógenes de Arruda Câmara (1914-1979) e do próprio João Falcão, principalmente depois das sucessivas quedas do Comitê Central, quando assumiu papel decisivo na reorganização do Partido.<sup>240</sup> Ainda nesse período, fundaram a revista *Seiva*, de orientação antifascista, que aplicou a linha política de “União Nacional”. A publicação teve circulação nacional e internacional, e dizia congrega os intelectuais das Américas por uma causa comum, como se verificará adiante.

---

<sup>239</sup> SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 72. FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 92-139. Segundo João Falcão entre 1939 e 1940, o governo efetivou sucessivas prisões de membros da direção nacional do Partido.

<sup>240</sup> Landulpho Alves de Almeida era natural de Santo Antonio de Jesus e irmão do integralista Isaías Alves de Almeida, segundo João Falcão, membro da Câmara dos 40, órgão máximo da AIB. *Ibid.*, p. 43.

#### 4.1 ANTIFASCISMO E ALIANÇA POLÍTICA: INTEGRALISMO NA BAHIA PELA REVISTA *SEIVA* (1938-1943)

O contexto de produção da revista *Seiva* foi marcado pela ditadura do Estado Novo e pelo recrudescimento das medidas repressivas, como dissolução dos partidos políticos, anulação da Carta Constitucional de 1934 e censura. A publicação revelava a orientação política do Partido Comunista do Brasil (PCB), ao expressar as suas aspirações democráticas e antifascistas na Bahia. O periódico circulou em duas fases, a primeira de dezembro de 1938 a julho de 1943, com 18 edições e a segunda, de novembro de 1950 a junho de 1952, com cinco números.

Integrantes do PCB dirigiram o conjunto das 23 edições, a exemplo de João Falcão, ingresso no partido em 1938, e a quem coube a responsabilidade de pôr em prática o projeto da revista. Em sua primeira fase, no entanto, participaram aqueles que não estavam sob a mira dos órgãos de defesa do Estado Novo, sobretudo, do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, circunstância em que a revista surgiu estrategicamente com feições literárias. No entanto, nos dois momentos manteve a orientação em favor da liberdade e da democracia, ainda que com variações discursivas.<sup>241</sup>

No período em que foi lançada, o Partido Comunista experimentava a clandestinidade. A repressão policial do Estado Novo sobre os comunistas, sobretudo em 1939 e 1940, desarticulou o Comitê Regional de São Paulo (CR-SP) e a direção nacional do partido, comprometendo a atuação dos comunistas do Sudeste e do Sul. O Comitê Regional da Bahia (CR-BA), que menos sofreu com as perseguições, empenhou-se na reestruturação do PC, tendo sido João Falcão “cooptado” para a realização das tarefas do partido.<sup>242</sup> Nesse período, conciliou as atividades partidárias com os trabalhos na direção da revista.

---

<sup>241</sup> Para este trabalho serão utilizadas as edições da primeira fase de circulação da revista. Além de João Falcão, dirigiram o primeiro número da revista Virgildal Sena, Eduardo Guimarães e Emo Duarte. A revista deveria ser autossuficiente e a redação seria na casa de João Falcão. A direção ficaria responsável pela administração, distribuição, publicidade e impressão e a parte editorial ficaria com o Partido. Na segunda fase, no entanto, responsabilizaram-se Wladimir Guimarães, como diretor, Luís Henrique Dias Tavares, como redator-chefe e Clóvis Moura, como secretário. Cf. FALCÃO, João da Costa. *A história da Revista Seiva* (Primeira Revista do Partido Comunista do Brasil – PCB). Salvador: Ponto & Vírgula publicações, 2008.; FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 47-54. Boa parte das questões, sobre a orientação política e as táticas comunistas, retomada no livro é extraída por João Falcão de diferentes edições da *Seiva*, que, aliás, é utilizada como fonte pelo próprio autor.

<sup>242</sup> Cf. SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 80-81.; FALCÃO, João. Op. Cit., p. 74-82.

A revista constituiu-se num espaço para denúncias, criação intelectual e combate ao fascismo. Em princípios da guerra, os intelectuais eram convidados a participar através da crítica literária. No período de acirramento do conflito, contudo, as colaborações dos escritores de diferentes estados do Brasil e de outros países aumentaram, como também foi ampliado, pelos campos da economia e da política, o seu eixo temático.

Essas condições refletem, por um lado, a situação de insegurança do PCB em face do Estado Novo e da presença dos integralistas na cena política, entre 1938 e 1940. A revista *Seiva* foi um dos poucos meios de denúncia que conseguiu vigorar sob a vigilância do DIP, justamente por apresentar um perfil literário. Por outro lado, aponta para a estratégia de “neutralidade” proposta pela Internacional Comunista e levada a efeito através dos acordos estabelecidos entre a União Soviética e a Alemanha, em 1939.

Ao longo dos cinco anos, na primeira fase, a revista explorou os temas conforme a necessidade do momento e da relação que mantinha com o governo Vargas. A ligação do PCB com a Internacional Comunista (IC) também interferiu, uma vez que, mesmo mantendo especificidades em relação ao “Komintern”, a direção do partido respondia aos objetivos do comando da Internacional.

À medida que se concentravam as análises acerca da situação política do Brasil e da posição assumida por Getúlio Vargas, frente ao avanço das forças nazifascistas e às complicações da guerra, os editoriais, expressivamente a partir do número sete, direcionavam a crítica, transformando a revista nesse importante meio de combate. Já que nos cinco primeiros números predominaram temas literários, somente com a sexta e a sétima edição, *Seiva* conseguiu definir a sua orientação; inicialmente em favor da paz e da neutralidade e depois em defesa da Pátria, no confronto aberto com o Eixo Tóquio-Roma-Berlim, demarcando, assim, sua posição em relação ao governo. O fato é que, segundo João Falcão, a frequência da circulação variou de acordo com as estratégias políticas dos que estavam à frente da produção da revista, bem como das condições de confecção às quais era submetida em cada período.

A política de “paz e neutralidade” estava em consonância com os interesses da IC, dada a conjuntura de aliança entre a União Soviética e a Alemanha nazista firmada pelo “Pacto de Não-Agressão” e os protocolos secretos, de setembro de 1939. O Partido Comunista do Brasil sofria pressão para apoiar a “Pátria do socialismo”, denunciando o imperialismo anglo-americano, por um lado, e mantendo a linha antifascista, por outro. O PCB assumia uma postura controversa de “União Nacional” com Vargas.

O Partido definiu e divulgou, através da revista, a linha política de defesa da Pátria, de “União Nacional”, pró-aliados e antifascista ao longo das edições. Desde o seu surgimento até julho de 1943, portanto, repudiou o fascismo, a “quintacoluna”, associada no Brasil ao integralismo. Paralelamente ao estudo da Segunda Guerra, a redação abordou o papel do nazifascismo e da quintacoluna naquele contexto. Os dois objetos fundiram-se em um só, já que Hitler e os seus adeptos tentavam se infiltrar e dominar diferentes países, provocando a Guerra e a bipolaridade entre Aliados e Eixo.

A combinação entre nazifascismo, quintacoluna e integralismo justifica a dupla abordagem do desenrolar da guerra e da ação dos “traidores”, os “quintacolunistas” ou integralistas. Posicionar-se contra as forças nazifascistas do Eixo implicava em denunciar e combater os seus agentes pelo mundo. E no Brasil significava desarticular os integralistas, “traidores da Pátria”. Na verdade, esse seria o momento ideal e a maneira eficaz de exigir do governo Vargas uma postura menos vacilante em relação à guerra, no plano internacional, e às forças reacionárias em nível nacional.

A apropriação do termo “quintacoluna”, no entanto, não se restringiu ao círculo dos comunistas, como recurso nas acusações feitas sobre a AIB, a despeito da predominância e da eficácia dessa expressão. Ao analisar as causas, os destinos da guerra e os vínculos entre o PCB, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e a IC, os integralistas inverteram anos depois as acusações de “traidores da Pátria” e de “quintacoluna”, associadas ao integralismo, sugerindo que, ao menos durante o apoio que a URSS ofereceu à Alemanha nazista, os comunistas brasileiros foram os legítimos traidores, integrantes do “quintacolunismo confesso”.<sup>243</sup>

Na oitava edição da revista *Seiva*, de dezembro de 1940, o tema do fascismo, discutido por Orlando Gomes e por Nestor Duarte Guimarães, nos números iniciais, foi retomado. “Interpretação do conflito Democracia x Fascismo” é o título do artigo assinado por Ives

---

<sup>243</sup> A ligação dos comunistas brasileiros com o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e os pactos de agosto de 1939 feitos entre a União Soviética e a Alemanha foram o alvo dos integralistas, a exemplo de Plínio Salgado e de Rubem Nogueira, que a eles se referiram como traidores. Cf. SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956.; NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (Memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997. João Falcão, em suas memórias, relembra a decepção com que os comunistas encararam esse acordo, pelo menos até receberem um boletim explicando que o pacto com a Alemanha foi um “recoo estratégico” de Stálin, para garantir a defesa da União Soviética. FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 64-66.

Peçanha, pseudônimo de Arruda Câmara, no qual discutiu os elementos doutrinários que diferenciariam o fascismo da democracia.<sup>244</sup>

Para explicar o “fenômeno” do fascismo, Ives Peçanha opta pela lógica do “sentimento de inferioridade” dos países imperialistas e totalitários. Segundo Arruda Câmara, a escassez de matérias-primas e o atraso na corrida por conquista de territórios determinaram o interesse pela dominação e por riquezas materiais de países pobres como Alemanha, Itália e Japão.<sup>245</sup>

Ives Peçanha, ou Arruda Câmara, lança mão de fatores econômicos, como a falta de recursos minerais e alimentícios, agravada por grandes populações e pequenos territórios, a deficiência industrial, a inexperiência com as colônias, a busca por enriquecimento material, entre outros, para explicar o fato político dos fascismos europeus. Elemento que seria rediscutido através da nota de redação “A América está ameaçada de invasão?”, na revista de número onze.<sup>246</sup>

A partir da décima edição, de outubro de 1941, entretanto, as referências ao nazifascismo aumentaram em quantidade e em densidade. Observou-se nesse número, por exemplo, a primeira alusão ao integralismo, como prolongamento do nazifascismo no Brasil. Sem os riscos imediatos da invasão da Alemanha nazista, o país sofria com a ação da “quintacoluna”, alertava a nota de redação intitulada “Infiltração nazista na América do Sul”,

Os últimos acontecimentos desenrolados no mundo provaram que há superprodução de traidores [...] As quintacolunas trabalham surdamente. Mais do que nunca é preciso estar alerta e trabalhar sem descanso para lhes anular os efeitos, lhes descobrir os planos e levá-los ao fracasso. Nos menores atos da vida quotidiana é possível trabalhar contra o fascismo.<sup>247</sup>

Nesse trecho é sugestiva a maneira como os comunistas vêm se multiplicarem as “quintacolunas” pelo mundo e as suas ações. E através dos editoriais emitem um alerta visando reunir esforços na luta política e ideológica contra o nazifascismo e o integralismo.

É longa e recorrente, porém, a polêmica da memória política de comunistas e integralistas sobre esse momento histórico. Acusado de facilitar o avanço das forças opressoras sobre o Brasil, fruto mesmo do nazifascismo, o integralismo também buscou defender um lugar favorável nessa trama política, elaborando julgamentos a respeito dos grupos que lhe atacava diretamente e, nesse sentido, o Partido Comunista era o seu principal

<sup>244</sup> SEIVA, nº 8, Ano II, dezembro de 1940.

<sup>245</sup> SEIVA, nº 8, Ano II, dezembro de 1940, p. 69.

<sup>246</sup> SEIVA, nº 11, Ano III, dezembro de 1941. A nota discute a lei de conquista e expansão que preside o desenvolvimento da política do nazifascismo.

<sup>247</sup> SEIVA, nº 10, Ano III, outubro de 1941, p. 43.

alvo. O campo de disputa por reconhecimento e espaços de poder refletiu-se em diferentes documentos e atos políticos produzidos nesse período.

Plínio Salgado, por exemplo, dedicou bastante tempo à tentativa de desmoralização dos comunistas, enquanto “covardes”, “invejosos”, “agentes de Moscou”, tendo sido este último um adjetivo compartilhado entre os integralistas empenhados nessa luta ideológica. Por essa lógica, como “agente do bolchevismo”, o comunismo agredia o princípio do “partido político nacional”, que a AIB tentou preservar. Plínio Salgado prosseguiu, anos depois, com o acerto de contas que desejava ter com os comunistas no *Livro verde da minha campanha* (1956), onde enxergou na “intransigência doutrinária” em relação ao comunismo e ao socialismo o sentido da tradição fundada com o integralismo.<sup>248</sup>

Mesmo com o objetivo de justificar a sua candidatura para presidência da República, em 1956, Plínio Salgado aproveitava a oportunidade para discutir os aspectos doutrinários do integralismo, tentando demonstrar a consistência de suas ideias marcadas pelos princípios espiritualista e nacionalista, ao longo da sua atuação política. E com esse objetivo assegurou a total incompatibilidade com os partidos Comunista e Socialista, ambos baseados no materialismo científico ou dialético.

O integralista apoiou-se nas condenações do Socialismo feita pelos Sumos Pontífices, desde Pio IX. Pela doutrina cristã, a sua essência materialista em si transformava-o em um dos “monstros da sociedade moderna”. E esse respaldo foi suficiente para tornar o socialismo e o comunismo sinônimos e levantar sobre eles uma lógica de suspeitas, alimentando o imaginário do “perigo comunista”. Plínio Salgado afirmou que a sua luta contra o comunismo somava 25 anos:

Principiei em 1930; organizei o combate ao marxismo, em 1932, pela imprensa, pelo rádio, nas páginas de livros, em conferências e comícios, de tal maneira que em 1936, em relatório a Dimitrov, chefe do Comintern, publicado na imprensa, a direção do Partido Comunista Brasileiro informava que o fracasso da revolução vermelha de 1935 fora consequência de não ter sido avaliada, em toda a sua extensão, a força do integralismo no nosso país.<sup>249</sup>

Pelas considerações do chefe integralista, percebe-se que o plano de julgamento da história foi invertido, ainda que a partir de um livro produzido anos depois do fim de guerra. Os “inimigos da Pátria” passavam a ser os comunistas que pretendiam subordiná-la, a “Pátria

<sup>248</sup> Cf. SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p. 156.

Brasileira”, a uma potência estrangeira. A proposta de “defesa nacional” explicava, para o integralista, as perseguições e os atentados cometidos pelos “criptocomunistas”.

Ainda na décima edição da revista *Seiva*, Arruda Câmara, utilizando um novo pseudônimo, dessa vez Augusto de Gusmão Pereira escreveu o artigo “Questões de política internacional”, apresentando um quadro interessante do período de guerra, com ênfase nos aspectos econômicos que o recobre. Os tópicos “As grandes sociedades anônimas e o estado corporativo italiano” e “A psicologia e as finanças dos chefes nazistas” revelavam os privilégios financeiros dos líderes nazifascistas, em nome, no caso particular da Itália, do “estado corporativo”, da distribuição de riquezas.<sup>250</sup>

Houve espaço, nessa mesma edição, para reflexões acerca da questão do povo judeu, no contexto das perseguições estimuladas pelo terror nazista. Em “Observações sobre o problema judaico”, Luiz Bastos, pseudônimo de Leôncio Basbaum (1907-1969), partiu em defesa desse povo, investindo em uma análise psicológica de sua trajetória pelo mundo. A unidade espiritual dos judeus, a visão de futuro, a vocação, característica importante de sua alma, despertaram o ódio, base dos estigmas de “usurários”, “cabeças do bolchevismo e das subversões” a eles associados.

O ponto alto da décima edição, porém, foi atingido com a nota de redação “A Conferência de Moscou”, na qual se propôs o golpe final ao nazifascismo, o seu aniquilamento. A Conferência representaria a união entre as “três democracias” contra o inimigo que deveria ser esmagado. Essa nota demonstra a pressão das forças democráticas na conjuntura de início dos anos de 1940 e, em nível nacional, a oportunidade de organizar uma ofensiva em longo prazo, assegurada pelas almejadas ações, pró-aliados e contra a “quintacoluna”, do governo Vargas.

A forma definida do plano de ofensiva contra o Eixo, em âmbito internacional, e contra a “quintacoluna” nacional veio à tona em agosto de 1942, dias antes de o Brasil declarar guerra às forças fascistas, com a décima terceira edição da *Seiva*.<sup>251</sup> Em nome da liberdade dos povos e da implementação de uma “nova ordem”, o periódico defendeu a declaração de guerra, a formação de uma Segunda Frente de combate e a luta interna contra o integralismo, considerado pelo Partido Comunista como a maior expressão do nazifascismo no Brasil. Antes, porém, conviveu com o desejo de fim da guerra, por via do enfrentamento, o apelo à

---

<sup>250</sup> SEIVA, nº 10, Ano III, outubro de 1941, p. 8-11.

<sup>251</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942.

“União Nacional” em defesa da pátria, dirigido à sociedade civil já em dezembro de 1941 e em junho de 1942, com as revistas de número onze e doze.<sup>252</sup>

A proposta central da décima primeira edição foi de desarticulação da “quintacoluna”, por meio da vigilância interna e externa. A proposta de “União Nacional”, ao lado dos povos da América, aparece como fator imprescindível para a vitória. Aqui, a ideia de “quintacoluna” não se restringe à ação dos integralistas, mas abrange o movimento nazista como um todo, sobretudo, nos lugares onde predominaram descendentes alemães, japoneses e italianos. Nesse aspecto, a nota do mês “Dos pampas ecoa um brado de alerta” é explicativa, ao referir-se às maquinações de alemães concentrados no sul, e espalhados pelo resto do país, na tentativa de organizar a “Juventude Hitlerista” no Brasil. A revista nada esclarece sobre o possível vínculo do integralismo com esses grupos, apesar de empregar o termo “quintacoluna” de forma abrangente.

O risco maior parecia ser o de infiltração nazista. O Brasil surgia nessas páginas como o celeiro da América, que Hitler pretendia alcançar. E dominando a América Latina, auxiliado pela ação da “quintacoluna”, teria acesso a uma rica fonte de matérias-primas, controlaria novos mercados e contaria com a possibilidade de destruir o seu grande opositor, o movimento intercontinental antifascista. Completando, João Maia, pseudônimo de João Falcão, no artigo “Questões de política internacional”, em um breve histórico da Segunda Guerra e do poderio da Alemanha nazista, ressaltava que, “ao lado dessas atividades de ‘quintacoluna’ ajudam a vitória do nazifascismo os governos que cerceiam as liberdades populares e os que, a título de um combate ao nazismo, sufocam o movimento democrático, única força capaz de esmagá-lo.”<sup>253</sup>

Os comunistas lançaram mão, especialmente nessa edição, o que seria reforçado nas seguintes, de modelos de países combativos, onde as experiências de luta deram certo, com o intuito de estimular a retaguarda e incentivar a reação dos povos americanos ameaçados pelas forças inimigas. Nesse sentido, a União Soviética e a China serviram como exemplos para os que lutavam pela vitória da democracia e das liberdades. Na nota de redação “Atrocidades que explicam a derrota japonesa na China”, sobrepôs-se à denúncia das perversidades cometidas pelos japoneses durante a invasão, o reconhecimento da força de resistência dos chineses.

---

<sup>252</sup> SEIVA, nº 11, Ano III, dezembro de 1941.; SEIVA, nº 12, Ano III, junho de 1942. Ver FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 210-213.

<sup>253</sup> SEIVA, nº 11, Ano III, dezembro de 1941, p.

As remissões à China e à Rússia reapareceram no número seguinte, de junho de 1942, no qual o povo chinês foi referência importante por ter experimentado os sucessos de uma verdadeira “União Nacional”. Referindo-se a modelos, o PCB justificava, através de experiências bem sucedidas, como o foram os casos da China e da Rússia, a centralização dessa décima segunda edição em torno da proposta de defesa dos países americanos, principalmente do Brasil. A nota do mês, intitulada “União Nacional para a defesa da Pátria” era uma antecipação do alvo que a redação da *Seiva* pretendia atingir, e já apontado desde os seus primeiros números, os “povos americanos”.

As possíveis razões para essa arrancada foram o ataque à base americana de Pearl Harbour, em dezembro de 1941 e o afundamento dos navios na costa brasileira, demonstrativo do avanço nazifascista sobre a América. A resposta mais expressiva surgiu, como os editoriais da revista apontam, com a realização da “Conferência do Rio”, da qual participaram os países envolvidos na luta pela democracia e pela liberdade.<sup>254</sup>

Observou-se nesse número uma dupla pressão exercida sobre o povo e sobre o governo, uma vez que, ao segundo a produção da revista cobrou posicionamento contra o Eixo e, portanto, contra o nipo-nazifascismo, e, ao patriotismo do primeiro recorreu buscando apoio para a política externa do governo Vargas. Povo e governo deveriam estar unidos para defender a pátria e combater a “quintacoluna”, como evidenciado no seguinte trecho:

Se o inimigo nos obriga a lutar, é preciso que entremos na luta a fundo. Se nos impõe a guerra, façamos uma guerra total. Nada de meias medidas, de vacilações e retardamentos. Com os recursos de que dispomos, com o povo aguerrido e patriota, liquidemos logo o inimigo mais próximo e mais traiçoeiro, a quintacoluna. Tomemos as medidas imediatas para a defesa dos pontos mais vulneráveis. Mobilizemos a maior quantidade possível de homens, formando um grande exército. Organizemos prontamente a defesa civil, preparando todos os setores da população. Ajustemos toda a nossa produção à indústria de guerra e aceleremos o aproveitamento de nossas riquezas. E isto tudo não é tarefa exclusiva para o governo. É tarefa para todo o povo.<sup>255</sup>

A ideia de “povo” dos comunistas foi alargada ao longo das publicações, de maneira que em relação à categoria “povo” utilizada pelo governo nesse mesmo período havia uma diferença fundamental. Independentemente de nacionalidade, classe social, etnia, gênero, profissão ou religião, o PCB entendia como “povo” todos os homens e mulheres, jovens ou adultos, estudantes ou trabalhadores, católicos ou não, interessados em combater as forças opressoras. E dentro da proposta de “unidade nacional” essa composição heterogênea

<sup>254</sup> Ver FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p.195-210.

<sup>255</sup> SEIVA, nº 12, Ano III, junho de 1942, p.3.

acentuava-se bastante. No interior do projeto político do governo Vargas, contudo, o “povo” era tomado como base e parte do Estado responsável pelo equilíbrio social, desde que estivesse hierarquizado pelo trabalho.<sup>256</sup>

Os comunistas anunciavam também, em tom profético, a chegada de uma “nova ordem”, que prometia arrasar o imperialismo alemão. “O vulcão ‘nova ordem’” é o título de um artigo que trata, mais uma vez, da importância da resistência europeia e americana, frente à tentativa da Alemanha de dominar o mundo, seja buscando aliados, seja espalhando o terror, até o momento em que o vulcão entrasse em erupção.

O PCB, nessa fase, definiu sua linha política, ao propor uma frente única organizada, superação de divergências políticas e religiosas, elaborada, segundo João Falcão, em Buenos Aires pelos comunistas exilados. Entre as diretrizes do PCB, expressas pela revista *Seiva* de número doze, estavam o apoio ao governo e à sua política externa e interna de combate à “quintacoluna”, a fundação de ajuda à “Defesa Nacional” e aos aliados, a campanha de alistamento dos jovens, o incentivo à participação das mulheres jovens na defesa nacional e a necessidade de instigar o sentimento patriótico no povo.<sup>257</sup>

Essas foram as orientações lançadas, sobretudo à juventude, de defesa da pátria contra o inimigo onipresente, o nazifascismo, através do texto de João Falcão “Como a juventude deve lutar pela defesa da pátria”. O autor conclamava a juventude para combater a opressão e a barbárie provocadas pelo fascismo internacional e nacional. No texto, os jovens eram reconhecidos pela “força moral e física” indispensáveis ao fracasso da quintacoluna, “desagregadora, divisionista e traidora”. A defesa da costa e do interior do Brasil dependia da organização e da ação da juventude, e cada vez mais o perigo interno era associado ao movimento integralista. “Quintacoluna” passava a ser sinônimo de integralismo.

Por entre as discussões de “espionagem”, “intelectuais”, “União Nacional”, o tema do integralismo começava a predominar sobre os demais. Entretanto, como prolongamento do inimigo internacional, o integralismo, “filofascista”, não possuía vida independente nas páginas da *Seiva*, tinha origem estrangeira. E na décima terceira edição, de agosto de 1942, foi apresentado como o partido de Hitler no Brasil:

Os aventureiros, prontos a entregar o país ao primeiro chamado do inimigo, à custa de uma alta patente no poder, estão disseminados, “camuflados”, inclusive entre correntes democráticas, ameaçando iludir brasileiros honestos e patriotas, mas

<sup>256</sup> Cf. GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

<sup>257</sup> SEIVA, nº 12, Ano III, junho de 1942, p. 7-19. FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 175-178.

inexperientes, como aconteceu com o partido de Hitler no Brasil, com o integralismo.<sup>258</sup>

Servindo ao nazismo, os integralistas atraíram os incautos para sua horda e, ao mesmo tempo, penetraram em setores do governo, conforme o editorial “Unidade Nacional, Unidade Nacional”.

O periódico fez, então, um alerta acerca da presença dos “inimigos da nação”, enquistados na administração pública, ao lado de alguns democráticos que também resistiam à política de “União Nacional”, como é possível perceber com o seguinte trecho:

Somente a série de notícias que a imprensa diária nos fornece da ação de elementos nacionais estrangeiros contra o país, fará compreender a qualquer pessoa que tenha vontade de ver as coisas, que está bastante enraizado o trabalho dos agentes nazifascistas em nosso país, infiltrados inclusive na administração pública e em correntes democráticas do país.<sup>259</sup>

Agindo em auxílio às forças concentradas no Eixo, bem como reagindo às medidas democráticas de Vargas, o integralismo àquela altura passava a assumir posição oposta em relação ao governo, que no momento aderira ao bloco das Nações Unidas, em 1942.

A nota do mês afirmava que, ao tentar dividir as forças democráticas e isolá-las de Vargas, o integralismo promovia a desunião e lançava suspeita sobre os que buscavam a unidade e a liberdade da pátria. O PCB refutava a acusação de “manobra partidária” que caracterizaria as posições assumidas perante o governo, buscando na causa democrática a justificativa para o que se entenderia como estratégia política.

O texto de abertura refletia o perfil anti-integralista assumido pelo número treze, já indicado com a capa, onde aparece uma multidão fixando cartazes com dísticos do tipo “O integralismo é filho da Gestapo”. Outras questões, ligadas a esse tema, porém, atravessaram a produção da revista, como a possibilidade de abertura de uma Segunda Frente de guerra, o esforço da América Latina no combate às forças nazistas, o lugar da ciência nos regimes fascistas, a anistia para a paz, sinônimo de “fraternidade nacional”, entre outras. Observou-se, a partir dos textos “‘Segunda Frente’, pedem os povos”, “Voluntários da Liberdade: uma Força Expedicionária Latino-Americana”, “‘Um Exército de voluntários americanos para limpar a retaguarda dos espiões e sabotadores’, pedem os oficiais da reserva”, o desdobramento do desejo de fim de guerra, resultante da intervenção direta e não-neutra na Europa.

<sup>258</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942, p. 4.

<sup>259</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942, p. 3.

Militarmente, a Segunda Frente enfraqueceria as forças da Alemanha, dividindo as energias entre frentes diferentes. O ataque pela França, nesse sentido, diminuiria a pressão na frente oriental. Moralmente, representaria a reação de todos os “povos subjugados”, ensejando a explosão da “nova ordem”.<sup>260</sup> Afrânio Coutinho, com o texto “A Segunda Frente”, também refletiu sobre o papel decisivo que teria um avanço sobre a Europa, a partir da combinação entre diferentes campos de luta.

A ofensiva proposta pelos comunistas, entretanto, não se limitava ao plano da luta física, atingia o plano ideológico, sendo o combate à ação integralista no Brasil a maneira mais adequada de eliminar o inimigo, por um lado, e alimentar o imaginário antifascista, por outro lado. “Cuidado com a quintacoluna” foi um alerta ao perigo representado pelos “nazi-integralistas”. Como aponta a nota, somente com muita vigilância, união e preparo político seria possível libertar-se desses “traidores da pátria”.<sup>261</sup>

A justificativa para essa estratégia era a linha de defesa nacional contra o fascismo, como demonstra o editorial “Toma grande impulso o Movimento pela Defesa Nacional e contra o Fascismo”, subdividido nos seguintes tópicos: “No dia 2 de julho foi instalada em grande comício a ‘União da Bahia pela Defesa Nacional’”, “Finalidades” e “Manifesto”. Nos dois primeiros tópicos, discutiu-se a importância das manifestações populares para a defesa da pátria e a unidade nacional. Nesse sentido, a fundação da “União da Bahia pela Defesa Nacional”, instalada com o comício de 2 de julho, representaria uma iniciativa de organização do povo. Doze orientações foram lançadas, entre elas, o interesse em apoiar o governo na luta contra a quintacoluna, o incentivo às propagandas de Defesa Nacional na capital e no interior e o dever de vigiar os traidores a fim de evitar as dissensões internas por eles causadas.

Em “Manifesto”, foi assegurada a inevitabilidade da união para libertação da pátria. A aliança, com a mobilização de todos contra as forças nazifascistas, aparecia como fator decisivo para o sucesso na guerra. Com efeito, a “União Nacional” baseada no apoio patriótico às iniciativas do governo tornava-se, mais uma vez, fundamental. Recorrendo-se à soma dos esforços dos intelectuais, da juventude, dos operários, das classes conservadoras e dos católicos, diferentes setores da vida civil seriam alcançados. Aos católicos apelavam por participação ativa contra a “quintacoluna” e advertiam sobre os riscos da infiltração de integralistas, certificando, “o integralismo, profanando o nome de Deus, invadiu as

---

<sup>260</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942, p. 5.

<sup>261</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942, p. 19.

organizações católicas, sabotando sua atuação, como força popular, na luta pela defesa do Brasil.”<sup>262</sup>

Dessa forma, a redação da *Seiva* fundamentava seu julgamento sobre o integralismo. Conforme suas formulações, o lema “Deus, Pátria e Família” encobria o sentido antipatriótico do movimento, atraindo significativo número de aderentes e reunindo recursos enviados pelo Eixo. Entretanto, os acontecimentos que sucederam ao fechamento da AIB, em 1938, o “*putsch*” e a documentação comprobatória do vínculo com o partido nazista, determinaram, como indicavam os comunistas, o declínio do movimento, afastando os adeptos que, por boa fé, nele militaram. E aos que realmente pretendiam defender a pátria, *Seiva* também convidava a participar da “União Nacional”.<sup>263</sup>

Passados os anos, o chefe do integralismo explicaria, de forma categórica, os acontecimentos de 1938, “o ataque ao Palácio Guanabara e ao Ministério da Marinha não foi uma revolução integralista”.<sup>264</sup> Ainda pelo que foi possível inferir das explicações de Plínio Salgado, todas as provas haviam se perdido. Com esse depoimento *a posteriori*, e as correções permitidas pela memória, o chefe nacional pretendia livrar a sua culpa e a do seu movimento.

Na décima quarta edição da *Seiva*, de outubro de 1942, as referências ao integralismo multiplicaram-se. Foi o primeiro número lançado após a declaração de guerra do Brasil ao Eixo. As análises da atitude favorável do governo, que viabilizou o processo de formação de um bloco para o enfrentamento do inimigo, concentraram-se em torno de dois elementos essenciais, a “União Nacional e a mobilização de recursos militares, econômicos e humanos.”<sup>265</sup> Ou seja, o apoio de Vargas, aliado ao trabalho do povo e agravado pelo avanço do inimigo foram fundamentais para a mobilização do país em torno da guerra. Eis, conforme a nota “Vencer a guerra contra Hitler”, o maior problema da nacionalidade naquele momento, o nazifascismo.

O esforço envidado pelos comunistas continuou expresso nesse número. A redação do periódico lançou mão de expressões caras ao integralismo, o apelo espiritual, ideológico e familiar, com um nítido aliciamento da juventude. A respeito do papel da “União Nacional”, por exemplo, explicava: “A *União Nacional* é a frente espiritual e ideológica em torno de um

<sup>262</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942, p. 34.

<sup>263</sup> SEIVA, nº 13, Ano III, agosto de 1942, p. 35.

<sup>264</sup> SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956, p. 106.

<sup>265</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 3.

objetivo comum, – a defesa da liberdade e independência da pátria – que recrutará todos os patriotas para darem cem por cento de sua combatividade, patriotismo e heroísmo pela causa do Brasil.”<sup>266</sup>

Em outra oportunidade, referindo-se ao apoio que deveria ser destinado ao governo Vargas e à política de guerra, observou ser esse apenas um lado do “problema da pacificação e unificação da *família brasileira*.” Nessa nota foi enfatizada, mais adiante, a importância da ação do povo brasileiro, entendendo-se povo de forma ampla: “[...] a participação ampla de todo o povo nas tarefas e campanhas de ajuda à defesa nacional e na *preparação espiritual e ideológica das populações* deve ser amparada e estimulada.”<sup>267</sup>

A ideia de preparação ideológica ecoava através dos sucessivos textos. “O Brasil e as Nações Unidas” abordou também a questão, ao enxergar na educação do povo e na ação contra o “quintacolonismo”, “reacionarismo” e “filofascismo”, a garantia do sucesso na guerra entre “democracia” e “escravidão”. A radicalização do discurso do Partido Comunista foi atingida quando, na nota “O povo contra a 5ª coluna”, se propôs, além da vigilância e da prisão dos traidores, o seu encurralamento nos campos de concentração.<sup>268</sup> Sendo a “ponta de lança” do nazismo no Brasil, a “quintacoluna” nacional, juntamente com a internacional, os alemães, italianos, japoneses e espanhóis falangistas, deveria ser vigiada e entregue à justiça.

“Fala-nos uma voz conhecida” foi uma entrevista feita com J. J. Seabra, em que o antigo líder político ressaltava o valor da propaganda democrática, para a qual, segundo o autor, a produção da revista contribuía bastante. O entrevistado partilhava com a *Seiva* do repúdio ao integralismo. Não mais, entretanto, que o general Manoel Rabelo, como evidenciado na reportagem “General Manoel Rabelo – lídima voz da democracia e do povo”, na qual enfatizou a necessidade de se combater o nazifascismo “por dentro”, desarticulando completamente a quintacoluna, em auxílio às forças democráticas.<sup>269</sup>

Igualmente significativa foi a “Carta a um ex-integralista”, de Nelson de Souza Sampaio, cujo conteúdo sugeria a reconciliação com um amigo que, depois de reconhecer os erros cometidos, pregando um “evangelho de violência e servilismo”, no “exército de autômatos, uniformizados física e mentalmente”, retornava ao meio dos “homens livres”.<sup>270</sup> A carta era uma oportunidade para Nelson Sampaio denunciar os fundamentos da doutrina

<sup>266</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 3. (Grifos nossos)

<sup>267</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 4. (Grifos nossos)

<sup>268</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 18.

<sup>269</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 10-12.

<sup>270</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 15.

integralista. Afinal, havia sido a “integral obediência” ao chefe, acompanhada da subserviência a uma doutrina “opressora” e “hierárquica”, decisiva para o rompimento do professor de direito com o enigmático amigo.

Nesse texto, o integralismo foi também reconhecido como cria dos fascismos europeus, de Roma e Berlim. A respeito dos dogmas que embasavam essa doutrina, afirmou o autor:

Era forçoso que se copiassem, sem o menor escrúpulo de independência, esses padrões do *fascismo*: a sua organização partidária, com uma hierarquia militar, uniforme, emblema, saudação, como ritos de uma idêntica filosofia (cometendo uma inominável injúria ao sentimento desta palavra) que substituíra a razão e a dignidade individual pela *mística do chefe*, o princípio da infabilidade do partido, a onipotência do Estado, a obediência passiva, e o emprego da *técnica da violência e do terror*.<sup>271</sup>

Ao longo da edição era reiterada a ideia segundo a qual a “quintacoluna” desagregava e promovia lutas internas, desfavorecendo a união do povo em torno da causa comum de liberdade. Na nota “Os estudantes ao povo”, por exemplo, transcreveu-se o manifesto encaminhado pela Comissão Central Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados aos brasileiros, reivindicando por ação popular contra os nazistas, que seria resultado direto da disciplina, da mobilização e do preparo do povo.<sup>272</sup>

A proposta de “União Nacional” desdobrou-se na nota “O povo baiano na luta pela defesa da Pátria”, na qual as manifestações patrióticas de organizações do tipo das “Uniões”, nos municípios do interior do Estado, das “Comissões” dos estudantes, dos acadêmicos, dos comerciários e dos médicos, foram referendadas. Ganhou destaque a incisiva acusação de fascista imputada pelos estudantes dos Ginásios e das Escolas da Bahia ao professor Herbert Parentes Fortes, no lembrado 9 de maio.<sup>273</sup>

Ainda nessa edição, a proposta de “União Nacional” passou a ser considerada condição para a vitória contra o nazifascismo, perspectiva que seria explorada nos números seguintes.<sup>274</sup> A partir da décima quinta edição os termos da “União Nacional” começaram a ser discutidos. As notas cobravam do povo, com mais frequência, apoio ao governo Vargas, em plano nacional, e, a nível estadual, saudavam a interventoria do Coronel Renato Onofre Pinto Aleixo. Com a nota “Um programa de governo”, a redação certificava que apoiaria qualquer administração favorável à “defesa nacional” e à luta contra o nazifascismo e a

<sup>271</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p. 13. (Grifos no original)

<sup>272</sup> SEIVA, nº 14, Ano III, outubro de 1942, p.22-23.

<sup>273</sup> SEIVA, n. 14, Ano III, outubro de 1942, p. 27. João Falcão recorda esse fato. Cf. FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 198.

<sup>274</sup> SEIVA, n. 14, Ano III, outubro de 1942, p. 47.

“quintacoluna”. O interventor simbolizava a “integração definitiva” da Bahia à proposta de “União Nacional” em torno do presidente.<sup>275</sup>

Dezembro de 1942 foi o mês de comemoração do quarto aniversário da revista. A nota aproveitava para expor as funções da imprensa naquele contexto de participação do Brasil na guerra:

Lutar pela União Nacional; preparar espiritual e ideologicamente nosso povo para a luta contra o nazifascismo; colaborar, por todos os meios possíveis, com o governo nas suas grandes tarefas de mobilização militar e econômica do país; ligar a luta pela independência do Brasil, à luta das demais nações, mostrando ao povo que esta guerra é *una e indivisível*, e que as batalhas que se travam na Europa e na África são batalhas pela nossa própria defesa; ser uma sentinela avançada de nosso povo, denunciando todos os seus inimigos (quintacoluna, desagregadores e aproveitadores da guerra em prejuízo da economia popular).<sup>276</sup>

Como se depreende, a guerra contra o nazifascismo tornou-se sinônimo da luta pela “defesa” e “independência” do Brasil, processo em que a política de “União Nacional” cumpriria papel indispensável para alcançar a vitória. Um dos desdobramentos dessa ideia foi a cobrança por uma posição militar ofensiva do Brasil, de participação efetiva nos campos de batalha.<sup>277</sup> Esse era o início da pressão sobre o governo, em favor da participação dos brasileiros na “Segunda Frente” de combate ao nazifascismo. A sociedade civil era peça-chave nos planos de mobilização para o esforço de guerra do Brasil. Os estudantes, as mulheres, os profissionais liberais e até os sertanejos estavam convocados a se prepararem para a “defesa nacional”.<sup>278</sup>

Até então o Brasil poderia contribuir com a Segunda Frente esmagando a “quintacoluna” no país, preparando-se militar e economicamente, consolidando a “União Nacional” e participando do movimento de apoio aos países empenhados na luta contra Hitler. Com o passar dos meses, a partir de janeiro de 1943, os temas da “União Nacional” e da participação efetiva do Brasil na guerra tornaram-se centrais na *Seiva*.

Quanto ao primeiro destacam-se os textos “Resistir à unidade nacional, eis um crime contra a pátria” e “Uma explicação”, ambos de Jorge Amado, nos quais o escritor explicou a importância do retorno ao Brasil dos exilados para apoiar o governo e lutar pela “independência da Pátria”. O romancista fez uma enfática defesa da política de “União Nacional” com Vargas para a luta contra o “nipo-nazifascio-integralismo”. Manifestou

<sup>275</sup> SEIVA, n. 15, Ano IV, dezembro de 1942, p. 7-8.

<sup>276</sup> SEIVA, n. 15, Ano IV, dezembro de 1942, p. 4. (Grifos no original)

<sup>277</sup> SEIVA, n. 15, Ano IV, dezembro de 1942, p. 4.

<sup>278</sup> SEIVA, n. 15, Ano IV, dezembro de 1942, p. 28-29.

também apoio à interventoria de Renato Onofre Pinto Aleixo, que, como destacou, estava no mesmo compasso do governo nacional, por ter convidado os baianos à “unidade”, em seu discurso de posse.<sup>279</sup>

O ano de 1943 era referido pela redação da revista como o ano da “vitória” e de “decisões históricas”. No Brasil, isso significava avanço em termos de “unidade” e de conquista da “maioridade nacional”. De acordo com a nota do mês de março de 1943, à medida que a consciência nacional acerca da guerra se definia, ganhava força o processo de unificação em torno de Vargas e demais patriotas, impulsionado pelo próprio presidente. A opção pela “União Nacional”, portanto, era vista como fator determinante para resultados positivos na guerra.<sup>280</sup>

Como sugeriu a matéria da *Seiva*, as atitudes de Vargas tidas como patrióticas, em relação à “Carta do Atlântico” e ao “Pacto das Nações Unidas”, por exemplo, além de terem favorecido a “União Nacional”, “desiludiram” os pró-facistas e reacionários. Alguns discursos do presidente, como o do 1º de maio de 1943 foram considerados representativos da sua “política nacionalista”. Segundo a nota “O presidente Vargas e a União Nacional”, Getúlio mostrou os caminhos da “união”, ao convidar os brasileiros a participarem da luta contra o nazifascismo e o integralismo. Relembrou também as “ações traidoras” dos integralistas, inclusive, o atentado de 11 de maio de 1938, apelando para o patriotismo e a vigilância de todos.<sup>281</sup>

Nessa fase em que se prenunciava a vitória das Nações Unidas e Getúlio Vargas definia a posição do Brasil na guerra, o integralismo era constantemente atacado e identificado como ameaça ao esforço de guerra dos brasileiros. Em sucessivos artigos de janeiro, março e julho de 1943, o tema da participação efetiva dos brasileiros na segunda frente de batalha e de defesa nacional contra as intenções dos integralistas foi tratado de forma recorrente. O integralismo era acusado de tentar sabotar a “preparação bélica” do país e de provocar intrigas e dúvidas em torno dos propósitos das nações aliadas.

A longa matéria intitulada “O tipo de guerra que convém à Independência da pátria”, de Otávio Malta, por exemplo, denunciava a “concepção isolacionista de defesa nacional”, alimentada pela quintacoluna no Brasil. Para o autor, o momento era de luta e soluções coletivas e não de neutralidade e indiferença à causa mundial. Ao contrário, a quintacoluna

<sup>279</sup> SEIVA, n. 16, Ano V, janeiro de 1943, p. 7-9.; SEIVA, n. 17, Ano V, março de 1943, p. 13.

<sup>280</sup> SEIVA, n. 17, Ano V, março de 1943, p. 3-4.; SEIVA, n. 17, Ano V, março de 1943, p. 14-16.

<sup>281</sup> SEIVA, n. 18, Ano V, julho de 1943, p. 18.

desenvolvia a ideia de “guerra simbólica”, segundo a qual o Brasil deveria se manter neutro, mesmo depois de ter declarado guerra ao eixo. Essa estratégia dos integralistas indicava, conforme o texto, uma nova forma silenciosa de ação contra os brasileiros.

Como sugeria a matéria, a guerra que convinha à defesa nacional era a que conjugaria os exércitos dos aliados para derrotar Hitler em território próprio, reduzindo o tempo de guerra. Em plano nacional, o combate aos integralistas não seria somente da responsabilidade do “aparelho policial”, mas de todos que, por patriotismo, deveriam cooperar com as “autoridades civis e militares na investigação, localização e repressão dos agentes nazi-integralistas”.<sup>282</sup>

A participação do Brasil na guerra e o combate ao integralismo, portanto, faziam parte do mesmo plano de defesa nacional. Visando “resguardar” o Brasil, defendia-se a mobilização dos brasileiros na luta que também era deles, conforme o artigo “A guerra do Brasil deve ser vencida pelos brasileiros”, de Luís Rogério. Por essa lógica, estando o integralismo a serviço do eixo, deveria ser destruído:

[...] quando condenamos o integralismo, quando acusamos de suspeição os integralistas, não somos levados por um espírito de intolerância, não é porque odiemos brasileiros que pensam de uma maneira diferente da nossa, mas exclusivamente, porque vemos – e muito justificadamente – nos integralistas e no integralismo, indivíduos que por má-fé, por ambição, por interesse, por ignorância, por ingenuidade, se fizeram o instrumento consciente ou inconsciente da agressão germano-fascista contra a integridade e a soberania da nossa Pátria.<sup>283</sup>

Os integralistas foram acusados, ainda, de tentar enfraquecer a “frente mundial” contra o nazifascismo e anular o “caráter progressista” da guerra, lançando suspeitas sobre o imperialismo anglo-americano. Para a redação da *Seiva*, tratava-se de uma “manobra divisionista” da quintacoluna, trabalhando para o imperialismo germanofascista.<sup>284</sup>

Esse foi o tom que marcou os textos publicados na revista durante seus últimos meses de circulação, no ano de 1943. À medida que o tempo passava, cobrava-se energia e participação do povo, ao lado de Vargas. O destino do país ligava-se para os redatores, como para o corpo de colaboradores, à sua “política de guerra ativa e popular”. Dessa forma, a “paz de liberdade e progresso” seria conquistada com a luta dos próprios brasileiros.<sup>285</sup> Nas últimas edições, especialmente a de julho de 1943, a partir da qual a censura proibiu a circulação do

<sup>282</sup> SEIVA, n. 16, Ano V, janeiro de 1943, p. 15.

<sup>283</sup> SEIVA, n. 16, Ano V, janeiro de 1943, p. 34.

<sup>284</sup> SEIVA, n. 17, Ano V, março de 1943, p. 5-6.

<sup>285</sup> SEIVA, n. 18, Ano V, julho de 1943, p. 4.

periódico, a pressão sobre o governo foi reforçada, com a exigência de medidas decisivas, como a do envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao campo de batalha.

Marcada por muitas denúncias e cobranças, especialmente na entrevista feita por Jacob Gorender ao general Manuel Rabelo, a décima oitava edição da *Seiva* teve repercussão nacional e foi censurada pelo governo. Além da proibição da revista, a sua direção foi atingida, com a prisão de Jacob Gorender, Wilson Falcão e João Falcão, situação que seria revertida com a libertação dos três, em 25 de julho do mesmo ano.<sup>286</sup>

O repertório acumulado pela redação da revista *Seiva*, ao longo dessas edições, recorrendo a termos como “União Nacional”, “defesa da pátria”, “luta pela democracia e pela liberdade”, “combate ao fascismo e a quintacoluna”, demonstrou, por um lado, os objetivos do Partido Comunista do Brasil em marcar seu lugar no contexto internacional de ascensão nazifascista e, por outro lado, a tentativa de resolver as questões políticas com o governo Vargas, o que garantiria a sobrevivência do partido. Talvez em função disso o integralismo tenha sido tratado de forma genérica em muitas notas. A necessidade de afirmar a linha política na luta pela democracia e pela liberdade e de alinhar-se, portanto, à política internacional e nacional determinou, em alguma medida, a fusão do nazifascismo e do integralismo em uma única problemática.

A *Seiva* pretendia congregiar os intelectuais em torno da causa antifascista e, em alguma medida, alcançou esse objetivo. A luta política dos intelectuais, no entanto, não se restringiu ao espaço da revista e serviu-se também de jornais para combater o integralismo. Foi o que se verificou com a participação do escritor Jorge Amado no jornal *O Imparcial*, através da coluna “Hora da Guerra”, ponto que será abordado na próxima subseção.

#### **4.2 ARMAS EM PUNHO: INTELECTUAIS EM AÇÃO NOS TEMPOS DE GUERRA**

As décadas de 1930 e 1940 produziram seus intelectuais engajados na luta política contra a ascensão do nazifascismo no mundo. Para o caso do Brasil, a combinação entre projeto literário e militância política apresentou resultados notáveis. Com esse propósito, o escritor Jorge Amado pôs sua pena à disposição dessa causa, figurando entre os intelectuais que se empenharam na luta contra o nipo-nazifascismo e o integralismo.

---

<sup>286</sup> FALCÃO, João da Costa. *A história da Revista Seiva* (Primeira Revista do Partido Comunista do Brasil – PCB). Salvador: Ponto & Vírgula publicações, 2008, p. 108-109.

Esse tema sobreviveu ao tempo sendo retomado pela memória de lideranças políticas dos anos de 1930 e de 1940 na Bahia, como se viu, e pelo próprio Jorge Amado através da literatura, décadas depois. O escritor no romance *Farda Fardão Camisola de Dormir* (1979) aborda o integralismo pela via do seu anticomunismo e do seu caráter fascista, reconstruindo o fato histórico com uma narrativa literária de conteúdo político e em função de sua experiência nesse campo.<sup>287</sup>

Jorge Amado levou a cabo a representação dos integralistas enquanto fascistas e traidores, alimentada no contexto do Estado Novo. O próprio regime ganhou visibilidade na crítica do autor, principalmente, quando ressaltou suas práticas antidemocráticas. Ao Partido Comunista também dirigiu observações irônicas, expressando a consciência de alguém que nele atuou e reconheceu seus impasses. No romance persistiu na desmoralização do integralismo, retomando, em alguma medida, a linha antifascista desenvolvida na década de 1940, na coluna “Hora da Guerra”, de *O Imparcial* (1942-1944).

A oportunidade de criação diária em um “cantinho de trincheira”, na “Hora da Guerra”, do jornal matutino *O Imparcial*, atendeu ao interesse de Jorge Amado de ocupar um lugar no campo de luta, em favor da causa democrática, conforme o próprio escritor explicou na matéria “Aniversário da ‘Hora da Guerra’”, de 23 de dezembro de 1943. O tom de denúncia percorre o conjunto das crônicas publicadas nesse espaço concedido pelo jornal e, anos depois, enfeixadas na obra *Hora da Guerra: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia*, sob a organização de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein.<sup>288</sup>

No início dos anos de 1940, *O Imparcial* tinha assumido uma linha democrática e antifascista, denunciando as tentativas de rearticulação dos integralistas na Bahia. Nessa fase veiculava uma campanha notadamente anti-integralista. Essa orientação política do jornal representou uma mudança em relação aos anos anteriores de acentuada propaganda do movimento.<sup>289</sup>

<sup>287</sup> AMADO, Jorge. *Farda Fardão Camisola de Dormir*. Rio de Janeiro, Record, 1979.

<sup>288</sup> AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia*. Crônicas (1942-1944). Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008. Segundo João Falcão, as crônicas publicadas no jornal *O Imparcial*, onde Jorge Amado fora trabalhar a convite de Wilson Lins, conquistaram “grande público”. A atividade literária na Bahia desenvolveu-se em torno do escritor e do seu “trabalho cultural” que se desenvolveu paralelamente ao movimento antifascista. FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 222-225.

<sup>289</sup> FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial”* (1933-1937). Salvador: EDUFBA, 2009, p. 15.

Em 1935, sob direção de Victor Hugo Aranha, *O Imparcial* era como “porta-voz” do integralismo na Bahia. Nessa fase, os regimes fascistas europeus e os teóricos que embasavam a doutrina da AIB alcançaram visibilidade nas páginas do jornal e, nesse último caso, através da “*Semana Universitária*”, página destinada aos temas integralistas.<sup>290</sup> A situação foi modificada após a tentativa golpista de integrantes do integralismo em maio de 1938 e a substituição, no mesmo ano, de Victor Aranha pelo proprietário Álvaro Catharino na direção do jornal. A “virada ideológica”, entretanto, definiu-se a partir da compra do periódico pelo coronel Franklin Lins Albuquerque. Nessa fase, o jornal inclinou-se para o lado das forças democráticas, servindo de meio de combate para os comunistas.

De 1942 a 1944, Jorge Amado aproveitou a oportunidade para produzir crônicas versando sobre o tema da Segunda Guerra Mundial, a ascensão do nazifascismo e da “quintacoluna” em diferentes países no mundo. Ao longo desses textos, o escritor ressaltou a importância do pensamento e da palavra como armas poderosas contra a opressão, em favor da liberdade e da democracia, ao alertar em “A poesia também é uma arma”: “Em nome do Brasil e em nome da cultura estamos nós, os escritores e artistas, em guerra contra o nipo-nazifascismo. Vamos provar que as nossas armas sabem também ferir e matar.”<sup>291</sup>

Aos crimes contra os povos, contra a democracia, a cultura, a arte e a inteligência, Jorge Amado respondia com sede de justiça e muita denúncia. “Ódio” é o título de um texto em que se dirigiu às mulheres por meio de uma análise psicológica dos reflexos da guerra, com o objetivo de despertar em seus “corações” esse sentimento pelo nazifascismo. Em nome de um ideal de justiça, Jorge Amado denunciava as atrocidades cometidas pelos nazistas, especialmente na Polônia, justificando o desejo de vingança até o fim total dos criminosos.<sup>292</sup>

Em textos subsequentes como nos casos de “A ciência mártir”, “Crime contra a cultura”, “Cultura e democracia” e “Lutamos pela cultura”, produzidos entre março de 1943 e fevereiro de 1944, o escritor direcionou as denúncias, como sugerem os próprios títulos, aos crimes contra a ciência e a cultura, cobrando justiça ao elencar nomes de “sábios”, que sofreram com os sacrifícios nazifascistas. Especialmente em “Crime contra cultura”, “Cultura

<sup>290</sup> FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 53.

<sup>291</sup> “A poesia também é uma arma”. 31 de dezembro de 1942. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 33.

<sup>292</sup> “Ódio”. 19 de janeiro de 1943. *Ibid.*, p. 40-42.

e democracia” e “Lutamos pela cultura”, referiu-se aos atentados contra a literatura moderna e seus expoentes, envolvidos na luta antifascista, em países como França, Argentina e Brasil.<sup>293</sup>

Conforme Jorge Amado, a literatura antifascista no Brasil, constituída por escritores como José Lins do Rego, Gilberto Freyre e ele próprio, sofreu com a campanha de censura da “quintacoluna”, também aqui representada pelo integralismo, em episódios de apreensão, proibição e queima de livros, a exemplo do romance “Fronteira Agreste”, de Ivan Pedro de Martins que, sob acusação de “pornográfico”, fora apreendido no Rio Grande do Sul, pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP).<sup>294</sup> Mas como afirmou por várias vezes o escritor, os ícones da literatura moderna não recuaram, tendo sido a Associação Brasileira de Escritores (ABE) a maior expressão do núcleo de intelectuais em torno do qual se articularam.

Na Argentina, os atentados contra a cultura manifestaram-se de maneira semelhante aos ocorridos no Brasil, mesmo depois do rompimento de relações com o Eixo. Referindo-se aos atos de proibição e queima de livros, de fechamento de editoras e de afastamento de professores dos cargos universitários, o escritor acusava de fascistas os responsáveis por esses crimes. E em “As fogueiras de livros”, comparava os acontecimentos de Buenos Aires aos provocados pelos integralistas em Salvador, durante a ocupação de “postos de mando” no Estado.<sup>295</sup>

Além de empenhar-se nessa batalha democrática por via das letras, mantendo-se em constante vigilância contra as investidas da “quintacoluna”, especialmente depois dos indícios de fim da guerra, o escritor baiano faz referência aos esforços da inteligência mundial, de romancistas, jornalistas e artistas, na mobilização contra o nazifascismo ou qualquer tipo de reação perpetrada pelos seus aliados. No Brasil, em torno desse campo de ação, desenvolveu-se a campanha nacional, da Legião Brasileira de Assistência, destinada a montar “bibliotecas ambulantes” para os soldados brasileiros. Como destaca em “Biblioteca do combate”, a arrecadação e distribuição de livros, obrigação de todos os escritores e jornalistas, educariam

---

<sup>293</sup> “Crime contra cultura”. 15 de outubro de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 122-123.; “Cultura e democracia”. 4 de fevereiro de 1944. *Ibid.*, p. 168.; “Lutamos pela cultura”. 15 de fevereiro de 1944. *Ibid.*, p. 175.

<sup>294</sup> “Em defesa da cultura”. 2 de março de 1944. *Ibid.*, p. 187-188.

<sup>295</sup> “As fogueiras de livros”. 4 de abril de 1944. *Ibid.*, p. 204-205

os soldados brasileiros, numa tentativa explícita de formar uma ativa “consciência antifascista”.<sup>296</sup>

Quanto aos intelectuais brasileiros envolvidos com as ideias socialistas, Plínio Salgado, que, segundo Gilberto Vasconcellos, retirava dos fatos sociais sua base histórica, apresentava o seguinte “quadro clínico”: “positivamente, os intelectuais que ainda são pela Rússia Soviética não podem ser homens normais. O seu erro pertence ao campo da psicopatologia e deve ser entregue a médicos especialistas.”<sup>297</sup> O Chefe Nacional e teórico da AIB esvazia o sentido de intelectual moderno, crítico e combativo, aqui representado por Jorge Amado.<sup>298</sup>

O tom de denúncia e de defesa da justiça que percorria os textos de Jorge Amado vinha acompanhado da exortação pela “unidade nacional” de cada país envolvido na guerra contra as forças opressoras do Eixo, condição necessária para a “unidade continental”. À força da “quintacoluna”, ameaça presente em todos os países americanos, seria contraposta a aliança pela “vitória democrática”, levada a efeito pela união de diferentes setores da vida nacional, como sugeriu o escritor:

[...] só a unidade nacional, a reunião de todas as nossas forças, a colaboração decidida com a política de guerra do governo, nos fará ganhar esta batalha contra a quintacoluna. Só assim amanhã, junto às forças dos países americanos em guerra, estarão os soldados brasileiros. Porque a unidade nacional é fator primordial para a unidade continental.<sup>299</sup>

Então, em cada alerta de tentativa de rearticulação do integralismo no Brasil, o escritor emitia uma resposta de “unidade nacional” dos brasileiros, traduzida em manifestações do povo como a do “Carnaval da Vitória”, realizado pela Liga da Defesa Nacional e a União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro.<sup>300</sup> A campanha de “União Nacional”, da qual Jorge Amado participara, como membro que fora do Partido Comunista do Brasil (PCB), passava em plano nacional pelo combate ao integralismo.

<sup>296</sup> “Biblioteca do combate”. 27 de outubro de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 126-127.; “Segundo aniversário”. 28 de janeiro de 1944. *Ibid.*, p. 165-166.

<sup>297</sup> SALGADO, Plínio. *Mensagem às pedras do deserto*, s/d, p. 24. apud VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 27.

<sup>298</sup> Jorge Amado pode ser comparado ao intelectual sartreano, que vive uma “perpétua inversão”, voltando-se para o mundo e tendo o mundo voltado para si. E, nesse sentido, o escritor, cujo engajamento visa “comunicar o incomunicável” é um intelectual “por essência” e não “por acidente”, uma vez que tem como tarefa expressar o “ser-no-mundo” através de escritos do tipo “universal singular”, quando a sua particularidade histórica se complementa a universalidade dos seus olhares. Cf. SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Editora Ática S. A., 1994.

<sup>299</sup> “Unidade Continental das Américas”. 23 de janeiro de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Op. Cit.*, p. 45.

<sup>300</sup> “África! África!”. 13 de março de 1943. *Op. Cit.*, p. 72-73.

Nos balanços do primeiro aniversário da declaração de guerra do Brasil ao Eixo e o segundo do rompimento das relações diplomáticas, o escritor destacou a importância dessa campanha contra a “máquina de espionagem” montada pela “quintacoluna” no Brasil, como forma de apoio às forças democráticas. O integralismo aparece no conjunto dos seus textos como aliado dos nazifascistas, cujas ações de traição, segundo o autor, o comprovam. Essa linha argumentativa reflete o seu entrosamento com a orientação política do PCB de luta contra o “nazi-integralismo” e pela consolidação da “unidade nacional”.

Interessante observar que o conjunto das crônicas analisadas exprime duas formas de abordagem do integralismo pelo escritor ao longo do ano de 1943. Em um momento inicial os episódios são teatralizados, sem indicações concretas das ações de integralistas. “Comédia das Traições” e “Último diálogo dos chefes integralistas” são dois exemplos dessa opção de escrita, em que os personagens centrais, Plínio Salgado e Gustavo Barroso, aparecem bastante ridicularizados.

A primeira crônica é uma peça, “em cinco atos rápidos, como compete a ligeiros esboços integralistas”, que associa em cenas diferentes o chefe da AIB aos loucos, aos assassinos, ladrões e traidores, com um desfecho desmoralizador, o desaparecimento de Plínio Salgado com a boca arrolhada por um tomate. Duas cenas, especialmente, resumem os objetivos do autor:

#### CENA SÉTIMA:

Plínio, na delegacia, depõe sobre a intentona de maio de 38.

PLÍNIO (*depondo*): – Senhor delegado, juro que não sabia! Tudo isso foi feito pelo Valverde contra minhas ordens. E quem recebeu o dinheiro do Banco Germânico foi Gustavinho Von Garapa... Eu juro que sou inocente...

#### CENA OITAVA

Plínio, de Portugal, escreve a seus patrícios.

PLÍNIO (*lendo a carta*): – Meus filhos, burros, cretinos, ladrões, assassinos, traíam a pátria, assassinem os brasileiros, desertem, façam intentonas, sejam fiéis a Adolf, que é nosso pai, e a Musso, que é nossa mãe...

Pára de ler, reflete:

– Falta alguma coisa... (*pensa*)

– Achei! Achei! (*escreve*) Digam que quem for pela guerra, pela unidade, pela pátria, é comunista. (*Assina a carta, tenta dar depois uma facada de oito segundos no português do elevador. Fracassa.*)<sup>301</sup>

<sup>301</sup> “Comédia das traições”. 14 de fevereiro de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 57.

Na segunda narração, do diálogo dos chefes integralistas, a cena acontece após o término do “carnaval integralista”, com Plínio Salgado e Gustavo Barroso pendurados em uma forca, sendo observados por vários ex-integralistas que afirmam ser democratas. O diálogo entre os chefes evidencia o que Jorge Amado considerava ser “as maiores obrigações de bons integralistas: trair e denunciar”. O autor tenta ainda demonstrar as traições com base nas quais a tradição da AIB teria sido fundada, sendo expressivo o diálogo a seguir:

P.: – Porém, Garapinha, assim também é demais. Eu ensinei que eles deviam trair os pais, as mães, as noivas, os amigos, que deviam trair a pátria. Mas trair o integralismo e a mim, não...

G.: – É o hábito, chefe. É a tradição do partido...

P. (*com voz de sabido*): – Tavinho, você era capaz?...

G.: – De quê, filho de Adolf?

P.: – De me trair?

G.: – É claro. Eu sou integralista é de verdade...<sup>302</sup>

A certa altura, a imagem do chefe traidor e mentiroso é reiterada em um discurso auto-afirmativo de Plínio Salgado,

G.: – Você ia perguntar se você também devia trair, não era?

P.: – Era, sim... (*alegre*). Já tenho traído tanto, sou o campeão absoluto. Traí os próprios integralistas em 38. Mas desta vez fiquei firme...<sup>303</sup>

À medida que o tempo transcorre, entretanto, o conteúdo das crônicas do escritor baiano altera-se, ao apontar dados concretos da mobilização dos integralistas pelo país. Elemento a que se refere a fim de manter o estado de alerta do povo e do governo é à tentativa e possibilidade de rearticulação dos integralistas. Afinal, paralelo ao julgamento de processos de “quintacolonistas” e a condenação de “traidores” a vinte anos de prisão, segundo o texto “África! África!”, conspirações como a de Cruz Alta eram descobertas, como afirmava o autor:

Vozes ilustres do Brasil – a do general Manoel Rabelo entre elas – avisaram ao povo de que os verdes integralistas, servos miserandos de Hitler, vendidos por migalhas da mesa nazi, tentavam se levantar contra o governo e o povo, tentavam lançar a confusão, a discórdia, a desmoralização, na nossa frente interna, sabotavam o esforço de guerra ativa, tentavam impedir a concretização da unidade nacional. As revelações das autoridades, em todo o país, provaram a verdade das palavras dos governantes e dos patriotas. A conspirata de Cruz Alta, com seu rosário de torpesas – ‘sabotagem, divisionismo, assassinato’, eis o seu lema – foi a mais clara e

<sup>302</sup> “Último diálogo dos chefes integralistas”. 9 de março de 1943. Ibid., p. 67.

<sup>303</sup> “Último diálogo dos chefes integralistas”. 9 de março de 1943. Ibid., p. 68.

completa prova da obra nefanda dos nazi-integralistas, os nascidos de Hitler e Plínio em sórdido conúbio.<sup>304</sup>

O texto “Maníacos do assassinato” é incisivo quanto à denúncia dos planos integralistas, entre os quais, a tentativa de provocar uma “guerra civil” no Brasil, facilitando a dominação de Hitler e comprometendo a “unidade pan-americana” e o esforço de guerra das Nações Unidas. Observe-se que de perigo nacional, o integralismo passava a ser um perigo continental e intercontinental.

A ênfase no risco de dominação nazista, por via integralista, era justificada pela série de sabotagens, ameaças e assassinatos atribuídos aos “verdes plinistas”, sob controle niponazifascista. O trecho seguinte reúne essas acusações:

Não há dúvida que, em todo país, os integralistas, cumprindo ordens dos seus amos nazifascistas, chegadas através [d]o Führer de opereta Plínio von Salgado, estão se movendo em conspiratas, sabotagens, boatos e divisionismos. Ainda repercutem nos ouvidos de todos os patriotas as palavras de clara advertência do general Manoel Rabelo e do coronel Alcides Etchegoyen, chefe de polícia do Distrito Federal. E, além destas palavras de homens da maior responsabilidade, estão aí os fatos, os de Cruz Alta, os do estado do Rio, os de Alagoas, numa cadeia em todo Brasil, provando, sobejamente, que a canalha verde se movimenta e se articula criminosamente contra a independência da pátria, tentando entregar o Brasil aos nossos inimigos.<sup>305</sup>

Ainda nesse mesmo texto, Jorge Amado arriscou uma avaliação psicologizante acerca dos fatos, ao associar o ingresso no “partido traidor” – a AIB –, à predisposição para o crime e o assassinato dos integralistas. Essa “vocaçãõ” foi comprovada pela efetivação do atentado ao Palácio Guanabara, em 1938, conforme explicou:

O levante de maio de 1938, antes de ser uma revolta ou uma revolução, foi um atentado terrorista à pessoa do presidente da República, foi uma tentativa de assassinato. De outra coisa não cogitavam os traidores do estado do Rio que, devorando livros de Gustavo Barroso, sonhavam o assassinato do presidente Getúlio Vargas e do chanceler Aranha. Achavam que esse era o meio mais prático de afastar o Brasil da senda dos países democráticos, era o meio mais fácil de entregá-lo à Alemanha nazista e à Itália fascista.<sup>306</sup>

Os integralistas foram acusados ainda de colaborarem com alemães e italianos nos torpedeamentos dos navios na costa brasileira. Outro demonstrativo, para Jorge Amado, da

<sup>304</sup> “África! África!”. 13 de março de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 72.

<sup>305</sup> “Maníacos do assassinato”. 26 de março de 1943. *Ibid.*, p. 86.

<sup>306</sup> “Maníacos do assassinato”. 26 de março de 1943. *Ibid.*, p. 87.

veia assassina dos traidores.<sup>307</sup> E por uma questão de desforra, o escritor justificava o crime cometido pelo padeiro nordestino José Evaristo contra um italiano, em nome de quem clamava por “Absolvição!”, lembrando que, enquanto as almas dos brasileiros aspiravam vingança, os fascistas enterravam seus mortos “à moda do *fascio*, jurando pelo Duce. Hoje, ainda seus criados verdes assim o fazem nos cemitérios de Alagoas. Inimigos e traidores aí estão! Italianos, alemães e integralistas!”<sup>308</sup>

Do final de 1943 até meados de 1944 foram constantes as remissões às estratégias de rearticulação do movimento integralista pelo país. Diferentes crônicas, como “As camisas enterradas”, “A quintacoluna”, “Novos métodos da quintacoluna”, “Fascistas em ação”, revelaram o clima de insegurança e o estado de alerta em torno dos “novos métodos” inaugurados pela quintacoluna. Métodos esses que representavam o ardil integralista fundado no discurso de arrependimento dos que passavam a se colocar como “democratas”.

Sob esse aspecto, o integralismo passava a ser associado ao “muniquismo”, definido pelo objetivo da “quintacoluna” internacional em firmar uma “paz de compromisso”, no momento em que os rumos da guerra apontavam para a vitória dos aliados. Isso significaria, para o autor, o interesse de persistir com os “germes fascistas” pelo mundo, mesmo depois da derrota de Hitler e Mussolini. O “muniquismo” correspondia, assim, a uma “nova fórmula” criada pela “quintacoluna” para sustentar, através de um discurso de paz, o “espírito do fascismo”. Além dos slogans como o do “perigo comunista”, os traidores inauguravam esse método de ação.<sup>309</sup>

Tratando especificamente do integralismo essa postura se confirmaria através dos diferentes meios utilizados pelos seus integrantes para se aproximar de uma “falsa concepção de democracia”.<sup>310</sup> A descoberta de camisas e insígnias integralistas enterradas no Ceará, por exemplo, apontava a estratégia, conforme especulação do autor, dos que aguardavam o momento oportuno para reaparecer.<sup>311</sup> Em Salvador, a situação não seria muito diferente e o autor emitia novo alerta:

<sup>307</sup> “Vingança contra os assassinos!”. 21 de março de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 78.

<sup>308</sup> “Absolvição!”. 23 de março de 1943. *Ibid.*, p. 81.

<sup>309</sup> “Novos métodos da quintacoluna”. 30 de março de 1944. *Ibid.*

<sup>310</sup> “Novos métodos da quintacoluna”. 30 de março de 1944. *Ibid.*, p. 137.

<sup>311</sup> “As camisas enterradas”. 28 de novembro de 1943. *Ibid.*, p. 136-137. Outro fato que reforçaria o reconhecimento de que o integralismo se encontrava em plena atividade, seria a denúncia de articulação entre “nazistas estrangeiros e comparsas integralistas” em um quartel-general de Petrópolis.

A quintacoluna está em ação. Não há muito, *O Imparcial* publicou a fotografia dos boletins datilografados que os integralistas pregaram nos postes da nossa cidade. Aqui e ali eles agem. A vigilância policial em torno dos espíões e traidores, sob todos os pontos louvável, deve se completar com o apoio do povo. Todos os patriotas devem estar de atalaia, atentos à ação dos estrangeiros suspeitos e dos nacionais integralistas. Esse é um dever de todos. Principalmente quando os nossos soldados se preparam para partir rumo aos campos de batalha. A quintacoluna está agindo. É necessário esmagar a quintacoluna! E a polícia não dorme.<sup>312</sup>

Jorge Amado acusava os integralistas de destruírem oito quadros dos que estavam expostos num evento de divulgação da pintura moderna pela prefeitura de Belo Horizonte, concluindo: “Os fascistas estão agindo. Hoje, contra a arte: amanhã, contra a segurança da pátria. Só a vigilância do povo, constante e ativa, pode sustar o perigo que continua a existir. A peste verde ainda não foi totalmente liquidada.”<sup>313</sup>

Todos esses atentados e crimes contra a inteligência faziam parte, do ponto de vista do romancista, de um plano maior da “quintacoluna” de espalhar as “sementes” do nazifascismo pelo mundo. Mais uma vez, como também pôde ser verificado na abordagem da revista *Seiva*, o integralismo aparecia como parte disso. A vitória dos aliados, em plano internacional, e o fim do integralismo em nível nacional estavam correlacionados ao longo desses textos, de maneira que somente através da vigilância e do combate ao integralismo, somado ao esforço dos países democráticos, seria possível alcançar a vitória.

O escritor apresentava uma leitura positiva do papel desempenhado pela União Soviética de Josef Stálin, enquanto “leal” negociadora dos conflitos internacionais.<sup>314</sup> O próprio Stálin não ficava de fora de um ideal de governante. Especialmente no texto “Aniversário de Stalingrado”, Jorge Amado construiu a imagem de um homem pueril, ao comparar o seu sorriso ao de uma “criança inocente na face serena de sábio e de condutor de homens.”<sup>315</sup> Àquela altura, o ideal de bom homem era corroborado pela certeza de vitória final das forças democráticas, demonstrada pelas vitórias soviéticas.

O contexto justificava as imagens criadas por Jorge Amado em torno de Stálin. Afinal, a União Soviética assumiu papel fundamental na derrota das forças concentradas no Eixo e os comunistas valorizaram, naquele momento, esse aspecto da história. Diz-se “naquele momento” porque, ao menos depois que os crimes do chefe russo foram denunciados, o

<sup>312</sup> “A quintacoluna”. 16 de dezembro de 1943. In: AMADO, Jorge (1912-2001). *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008, p. 149.

<sup>313</sup> “Fascistas em ação”. 18 de junho de 1944. *Ibid.*, p. 219.

<sup>314</sup> “A proposta russa”. 13 de janeiro de 1944. *Ibid.*

<sup>315</sup> “Aniversário de Stalingrado”. 5 de fevereiro de 1944. *Ibid.*, p. 170.

quadro se modificou. Na década de 1970, por exemplo, Jorge Amado voltou a escrever sobre o tema, como já foi dito, apresentando uma leitura crítica não só em relação ao integralismo, mas também em relação ao PCB e a Josef Stálin, como o fez no referido romance *Farda Fardão Camisola de Dormir*.<sup>316</sup>

O espaço de luta ocupado pelo romancista na primeira metade da década de 1940, em *O Imparcial* indicou a mudança de linha política do jornal, que migrava de uma fase de apoio ao movimento integralista para outra de combate ao nazifascismo e ao integralismo. Em 1945, passou a responsabilizar os integralistas pelo direcionamento político do país em relação ao fascismo. A campanha anti-integralista que veiculou não teve a mesma dimensão do combate feito pelo jornal *O Momento*, que será abordado a seguir.

#### **4.3 DENÚNCIA E “MISSÃO PATRIÓTICA”: A COBERTURA VIGILANTE DO JORNAL O MOMENTO**

Como pôde ser verificado anteriormente, o campo de combate envolvendo o integralismo, demarcado pelos comunistas na Bahia, foi amplo. Sob a bandeira do PCB lançaram-se em uma incansável luta contra o nazifascismo, associado ao integralismo. Entre os recursos por eles acumulados para atingir a sociedade civil e convencê-la da sua responsabilidade nessa tarefa, estava a imprensa, que a partir de 1945 teve no jornal *O Momento* sua maior realização. O ano de 1945 foi ventilado por vitórias democráticas, tanto em nível internacional, com o fim da Segunda Guerra Mundial, quanto nacional com a derrocada do Estado Novo. E isso se refletiu nas páginas desse periódico e no seu modo de enfrentar o “fantasma” do integralismo, que depois de golpeado anunciava ressurgir.

Segundo João Falcão, diretor de *O Momento*, nesse período o “movimento patriótico e antifascista estava em plena ascensão, como reflexo da conjuntura mundial”, circunstância em que o Comitê Regional decidiu editar o primeiro “jornal comunista” a circular legalmente no Brasil. Embora não fosse oficial do Partido, como enfatiza o próprio João Falcão, o jornal obedecia às orientações partidárias, divulgava as suas atividades, educava politicamente as “massas” e reunia a “inteligência baiana”.<sup>317</sup>

<sup>316</sup> AMADO, Jorge. *Farda Fardão Camisola de Dormir*. Rio de Janeiro, Record, 1979.

<sup>317</sup> FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 266-269.

Sonia Serra em seu trabalho sobre o “jornalismo político dos comunistas no Brasil”, afirma que, desde o período de fundação do Partido Comunista, seguindo orientações internacionais, os estatutos salientavam a importância do controle da direção sobre a imprensa partidária. O contexto de união contra o nazifascismo, segundo a autora, favoreceu o surgimento de um “novo tipo” de jornal do PCB, destinado às “massas”, proposta reforçada com a campanha da “Imprensa Popular”, lançada por Luiz Carlos Prestes, em 1946.<sup>318</sup>

A imprensa comunista, de modo geral, e o jornal *O Momento*, em particular, seguia a linha “marxista-leninista”, ao considerar os trabalhos desenvolvidos através das publicações partidárias parte do processo revolucionário, como observou Sonia Serra. Entre as diretrizes, destacavam-se a “publicização das ideias do partido, a formação de quadros, a transformação social e a tomada do poder”.<sup>319</sup> Por essa concepção, os jornais deveriam agitar e organizar as massas.

*O Momento* circulou entre abril de 1945 e novembro de 1957, inicialmente como “semanário democrático” e a partir de março de 1946, como diário. De acordo com Sonia Serra, passou por distintas fases, variando o radicalismo, conforme as orientações internacionais e nacionais do PCB e a situação política do país. No primeiro ano de existência, sobre o qual se debruça este trabalho, combinou a luta por causas populares, servindo como “porta-voz” dos trabalhadores, e combate ao nazifascismo, através da denúncia das atividades integralistas.

Nesse período, os rumos da política internacional e nacional foram decisivos para a postura assumida pela direção e redação do jornal em relação ao integralismo. As matérias voltadas para essa questão, ao tempo em que apresentavam avaliações dos fatos passados e da atuação dos comunistas na guerra contra o “nazi-integralismo”, alertavam para a possibilidade de rearticulação integralista, aludindo ao agrupamento em torno do Partido de Representação Popular (PRP) e recorrendo às “lições do passado”.

O antifascismo era visto como a “missão patriótica” do povo brasileiro, principalmente dos baianos, no novo contexto de redemocratização. No conjunto das matérias predominou

---

<sup>318</sup> Apesar disso, Prestes criticou o trabalho da imprensa do Partido, cobrando modificações no nível “político e ideológico” das redações, dentro da perspectiva marxista-leninista do jornalismo. Sonia Serra discute o “rígido controle” que a direção do PCB exercia sobre os jornais, principalmente, através da Comissão Nacional de Educação e Propaganda, que distribuía materiais de orientação e convocava reuniões com as direções. SERRA, Sonia. *Jornalismo político dos comunistas no Brasil: diretrizes e experiências da “Imprensa Popular”*. Disponível em: <[http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt\\_jmp-sonia.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_jmp-sonia.pdf)>. Acesso em: 18 de março de 2012.

<sup>319</sup> A autora faz referência, ainda, à resolução de julho de 1920, do II Congresso da III Internacional Comunista, que “cristalizou” o pensamento leninista sobre a imprensa. Ibid.

três eixos de discussões em torno dos quais os comunistas abordaram o tema do integralismo. Observou-se a constante associação entre antifascismo e classe trabalhadora, a ênfase na vitória das Nações Unidas sobre as forças opressoras do Eixo e o risco de reorganização e legalização partidária dos integralistas.

Em razão das expectativas em torno do 1º de maio, predominaram nos meses de abril e maio de 1945 matérias tratando das lutas dos operários contra o fascismo. Ao longo desses textos, o integralismo aparecia como o inimigo dos operários, que mesmo divididos em diferentes categorias aderiram aos recursos de luta por via da “União Nacional”. *O Momento* destacou o prestígio do Sindicato da Construção Civil da Bahia como um dos mais ativos núcleos de combate ao fascismo e ao integralismo, o mesmo setor que no Rio de Janeiro organizou a Comissão Pró-Democracia, pela liberdade e organização sindical e contra as provocações “nazi-integralistas”.<sup>320</sup>

Na mesma edição o periódico ressaltou a importância do Sindicato dos Estivadores como um dos maiores obstáculos contra a “infiltração do integralismo nazifascista na Bahia”, conforme a nota “O integralismo faz ameaças”, da matéria intitulada “O Sindicato dos Operários Estivadores da Cidade de Salvador”.<sup>321</sup> Os estivadores combatiam, segundo a nota, os “galinhas-verdes” de diferentes modos, como quando se recusaram a carregar a bagagem de Plínio Salgado e de seus acompanhantes em visita à Bahia nos anos de 1930. As ameaças de espancamento, depredações e assassinatos recebidas por esses operários levaram Juraci Magalhães, por intermédio do secretário de segurança, coronel João Facó, a oferecer reforços aos dirigentes do Sindicato, que recusaram, alegando saber afugentar os integralistas.

A redação do jornal também retratou a articulação de operários contra o fascismo em cidades do interior, a exemplo de Alagoinhas e Catu, uma semana após as comemorações do “Dia do Trabalho”. Com relação a Alagoinhas, referiu-se ao programa de festividades, com passeatas e comícios, organizado pelo “Centro Operário Beneficente”. Além da participação de escolas, discursaram o prefeito, o ferroviário João Severino Torres e Maria Feijó sobre a posição do proletariado contra o fascismo em todo o mundo, situação em que a professora

---

<sup>320</sup> “Vida Sindical – História do Sindicato da Construção Civil”. *O Momento*. Salvador, 9 de abril de 1945, Ano I, nº 1, p.9 e “Não esqueçamos nossa posição de vigilância contra a Quintacoluna Nazi-Integralista – Um manifesto dos trabalhadores na indústria de construção civil do Rio de Janeiro”. *O Momento*. Salvador, 30 de abril de 1945, Ano I, nº4. Todos os números deste jornal foram localizados na Biblioteca Pública do Estado da Bahia – BPEB.

<sup>321</sup> “O Sindicato dos Operários Estivadores da Cidade de Salvador”. *O Momento*. Salvador, 30 de abril de 1945, Ano I, nº 4.

ênfatiçou o papel da mulher na luta pela “democracia”, pela “liberdade” e pela “justiça social”.<sup>322</sup>

Na cidade vizinha, as comemorações em favor da democracia também ganharam as ruas, com “cortejo cívico-popular” e declarações de jovens operários da indústria fumageira, acerca da situação nacional, como as seguintes, “Os trabalhadores de Catu rendem homenagem a Luiz Carlos Prestes”, “Os operários protestam contra a organização do integralismo”.<sup>323</sup> Consta, ainda, que discursaram os antifascistas Oscar Pereira Sobrinho e o líder estudantil Antonio Carvalho Filho. Várias matérias foram direcionadas às mobilizações dos trabalhadores contra a rearticulação dos partidários de Plínio Salgado. A maioria delas contendo declarações e protestos antifascistas de líderes sindicais e de operários.

A redação do periódico, incluindo o diretor João Falcão, visitava bairros e locais de trabalho, promovendo debates e realizando entrevistas. Permitia a manifestação popular através dos autôfalantes e no dia seguinte publicava a matéria com fotos.<sup>324</sup> Ao contrário da imprensa integralista, em parte examinada neste trabalho, *O Momento* não visava o “doutrinação”, como salienta Sonia Serra, ao referir-se à busca de um “canal” de comunicação dos comunistas com as massas.

Como a designação do semanário sugere, *O Momento* refletia o clima político daqueles anos de democratização, anistia aos presos políticos, de vitória das Nações Unidas e de derrota do nazifascismo, que significava para os comunistas baianos o fim do integralismo. Como se observou no discurso do periódico, diante do fracasso das forças do Eixo em plano internacional, não restava saída para o seu representante no Brasil. Convivia com essa certeza, no entanto, a insegurança em relação às possibilidades de ressurgimento da AIB, através do PRP. Ao longo das edições, os redatores alternaram discursos comemorativos e sinais de alerta.

É exemplar, nesse sentido, a matéria “Sólida Demonstração de Unidade: As comemorações da queda de Berlim – Passeatas e comícios – O povo repele os provocadores”, tratando das festividades na capital no período da vitória dos Aliados, ocasião em que os

<sup>322</sup> “O 1º de Maio em Alagoinhas: os trabalhadores querem a destruição do fascismo e um clima de ordem e liberdade para a vitória das reivindicações populares”. *O Momento*. Salvador, 7 de maio de 1945, Ano I, nº 5.

<sup>323</sup> “Grandes Manifestações em Catu”. *O Momento*. Salvador, 7 de maio de 1945, Ano I, nº 5.

<sup>324</sup> João Falcão trata da proibição dessas atividades por parte da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS). FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1988, p. 315-316.

oradores ressaltaram a importância da luta contínua contra o fascismo pelo mundo.<sup>325</sup> A notícia listava nomes de antifascistas, como do acadêmico e secretário de Defesa Nacional da U.E.B, Raimundo Schaun, de Manuel Caetano Filho, da Legião dos Médicos, do professor Luiz Rogério e de Manuel Novais, que emitiram alertas contra a reorganização do integralismo. Otávio Mangabeira, Armando Sales e Luiz Carlos Prestes foram colocados no mesmo nível de “mais populares dirigentes das correntes antifascistas do Brasil”, referência que se modificaria em relação a Otávio Mangabeira no final do ano, quando passou a ser, em matérias do jornal, um reacionário.

Enfáticos, pelo que se extrai da cobertura do jornal, foram os discursos de Manuel Novais, que lembrou a ação de Juraci Magalhães no combate ao integralismo e reafirmou a importância de se manter a “praga verde” na ilegalidade, do professor Luiz Rogério, que observou a necessidade de, além de decretar leis contra o integralismo, criar condições para que o brasileiro não vivesse sob a ameaça de seu reaparecimento, e de Alaide Hart Madureira alertando as mulheres católicas da farsa integralista, sob título de “Cristo e Nação”.

Longas e incansáveis matérias foram destinadas ao tema de reorganização partidária do integralismo. O jornal transformou-se em um espaço para avaliações e denúncias das atividades de Plínio Salgado e das estratégias dos integralistas em geral, onde o passado era recuperado como justificativa para os julgamentos do presente. Nas páginas de *O Momento* foi contada a história do integralismo na Bahia em uma única matéria fracionada em duas edições, que retratava o rápido desenvolvimento e as consequências disso no estado. O texto remonta ao ano de surgimento da AIB, perpassa pela fixação e expansão do movimento, relata algumas atividades “criminosas” dos integralistas e finaliza com as ações repressivas do então governador Juraci Magalhães.<sup>326</sup>

A matéria destaca que a Bahia foi um dos primeiros estados onde o integralismo “deitou raízes”, logo após a fundação da AIB, em São Paulo. Na capital baiana, a partir do “grupo de centralização provincial”, do qual fizeram parte João Alves dos Santos, Dan Nunes Maia, Gil Nunes Maia, Inocêncio Cesimbra e Hebert Parentes Fortes, o integralismo expandiu-se bastante. Como afirma a matéria, inicialmente reunia-se como qualquer outro grupo de “letrados” e “oradores”, que dizia fazer um “movimento de ideias”, em pouco tempo transformando-se em uma organização de tipo fascista.

<sup>325</sup> “Sólida Demonstração de Unidade: As comemorações da queda de Berlim – Passeatas e comícios – O povo repele os provocadores”. *O Momento*. Salvador, 7 de maio de 1945, Ano I, nº 5.

<sup>326</sup> “O Integralismo na Bahia”. *O Momento*. Salvador, 28 de maio de 1945, ano I, n. 8.; 4 de junho de 1945, n. 9, p. 8. e 11 de junho de 1945, n. 10, p. 3.

Desde que a primeira “bandeira” integralista chefiada por Plínio Salgado visitou a Bahia, em agosto de 1933, o movimento já estava, conforme a matéria, em ascensão. Os desfiles e as conferências feitas pelo chefe nacional, ao explorar os “sentimentos católicos” da sociedade baiana, utilizar o argumento do “perigo comunista” e tratar da “missão nacionalista” da AIB, serviram para consolidar o integralismo no estado. Figuras a exemplo de Milcíades Ponciano Jaqueira, um dos chefes provinciais, Victor Hugo Aranha, diretor de *O Imparcial* e do professor Hebert Fortes assumiram papel importante no recrutamento de jovens e na divulgação da doutrina.

Já em 1934, como enfatiza a matéria, o integralismo na Bahia poderia ser considerado um “movimento de massas”, que se espalhava rapidamente pelo interior. Ilhéus e Rio Novo (Ipiaú) foram reconhecidas por “cidades verdes”. Itabuna, Jequié, Porções, Santa Inês, Conquista, Pombal e Serrinha foram outros redutos integralistas. Como destacou *O Momento*, o integralismo formou sua “base social” entre os “senhores feudais” do interior do estado e a parcela da classe média urbana.<sup>327</sup> Em 1935, ano de muita atividade para os integralistas, além do movimento ter crescido em municípios do interior, expandiu-se pelo setor militar, favorecendo os camisas verdes em seus atentados criminosos.<sup>328</sup>

Anos depois do surto dos camisas verdes, *O Momento* registrou que o integralismo deixara de ser simples “clubes literários de 1932” e se preparara para tomar o poder. Nesse aspecto, o jornal lembrou a tentativa de golpe dos integralistas, em setembro de 1936, contra o governo local e a repressão de Juraci Magalhães, ocasião em que a sede do partido foi fechada, arquivos, armas e fichários apreendidos, núcleos de bairros ocupados, casas invadidas e redutos vasculhados no interior.

Os atentados dos integralistas contra a democracia, como destacou o jornal, não se restringiram à Bahia, nem ao período em que gozavam de certa liberdade, mas se repetiram em outros momentos do final dos anos de 1930 a meados dos de 1940, durante, por exemplo, a ação golpista de 11 de maio de 1938. Contra fatos desse tipo e pautados na memória, o que justificava o esforço em escrever a história do integralismo na Bahia, os comunistas através do jornal convidavam os brasileiros a se aliarem às “organizações patrióticas”. A tentativa de tomada do Palácio Guanabara somado aos resultados da Segunda Guerra Mundial produziu nas páginas do periódico um efeito de razões incontestáveis acerca do fim que deveria ser dado ao integralismo.

<sup>327</sup> “O Integralismo na Bahia”. *O Momento*. Salvador, 28 de maio de 1945, ano I, n. 8.

<sup>328</sup> “O Integralismo na Bahia”. *O Momento*. Salvador, 11 de junho de 1945, n. 10, p. 3.

Em torno das figuras de Belmiro Valverde e Plínio Salgado, os comunistas recuperaram as polêmicas acerca da responsabilidade de cada um na tentativa de assalto ao Palácio Guanabara, ao Ministério da Marinha e às residências de militares e de políticos, em maio de 1938. Ao chefe da AIB foi atribuída a autoria da ação do grupo, motivo pelo qual recebeu a acusação de “traidor”.<sup>329</sup> Plínio Salgado também foi considerado “covarde” por não ter assumido a culpa da iniciativa *putschista* perpetrada por Belmiro Valverde que garantiu, em depoimento, o recebimento de ordens por escrito do Chefe. Consta também que na casa onde Plínio Salgado se escondeu foram apreendidas armas, motocicletas, camisas verdes e lenços brancos com a palavra “avante” em letras verdes.

*O Momento* fez ainda especulações acerca das ligações entre integralistas, ou “sigmóides”, e o Banco Germânico, descobertas a partir das investigações policiais sobre a tentativa golpista. Entre os materiais apreendidos, foram encontrados retratos de Hitler, armas alemãs e punhais com a “cruz suástica” gravados.<sup>330</sup> O jornal é permeado de fotos de punhais e cadáveres em referência aos métodos nazifascistas de ação dos integralistas. Além de conter caricaturas do chefe do movimento, Plínio Salgado.

A associação aos fascismos europeus, algo recorrente entre os recursos de combate reunidos pelos comunistas, ganhou força nesses discursos, em consequência das mudanças na política internacional. Em um texto afirmou-se que o integralismo continuava a ser fascismo, tanto pelos fins buscados, quanto pelos meios empregados, motivo pelo qual deveria ser posto na ilegalidade.<sup>331</sup> Outra matéria, bem mais explicativa, intitulada “O povo deve ser consultado – Participação organizada das massas populares na orientação e nas deliberações das correntes políticas”, também se referiu às semelhanças entre o integralismo e o nazismo. Conforme o texto, com a derrota “militar, política e moral” do hitlerismo, os integralistas perderam suas bases buscando criar, com o apoio da Igreja Católica, um “fascismo de novo tipo”, sob a bandeira de “Cristo e Nação”.

A notícia da entrevista concedida no estrangeiro por Plínio Salgado e divulgada pela imprensa nacional revelou o seu plano de rearticulação, através da fundação de um partido. E mais uma vez os comunistas exortaram os baianos a lutar contra as pretensões de reorganização partidária, à sombra dos ensinamentos católicos, dos integralistas. Recobrando a memória dos brasileiros asseguraram:

<sup>329</sup> “Uma advertência ao povo do Brasil”. *O Momento*. Salvador, 14 de maio de 1945, Ano I, n° 6.

<sup>330</sup> “O Banco Germânico”. *O Momento*. Salvador, 14 de maio de 1945, Ano I, n° 6.

<sup>331</sup> “Não pode haver liberdade para o Integralismo”. *O Momento*. Salvador, 30 de abril de 1945, Ano I, n° 4.

Na verdade, só os desmemoriados poderiam esquecer a campanha contra as democracias e contra a União Soviética promovida pelos integralistas e endeusamento que, até bem pouco faziam dos regimes políticos da Itália e Alemanha. Só esses desmemoriados poderiam esquecer as ligações diretas, reveladas após o golpe integralista de maio de 38, entre os fascistas brasileiros e a quintacoluna nazista. Enfim, só os desmemoriados poderiam esquecer a participação de destacadas figuras integralistas na espionagem eixista, que culminou com o torpedeamento dos nossos navios mercantes e o assassinato de centenas de brasileiros indefesos.<sup>332</sup>

Os integralistas não só representavam para os comunistas os fascismos no Brasil, como se esforçavam em copiá-los, em seus símbolos, místicas, rituais e métodos de ação, evidenciando a ligação com Hitler e Mussolini. A fim de assegurar o caráter antidemocrático da AIB, emitiram a seguinte sentença:

[...] Se as camisas e os anuês foram sua exteriorização espetacular, sua identidade pública, também os métodos de ação, seu desprezo monstruoso pelo povo, seus crimes, sua virulência antissemita, enfim, o conteúdo doutrinário, nunca deixaram a menor dúvida de se tratar o Integralismo de um ajuntamento tipicamente inspirado nas “teorias” ditadas por Roma e Berlim.<sup>333</sup>

A redação recorria às atitudes e aos pensamentos de lideranças nacionais do integralismo para demonstrar que a identificação ao fascismo tem base concreta, quando não é certificada pelos próprios integralistas. Foi o caso da referência feita a uma parte do livro *Espírito do Século XX*, de Gustavo Barroso, que trata da “força” da reação pelo mundo e identifica na importância dada à “prática” e à “teoria” a diferença entre fascismo e integralismo.<sup>334</sup> O antissemitismo expresso na carta de 1944 enviada à “Aliança Racista Europeia” por Gustavo Barroso e, segundo a nota, autorizada por Plínio Salgado, através da qual pediram instruções para a elaboração de uma campanha antissemita, também foi lembrado com o intuito de aproximar integralismo e nazifascismo.<sup>335</sup>

No período em que os integralistas lançaram a “Carta Aberta à Nação”, publicada em maio de 1945, os comunistas intensificaram as associações ao nazifascismo, apelando pelo julgamento do “tribunal da opinião pública”.<sup>336</sup> O espaço do jornal foi aproveitado para divulgação dos planos de ação dos estudantes baianos contra a reorganização do partido

<sup>332</sup> “O povo deve ser consultado – Participação organizada das massas populares na orientação e nas deliberações das correntes políticas”. *O Momento*. Salvador, 16 de abril de 1945, Ano I, n. 2.

<sup>333</sup> “Uma cópia fascista”. *O Momento*. Salvador, 21 de maio de 1945, Ano I, n.º 7.

<sup>334</sup> “Como Gustavo Barroso explicava o integralismo”. *O Momento*. Salvador, 21 de maio de 1945, Ano I, n.º 7.

<sup>335</sup> “Antissemitismo”. *O Momento*. Salvador, 21 de maio de 1945, Ano I, n.º 7.

<sup>336</sup> “Punição para os traidores do Brasil – O tribunal da opinião pública já condenou os criminosos integralistas – Espiões, agentes de Hitler e sabotadores do esforço de guerra – A mística do Chefe Nacional intangível e infalível”. *O Momento*. Salvador, 21 de maio de 1945, Ano I, n.º 7.

integralista. A União dos Estudantes da Bahia (UEB) promoveu uma campanha antifascista, que resultou em passeatas, reuniões e culminou na realização, em Salvador, da “Semana Anti-integralista”. As resoluções da reunião que precedeu o evento seguiram orientações semelhantes às dos comunistas, de combate ao integralismo e de campanha contra a sua legalização.<sup>337</sup>

A proposta da “semana anti-integralista” era parte das atividades desenvolvidas por organizações patrióticas, estudantes e trabalhadores, com o intuito de informar a população acerca das “manobras” integralistas. O programa consistia na realização de conferências em escolas, sindicatos e bairros populares, com distribuição de manifestos e contava com o apoio de antifascistas. Dividia-se em quatro fases, a “Semana estudantil”, a “Semana trabalhista”, a “Semana dos bairros” e a “Semana do interior”. *O Momento* salientou que o “movimento popular anti-integralista” cresceu e conquistou adesões de setores antifascistas no sul, sudoeste e sertão da Bahia.<sup>338</sup>

O jornal deu grande visibilidade às condições da luta anti-integralista no interior do estado, sobretudo a partir de junho de 1945. Ao retratar a mobilização patriótica em vários municípios da Bahia, denunciou focos integralistas que resistiram ao tempo e alertou o povo sobre as novas estratégias dos seguidores de Plínio Salgado, além dos velhos métodos de ação aos quais ainda recorriam. De cidades como Vitória da Conquista, Itabuna, Ilhéus, Feira de Santana, entre outras, foram noticiados os sucessos da campanha contra a rearticulação fascista. Nesses municípios circularam manifestos, muitos deles remetidos às autoridades policiais, foram realizados comícios e instalados Comitês municipais e distritais do Partido Comunista.<sup>339</sup> Eram manifestações de apoio às organizações democráticas e de protesto contra as atividades dos integralistas locais, em muitos casos auxiliados por indivíduos da administração pública.

Sucessivas matérias e notas referiram-se ao clima de “desordem” e “confusão”, criado pelo integralismo para prejudicar o “desenvolvimento pacífico da democracia” no Brasil. Os

---

<sup>337</sup> “O povo baiano repele o integralismo – reagirá organizadamente contra as manobras dos fascistas brasileiros”. *O Momento*. Salvador, 28 de maio de 1945, Ano I, n. 8, p. 4.

<sup>338</sup> “Todo povo baiano mobilizado contra o Integralismo”. *O Momento*. Salvador, 11 de junho de 1945, n. 10, p. 3.

<sup>339</sup> “Notícias de Conquista – Artigo de um ex-integralista”; “O povo de Conquista contra o integralismo – lançado um manifesto contra a rearticulação dos traidores verdes”. *O Momento*. Salvador, 18 de junho de 1945, Ano I, n. 11, p. 4.; “Grande comício antifascista”. *O Momento*. Salvador, 2 de julho de 1945, Ano I, n. 13, p. 5.; “Contra o integralismo – Fundado um Comitê em Itabuna – Comitê Popular contra o integralismo”; “Contra a rearticulação integralista – veemente protesto do povo de Ilhéus, contra a conspiração dos fascistas plinianos”. *O Momento*. Salvador, 1 de outubro de 1945, Ano I, n. 26.; “O povo feirense repudiou o Manifesto-Diretiva – Passeata anti-integralista”. *O Momento*. Salvador, 8 de outubro de 1945, Ano I, n. 27.

integralistas eram responsabilizados por arruaças, provocações, principalmente contra comunistas, por agressões físicas e assassinatos. Aproveitavam-se, conforme o jornal, de cargos administrativos e da “fé católica” em alguns municípios. São Félix e Catu foram, segundo o jornal, exemplos de cidades onde os camisas verdes utilizaram o ambiente da igreja para provocar discórdias e disseminar o anticomunismo.<sup>340</sup>

Em Catu, foi instalada, no dia 6 de outubro de 1945, a “Liga Eleitoral Católica”, cerimônia na qual antigos integralistas, a exemplo de Rubem Nogueira e da professora Elena Araújo, irmã do ex-chefe provincial Joaquim Araújo Lima e do ex-chefe municipal José Araújo Lima, atacaram publicamente os comunistas, atitude que, segundo a nota de *O Momento*, “chocou” a população. Meses após o episódio, em fevereiro de 1946, o jornal publicava nova matéria abordando a mesma questão e fazendo mais uma vez referência à liga criada no meio católico. Dessa vez, porém, acusava o padre Francisco Reis de envolvimento com o comitê da “liga nazista”, fundada por José Araújo Lima.<sup>341</sup>

Ainda de Catu o jornal tratou da articulação de integralistas locais, a exemplo de Eliseu Freitas e dos da família Araújo Lima, com os de Alagoinhas e Serrinha. À semelhança de Catu, Serrinha era outro foco de antigas lideranças integralistas, denunciado pelos comunistas, a despeito do trabalho de antifascistas, a exemplo de Oscar Pereira Sobrinho, no caso de Catu e de João Caria, ex-delegado de Serrinha. A casa “Pérola” que foi nos anos de 1930 ponto de venda da bibliografia do Sigma e propriedade do integralista Antonio Freitas, candidato ao executivo municipal, em 1936, continuava fazendo propaganda aberta do integralismo. Na vitrine da loja, liam-se, segundo os comunistas, frases do tipo: “O integralismo jamais traiu o Brasil”.<sup>342</sup>

A rearticulação dos integralistas revelada também através da publicação da “Carta Aberta à Nação Brasileira”, de maio de 1945, e do “Manifesto-Diretiva”, publicado em setembro de 1945 pela imprensa, provocou reações contra os setores políticos que se diziam “democráticos”, mas que para os comunistas concediam espaço aos fascistas. *O Momento* publicou uma nota pedindo ao povo para conferir esse fato e reconhecer que, ao contrário,

<sup>340</sup> “Notícias dos municípios – Catu”. *O Momento*. Salvador, 8 de outubro de 1945, n. 27.; “Notícias dos municípios – São Felix”. *O Momento*. Salvador, 22 de outubro de 1945, Ano I, n. 29.; “Conspiram os integralistas – Reuniões em casas populares – Perturbam a ordem e a tranquilidade”. *O Momento*. Salvador, 24 de setembro de 1945, Ano I, n. 25, p.1 e p. 8.

<sup>341</sup> “Notícias dos municípios – Catu”. *O Momento*. Salvador, 8 de outubro de 1945, n. 27.; “A 5ª coluna integralista em Catu – Os traidores verdes procuram infiltrar-se no meio da Igreja local”. *O Momento*. Salvador, 4 de fevereiro de 1946, Ano I.

<sup>342</sup> “Notícias dos municípios – Serrinha”. *O Momento*. Salvador, 22 de outubro de 1945, Ano I, n. 29.

este semanário dirigia-se à classe operária e ao povo com alertas sobre o perigo integralista, assim cumprindo a sua “missão patriótica”.<sup>343</sup>

O consentimento em relação às atividades dos integralistas era considerado uma traição aos brasileiros e aos “heróis” que morreram pela democracia na guerra. Em razão disso, o jornal deu ampla cobertura ao retorno da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e divulgou depoimentos de pracinhas tratando da luta contra o nazifascismo, na Europa e o integralismo, no Brasil.<sup>344</sup> Nesse contexto de fim de guerra, o integralismo representava um risco ao processo de “democratização pacífica” do país, um agente de desordem no meio político. O Partido Comunista assumia-se guardião da “ordem”, da “paz” e da “tranquilidade”. Era a nova bandeira de luta que se somava à proposta de “União Nacional”.<sup>345</sup> À medida que se aproximava o fim do ano, portanto, os comunistas reivindicavam “ordem e tranquilidade”, garantia de sobrevivência para o Partido.

Na segunda metade do ano de 1945, fizeram campanha a favor da Assembleia Constituinte e, com a notícia da sua convocação, trataram no jornal da repercussão positiva que o fato teve no interior. Os comunistas congregados no jornal apoiaram a candidatura do engenheiro Yedo Fiúza à presidência da República e dedicaram seguidas edições à campanha de Yedo Fiúza e Luiz Carlos Prestes.<sup>346</sup>

Depois de terem insinuado apoio à interventoria do general Renato Onofre Pinto Aleixo, em função da manifestação do interventor contra o integralismo e favorável à legalidade do PCB, os comunistas declararam também divergências com as correntes políticas “reacionárias” que apoiavam o PRP. Especificamente na nota “Caíram as máscaras dos politiquieiros”, reconheceram semelhanças entre udenistas, pessedistas e integralistas, sobretudo quanto ao ódio alimentado contra o povo e o PC. As correntes e os nomes de

<sup>343</sup> “O povo não permitirá a reorganização fascista”. *O Momento*. Salvador, 17 de setembro de 1945, Ano I, n. 24, p. 1.; “Conspiram os integralistas – Reuniões em casas populares – Perturbam a ordem e a tranquilidade”. *O Momento*. Salvador, 24 de setembro de 1945, Ano I, n. 25, p.1 e p. 8.; “Que faz a imprensa com os integralistas?”. *O Momento*. Salvador, 14 de janeiro de 1946, n. 44, p. 1 e p. 4.

<sup>344</sup> “Os pracinhas brasileiros contra a rearticulação integralista”. *O Momento*. Salvador, 27 de agosto de 1945, Ano I, n. 21, p. 1 e p. 7.; “Permitir a rearticulação integralista é um ultraje aos que morreram pela Democracia”. *O Momento*. Salvador, 17 de setembro de 1945, Ano I, n. 24, p. 1 e p. 6.; “Desejamos a paz e a democracia”. *O Momento*. Salvador, 1 de outubro de 1945, Ano I, n. 26, p. 1 e p. 6.; “Heróis da FEB nas fileiras do partido comunista”. *O Momento*. Salvador, 7 de janeiro de 1946, Ano I, n. 43, p. 3 e p. 6.

<sup>345</sup> “Integralistas fomentam desordens no sul do estado”. *O Momento*. Salvador, 13 de agosto de 1945, Ano I, n. 19, p. 1.; “Rearticulação de traidores”. *O Momento*. Salvador, 20 de agosto de 1945, Ano I, n. 20, p. 2.

<sup>346</sup> *O Momento*. Salvador, 19 de novembro de 1945, Ano I, n. 33.; 24 de novembro de 1945, Ano I, n. 34.

Otávio Mangabeira e Juraci Magalhães foram criticados não só pelo anticomunismo, mas principalmente pelo apoio ao reaparecimento do integralismo.<sup>347</sup>

Registraram também o desprestígio dessas correntes, ao acusá-las de reacionárias, e o insucesso eleitoral de Otávio Mangabeira na Bahia. Depois de ter perdido o apoio do antigo chefe do autonomismo de Alagoinhas, o falecido Dantas Bião, segundo a nota, Otávio Mangabeira perdeu força, situação que levou os comunistas baianos a enxergá-lo como um “homem do passado”:

Como se sabe a ala do Sr. Otávio Mangabeira é de tendência liberal conservadora, a qual teima em desconhecer as conquistas sociais dos últimos tempos, assumindo posição francamente reacionária. Daí o crescente desprestígio dessa corrente, desprestígio que também se reflete acentuadamente sobre a ala juracisista, em virtude de manter esta o seu apoio ao brigadeiro Gomes, depois das suas declarações ultrarreacionárias feitas em discursos seguidos. [...] A propósito do insucesso da viagem eleitoral do Sr. Otávio Mangabeira a este estado, tem-se como certo que o antigo ministro do Sr. Washington Luiz não se conseguirá eleger, porquanto já não conta com o eleitorado do Sr. Dantas Bião, antigo senador estadual e chefe político sertanejo que ao falecer legou seus bens ao Sr. Mangabeira.<sup>348</sup>

Do final de dezembro de 1945 aos primeiros meses do ano de 1946, o jornal lançou a suspeita sobre um movimento clandestino que os integralistas desenvolviam, para além da tentativa de rearticulação em torno do PRP.<sup>349</sup> Nessa fase, em que surgiram vários protestos de revogação da carta fascista de novembro de 1937, os comunistas redobram a vigilância e os apelos contra o integralismo. Desde que surgiu, portanto, o jornal *O Momento* abordou incansavelmente o perigo de rearticulação dos integralistas, fornecendo indícios das suas atividades na Bahia.

<sup>347</sup> “Opina o general Aleixo sobre a legalidade do Partido Comunista”; “Fatos da semana – Política”. *O Momento*. Salvador, 9 de julho de 1945, Ano I, n. 14. “Caíram as máscaras dos politiquieiros”; “Provocação fracassada”. *O Momento*. Salvador, 29 de novembro de 1945, Ano I, n. 37, p. 1 e p. 3.

<sup>348</sup> “Otávio Mangabeira, homem do passado”. *O Momento*. Salvador, 24 de novembro de 1945, Ano I, n. 34.

<sup>349</sup> “Novo documento revelando o caráter subversivo do Integralismo”. *O Momento*. Salvador, 31 de dezembro de 1945, n. 42.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação pretendeu reconstituir a história do integralismo em cidades do interior da Bahia, particularmente em Serrinha e Alagoinhas. Se o movimento encontrou no interior terreno fértil para se expandir, buscamos desvelar de que forma os integralistas locais agiram e asseguraram esse crescimento. Objetivamos discutir como as lideranças interpretaram e transmitiram a doutrina do Sigma aos militantes de base. Uma vez que a doutrina e a ação política imbricavam-se, tornou-se compreensível o interesse em divulgá-la de maneira simples para atrair adeptos e consolidar o projeto político que defendiam.

Como vimos, a atividade doutrinária gradual era condição para a educação das massas e a formação de uma “consciência nacional”. O poder não se constituía em preocupação imediata dos integralistas, ao menos na fase em que almejavam forjar uma “nova” consciência e fazer uma “revolução” para implantar o Estado integral. A conquista do poder, portanto, seria resultado do trabalho doutrinário que duraria anos.

Os métodos de ação, para difundir o pensamento de Plínio Salgado, variavam entre a publicação de livros e artigos, a confecção de jornais, os discursos solenes, os cursos doutrinários e a fundação de núcleos. Como foi possível perceber, principalmente em Serrinha, a partir de *O Serrinhense*, a estratégia de divulgação doutrinária através de jornais foi bastante explorada e teve eficácia. A imprensa integralista tinha uma “missão” doutrinária que foi cumprida por aquele semanário, depois de ter se transformado em um “órgão” do núcleo da AIB no município.

No semanário, as lideranças integralistas regionais e locais discutiram temas como a educação, o extremismo, a liberal democracia, o comunismo e a ANL, o capitalismo internacional, o judaísmo e o governo Vargas. Os argumentos baseavam-se em textos de Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, muitos deles publicados no jornal. O conjunto das matérias apresentou forte conteúdo antiliberal, anticomunista e antisemita. Refletiu também a alternância da posição dos integralistas agregados em *O Serrinhense* em relação ao governo Vargas, ora de favorecimento, ora de descrédito.

Rubem Nogueira, com as “palestras integralistas”, concentrou a discussão nos temas da liberal democracia e do “sufrágio universal”. Através dos textos, propunha a destruição do regime com sua própria “arma”: o voto. Esse propósito indicava a mudança tática dos integralistas em relação ao poder. Visando ao pleito de janeiro de 1936 e 1938, passaram da

via “revolucionária” para a “eleitoral”, sobretudo a partir de meados de 1935. Nessa fase, as tarefas doutrinárias estavam voltadas para a preparação dos eleitores integralistas. A própria ideia de educação das massas também ganhou essa conotação.

O jornal *O Serrinhense* divulgou, através da “Coluna Sigma”, as atividades dos chefes municipais de Serrinha e de Tucano pela região. Fundavam núcleos, organizavam sessões semanais, lançavam campanhas financeiras para difundir a doutrina e expandir o movimento. Através desse semanário foi possível perceber o nível de organização e de mobilização dos integralistas locais. Associaram, por exemplo, produtos comerciais ao integralismo, como no caso dos charutos “Anauê”, criaram o grupo teatral com o mesmo nome e fizeram propaganda das folhinhas integralistas, com o objetivo de acompanhar as pessoas em sua vida diária.

O crescimento do integralismo em Serrinha repercutiu nos resultados eleitorais de 1936. Três vereadores foram eleitos, dos doze que se candidataram pela AIB. Em Alagoinhas, elegeu-se vereador o fundador do núcleo integralista local, Alcindo de Camargo. Embora não tenha sido possível discorrer sobre as atividades dos camisas verdes neste município ao longo da década de 1930, a opção do integralista de se fazer representar no legislativo municipal indica que naquela cidade também trabalharam e alcançaram reconhecimento.

Ainda em Alagoinhas, a iniciativa de Joaquim Pinto Batista Filho, nas décadas que se seguiram ao fechamento da AIB, demonstrou que o ideal integralista resistiu ao tempo. Defendeu a doutrina do Sigma e intermediou os contatos mantidos entre integralistas locais e de outras regiões do país. Articulou-se com um grupo do Rio de Janeiro e de São Paulo que se dizia “herdeiro” do pensamento de Plínio Salgado. Foi reconhecido por um deles como o “baluarte” do movimento na Bahia. Joaquim Batista foi eleito suplente de vereador, entre 1951 e 1954, pela legenda do PSD, mas afirmou repetidas vezes que representava o Partido de Representação Popular (PRP). O espaço da câmara foi por ele transformado em palco de lutas e de implementação dos seus ideais políticos.

O desenvolvimento e a expansão da AIB na Bahia despertou, em momentos diferentes, a atenção de lideranças integralistas. Ao estado Jader Medeiros referiu-se, na década de 1980, como “Província Mártir do Integralismo”. Bem antes, na década de 1930, os jornais integralistas, a exemplo de *A Província* e *O Serrinhense* noticiaram a expansão da AIB e apontaram os redutos dos camisas verdes no interior. Essa condição da Bahia, nos anos de 1930 e de 1940, provocou reações dos grupos opositores. Além das medidas repressivas adotadas pelo governador Juraci Magalhães, os integralistas enfrentaram os embates físicos e ideológicos com os comunistas.

Entre 1938 e 1945, período em que os integralistas pareciam isolados politicamente, os comunistas baianos se lançaram em um combate sem tréguas aos adeptos de Plínio Salgado. Em um contexto favorável às forças democráticas, os comunistas, por meio da proposta de “União Nacional” com Vargas, emitiram vários alertas sobre o risco de rearticulação dos integralistas e denunciaram os focos do interior que resistiram ao tempo. Ao remeter às atividades dos camisas verdes e à força alcançada pela AIB, produziram uma memória a fim de desbaratar o nazi-integralismo.

O *corpus* documental configurado na imprensa de Serrinha e Alagoinhas permitiu recompor a história do integralismo naqueles municípios. O jornal *O Serrinhense* foi exemplar da tentativa dos camisas verdes de difundir a doutrina do Sigma pelos lugares distantes e de aproximar o militante do ideário integralista. Ao reproduzir ou interpretar o pensamento dos chefes nacionais, particularmente de Plínio Salgado, as lideranças locais tornavam o integralismo inteligível e transmitiam a ideia de modo uniforme.

Embora mantivesse um padrão de formatação, com seções destinadas aos textos doutrinários ou à cobertura das atividades dos núcleos municipais, em distritos e cidades vizinhas a Serrinha, o jornal *O Serrinhense* aliou a propaganda da doutrina do Sigma às causas sertanejas, apresentando muitas vezes o integralismo como solução para os problemas do interior. Criticou, por exemplo, as péssimas condições da educação e das estradas de ferro, que impediam o progresso da região.

Em um contexto particular de perseguição aos integralistas pelo governo estadual, surpreende que um jornal desse tipo, versão local do projeto doutrinário para implantar o Estado integral, tenha vigorado no interior. *O Serrinhense* além de ter denunciado os atentados do governo e dos chefes do situacionismo contra o integralismo, registrou o crescimento e a estabilidade alcançada pelo movimento no interior da Bahia, remetendo à imagem dos camisas verdes avançando pelas portas do sertão.

## FONTES

### **Atas da Câmara Municipal de Vereadores**

Livros de Atas da Câmara de Vereadores de Alagoinhas (1950-1954). ACMA

Livros de Atas da Câmara de Vereadores de Serrinha (1936). ACMS

### **Correspondências – APPUB**

Carta de Jader Medeiros a Joaquim Batista. Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1978.

Circular da Editora Voz do Oeste. São Paulo, 7 de novembro de 1978.

Circular da Editora Voz do Oeste. São Paulo, 23 de março de 1979.

Circular da Editora Voz do Oeste. São Paulo, 7 de outubro de 1979.

Circular da Editora Voz do Oeste. São Paulo, 19 de março de 1980.

Carta de Joaquim Batista a Carmela Patti Salgado. Alagoinhas, 24 de maio de 1980.

Circular da Editora Voz do Oeste. São Paulo, 25 de novembro de 1980.

Carta de Jader Medeiros a Joaquim Batista. Rio de Janeiro, dezembro de 1980.

Carta de Joaquim Batista a Jader Medeiros. Alagoinhas, 15 de abril de 1981.

Circular da Editora Voz do Oeste. São Paulo, 23 de abril de 1981.

Carta de Joaquim Batista a Carmela Patti Salgado. Alagoinhas, 24 de maio de 1981.

Carta de Jader Medeiros a Joaquim Pinto Batista Filho. Rio de Janeiro (RJ), 26 de maio de 1981, 2 p.

Carta de Joaquim Batista a José Batista de Carvalho. Alagoinhas, 17 de janeiro de 1984.

Carta enviada a Walter Altamirano R. Campos. Alagoinhas, Bahia, 22 de abril de 1994.

Carta de Joaquim Batista a Carmela Patti Salgado. Alagoinhas, 11 de maio de 1984.

### **Manuscritos e datilografados**

BATISTA FILHO, Joaquim Pinto. *Nostalgia ferroviária*. Alagoinhas, Bahia, 13 de maio de 1980. APPUB

CAMARGO, Alcindo de. *Teia de Prometeu*, s/d. APMOC

DUARTE, Nestor. Oração de paraninfo aos bacharéis de 1938. In: MARINHO, Josaphat. *Nestor Duarte: mestre e reformador social*. Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1994. ALB

NEVES, Maria Feijó de Souza. *Alcindo de Camargo*, s/d. APMOC

NOGUEIRA, Rubem. Discurso de agradecimento do professor Rubem Nogueira. In: *Rubem Nogueira: Homenagem aos seus oitenta anos*. Academia de Letras da Bahia; Academia de Letras Jurídicas da Bahia, 1993. ALB

“Pela Aliança Nacional Libertadora”. *Manifesto*. Bahia, março de 1935. Processo 171 do Tribunal de Segurança Nacional. AN

SALGADO, Plínio. *Manifesto de Outubro 1932 e Boletim de abril de 1933* (brochura), São Paulo, s/n/t/ - Fundo Plínio Salgado, Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, Rio Claro/SP (fotografia digital).

SALGADO, Plínio. *Manifesto-Programa* (Concretização da Doutrina do Manifesto de Outubro de 1932). Secretaria nacional de Propaganda. IV Ano da Era Integralista. RJ, 23 de janeiro de 1936.

### **Obras de Plínio Salgado**

SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956. FIGAM

\_\_\_\_\_. *Concepção Integralista do Comunismo e do Capitalismo*. Bahia, 1958. APPUB

SACERDOS, *O Homem integral e O Estado integral: filosofia política de Plínio Salgado*. 2ª ed. São Paulo: Voz do Oeste, 1987. APPUB

### **Livros de Memórias**

FALCÃO, João. *O partido comunista que eu conheci* (20 anos de clandestinidade). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

NOGUEIRA, Rubem. *O homem e o muro* (memórias políticas e outras). São Paulo: Edições GRD, 1997.

### **Jornais e Periódicos**

Jornal *A Província* (28 de fevereiro de 1935, Ano I, n. 5) – ABI

Jornal *O Serrinhense* (3 de janeiro a 29 de março de 1932; 26 de maio de 1935 a 17 de maio de 1936) – APEBa

Jornal *Correio de Alagoinhas* (1933-1934; 1942-1944) – IGHB e BPEB

Jornal *Nossos Dias* (8 de março de 1935, Ano I, n. 2) – FIGAM

Jornal *O Imparcial* (janeiro a março de 1935; janeiro e fevereiro de 1936) – BPEB

Jornal *Diário da Bahia* (1945) – BPEB

Jornal *O Momento* (1945; janeiro a março de 1946) – BPEB

Revista da *Academia de Letras da Bahia* (1987) – ALB

Revista *Seiva* (1938-1943)

## REFERÊNCIAS

- ALVES NETA, Amélia Saback. *Tempos Bambangas: memória e narrativa nos escritos de José Lemos de Sant'Ana (1930-1945)*. 2009. 64 f. Monografia – Licenciatura Plena em História, Departamento de Educação/UNEB, Campus II, 2009.
- AMADO, Jorge. *Farda Fardão Camisola de Dormir*. Rio de Janeiro, Record, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Hora da Guerra: A Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. Crônicas (1942-1944)*. Seleção de Myriam Fraga e Ilana Seltzer Goldstein; prefácio de Boris Fausto. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os ásperos tempos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BATISTA, Eliana Evangelista. *A normalista como interseção: escola, literatura, imprensa e estratégias políticas no Estado Novo (Alagoinhas/1937-1945)*. 2012. 163 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2012.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A ascensão da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 2006, v. 6, n. 1/2/3.
- BARROS, Salomão Antonio. *Vultos e Feitos do Município de Alagoinhas*. Salvador, 1979.
- BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010.
- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. 2 ed. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: UNESP
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALIL, Gilberto. *O integralismo no processo político brasileiro – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de Doutorado em História: Universidade Federal Fluminense, 2005. 819 p.
- \_\_\_\_\_. *Integralismo e Hegemonia Burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.
- \_\_\_\_\_. Os integralistas frente ao Estado Novo: euforia, decepção e subordinação. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.30, n. 1, 2010.
- \_\_\_\_\_. A imprensa integralista no Pós-Guerra: os jornais “Reação Brasileira”, “Idade Nova” e “A Marcha”. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 327-354.
- CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1991.
- CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. *Juracy Magalhães e a construção do juracisismo: um perfil da política baiana*. 2005. 173 f. Dissertação – Programa de Pós-

Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2005.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal, RN: UFRN, 1996.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: ed. UFRJ; Belo Horizonte: ed. UFMG, 1997.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Estado do Rio de Janeiro. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 241-256.

FALCÃO, João da Costa. *A história da Revista Seiva (Primeira Revista do Partido Comunista do Brasil – PCB)*. Salvador: Ponto & Vírgula publicações, 2008.

FRANCO, Tasso. *Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia*. Salvador: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

\_\_\_\_\_. *O chalé do meu avô: pedacinhos da vida*. Coleção: História da Bahia. V. 2. 1ª Ed. Salvador, Ojuobá, 2010.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em “O Imparcial” (1933-1937)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

GUEIROS, José Alberto. *O último tenente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 128-216.

GOMES, Ângela de Castro. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998.

\_\_\_\_\_. *A invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GUIMARÃES, Josué. *Os tambores silenciosos*. 19 ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

LINS, Marcelo da Silva. *Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)*. 2007. 255 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, Salvador, 2007.

LOFF, Manuel. O(s) Fascismo(s): a operatividade histórica de um conceito maldito. In: SILVA, Paulo Santos; SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. (Orgs.). *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador: EDUNEB, 2008, p. 17-34.

MAIO, M. Chor e CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 41-61.

MENDES, Sandra Regina.; SILVA, Albione Souza. Anauê! Ipiaú, a cidade verde. In: MENDES, Sandra Regina.; ANJOS, Dílson Araújo dos. (Orgs.). *Ipiaú: histórias da nossa história*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

MORAIS, Moisés Leal. *Urbanização, trabalhadores e seus interlocutores no Legislativo Municipal: Alagoinhas – Bahia, 1948-1964*. 2011. 137 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, Santo Antonio de Jesus. 2011.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Memória e história do integralismo no interior da Bahia: o povoado de Itapuhy (Sul da Bahia, 1935-1936)*. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ehosudeste/templates/htm/viiincontro/textosIntegra/JairoCarvalhodoNascimento.pdf> Acesso em: 5 de setembro de 2012.

NEGRO, Antonio Luigi.; PRIMO, Jacira. A polícia chegou e o povo sumiu: a ANL, o LEVANTE de 35 e a repressão política. In: SILVA, Paulo Santos; SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. (orgs.). *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador: EDUNEB, 2008, p. 35-74.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de.; ALCÂNTARA, Priscila Musquim. O jornal “A Marcha” e a estruturação da AIB em Petrópolis – RJ (1934). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 287-304.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Guaíba: Sob Medida, 2011, p. 19-46.

PAIXÃO. Carlos Nássaro Araújo da. *Traços da cidade de Alagoinhas: memória, política e impasses da modernização (1930-1949)*. 2009.145f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em História Regional e Local (UNEB), Santo Antonio de Jesus, 2009.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a Política Brasileira (1934-1937)*. 2006. 132 f. Dissertação – Mestrado em História Social (UFBA), Salvador, 2006.

RODRIGUES, Ana Angélica Marinho. *A. L. Machado Neto: o intelectual na província*. Salvador: Edufba, 2007.

RÉMOND, René. Uma história do presente. In: \_\_\_\_\_. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, pp. 13-36.

SA MOTTA, Rodrigo Patto. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. 2 ed. Revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder & Representação: o legislativo da Bahia na Segunda República (1930-1937)*. Salvador: Assembléia Legislativa. Assessoria de Comunicação Social, 1992.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução de Sérgio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SANTIAGO, Silviano. O intelectual modernista revisitado. In: ALMEIDA, Ana Maria de. E MIRANDA, Wander Melo (orgs.). *O eixo e a roda: memorialismo e autobiografia*. Revista de Literatura Brasileira. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, vol. 6, 1988.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. *Os impasses da estratégia: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil (1936-1948)*. São Paulo: Annablume, 2009.

SERRA, Sonia. *Jornalismo político dos comunistas no Brasil: diretrizes e experiências da “Imprensa Popular”*. Disponível em: [http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt\\_jmp-sonia.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/gt_jmp-sonia.pdf). Acesso em: 18 de março de 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático*. Bahia, 1945. Prefácio de Consuelo Novais Sampaio. Salvador: Assembleia Legislativa, 1992.

\_\_\_\_\_. O Estado Novo e os “autonomistas”: conflito político e resistência liberal na Bahia. In: SILVA, Paulo Santos; SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. (orgs.). *O Estado Novo: as múltiplas faces de uma experiência autoritária*. Salvador: EDUNEB, 2008, p. 109-138.

\_\_\_\_\_. *Âncoras de Tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUSA, Marleide Lima de Brito. *Vestígios da Ação Integralista Brasileira na Terra da Laranja*. Um estudo de caso sobre a trajetória política de um integralista em Alagoinhas. Monografia. Departamento de Educação – DEDC. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, 2005.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro; Porto Alegre, Univ. Federal do Rio Grande Sul, 1974.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo*. Verbetes – CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx> Acesso em: 29 de agosto de 2012. VASCONCELOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIANNA, Marly de A. G. *Algumas notas sobre o integralismo*. Disponível em: [http://www.achegas.net/numero/42/marly\\_42.pdf](http://www.achegas.net/numero/42/marly_42.pdf) Acesso em: 5 de setembro de 2012.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

ZOLA, Emily. *Eu acuso!* 3 ed. Revista. Tradução de Orlando F. da Silva. São Paulo: Brasil Editora S. A., s/d.